UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

ELIANE DA SILVA

AS DEVOÇÕES MARIAIS E SUAS MANIFESTAÇÕES EM CÂNTICOS BRASILEIROS: EPÍTETOS

SÃO PAULO
2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

ELIANE DA SILVA

AS DEVOÇÕES MARIAIS E SUAS MANIFESTAÇÕES EM CÂNTICOS BRASILEIROS: EPÍTETOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador:
Prof. Dr. Osvaldo Humberto Leonardi Ceschin

SÃO PAULO
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Silva, Eliane da
As devoções mariais e suas manifestações em cânticos brasileiros: epítetos / Eliane da Silva ; orientador Osvaldo Humberto Leonardi Ceschin. -- São Paulo, 2009.
162 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Maria no Brasil . 2. Cânticos mariais. 3. Interpretação de texto. 4. Epítetos. 5. Tratamentos qualificativos. I. Título. II. Ceschin, Osvaldo Humberto Leonardi.

Aos meus pais
Ovidio Lucindo e Maria Divina (in memoriam),
exemplos... para toda a vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus seis irmãos, pelos incentivos constantes, e a meus pais (*in memoriam*), que depositaram toda sua confiança em meu ser: um dia de faxina para a compra dos cadernos, um saco de milho em troca de um *Alisabel*, para que eu fosse à escola feliz com meus cabelos lisos...

Àqueles que dedicaram um pouquinho de seus momentos para investir em mim, que acreditaram que é possível avistar um sol brilhante após a intensa chuva, e que a vitória às vezes é demorada, faz cansar, desanima, mas chega. Agradeço a toda família da D. Damiana, que me incentivou e ajudou a construir meus sonhos; e em especial agradeço à Priscilla Pinto, amiga de infância que quando criança tomou do mesmo leite que eu, e depois de um certo tempo fez do leite um laço forte e para vida acadêmica me incentivou a mergulhar.

Ao professor Dr. Osvaldo Humberto Leonardi Ceschin, pela orientação precisa, e apoio no desenvolvimento e finalização da pesquisa.

Às professoras: Profª Drª Ieda Maria Alves e Profª Drª Maria Célia Pereira Lima-Hernandes, por suas críticas e sugestões, por ocasião do Exame de Qualificação.

Agradeço à amiga professora Dra. Marlene Durigan, pelo despertar do ânimo inicial, pelas palavras de apoio e apreço.

Aos auxílios e atenção da cantora e compositora Ir. Miria Kolling, da freira Julia Maria, da igreja Nossa Senhora dos pobres, e do Roberto, da Cúria Metropolitana – Ipiranga.

Sou grata também às bibliotecárias da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, por terem me ajudado a selecionar os livros de cânticos marianos.

Ao grupo de mulheres da Comunidade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo, pelas discussões sobre Maria no subsolo da Igreja.

Destaco ainda o amparo dos amigos cruspianos, em especial àqueles que pertenceram ao apto 311, Pri Pinto, Pri Duran e Luciano, pelo acolhimento, debates e companheirismo. Ao Coseas, que me cedeu uma bolsa moradia no Crusp. Aos colegas e recepcionistas dos blocos que tanto torceram por mim, Marília, Luciano, Itamar, Ailton e outros mais que não caberiam nessas linhas.

Aos amigos, que me ouviram nos momentos mais aflitos e que me auxiliaram, cada um ao seu modo: à Sandra, à Carla, Josi Terto, ao Phablo e em especial ao Márcio, que me acompanhou de perto e auxiliou em todos os momentos.

A Deus e à Nossa Senhora Aparecida, inspiradora deste trabalho.

RESUMO

SILVA, Eliane da. **As devoções mariais e suas manifestações em cânticos brasileiros**: epítetos. 2009. 162p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Este texto realiza um exame da história da religiosidade de Maria na cultura brasileira, levando em consideração os cânticos que ela inspirou e os epítetos que prevalecem nos textos. Trata-se de um estudo baseado nos critérios de análises interpretativas, que buscam oferecer subsídios para o entendimento dos hinos marianos na atualidade, visto que a bibliografia que trata do assunto é muito moderada. A análise é feita seguindo os preceitos dos dogmas marianos: Virgindade, Maternidade, Imaculada Conceição e Assunção de Maria. A partir da análise, foi possível perceber que o conceito de uma "Maria libertadora" é bastante exposto no desenvolvimento dos hinos, já que verificamos uma grande parcela de poemas com o sentido libertador. Maria é indicada como uma verdadeira "protetora" dos povos; os autores dos cantos pesquisados desenvolveram seus trabalhos colocando em evidência uma santa que está mais próxima dos problemas enfrentados pela sociedade atual. As dificuldades que os "humildes" enfrentam atualmente são evidentemente lembradas e, na maioria das vezes, focalizadas nos textos mariais com o auxílio dos epítetos apresentados.

PALAVRAS-CHAVE: Maria no Brasil. Cânticos mariais. Interpretação de texto. Epítetos. Tratamentos qualificativos.

ABSTRACT

SILVA, Eliane da. **The Marian devotions and its manifestations in Brazilian songs of praise**: epithets. 2009. 162p. Master's Dissertation – Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2009.

This text analyzes the history of the religiosity of Mary in the Brazilian culture, taking into consideration the songs which she inspired and the epithets that prevail in the texts. This is a study based on the criteria of interpretative analysis aimed to aid in the understanding of Marian hymns in the present, since the literature dealing with the subject is very moderate. The analysis is done by following the precepts of the Marian dogmas: Virginity, Divine Maternity, Immaculate Conception and Assumption of Mary. From the analysis, it was possible to realize that the concept of a "liberating Mary" is greatly exposed in the development of hymns, as we saw a large portion of poems with a liberating sense. Mary is quoted as a real "protector" of the people, the authors of the songs researched developed their work, evidencing a saint who is closer to the current problems faced by the society. The difficulties that the "humble" presently face are obviously remembered and mostly focused in the Marian texts with the aid of the epithets presented.

KEY WORDS: Mary in Brazil. Marian songs. Interpretation of text. Epithets. Qualificative treatments.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

1 A RELIGIOSIDADE EM MARIA 12

1.1 MARIA E O CONCEITO DE DEVOÇÃO 12

1.2 A DEVOÇÃO EM MARIA 14

1.3 OS DEVOTOS 17

1.4 A RELIGIOSIDADE COMO MARCO DA EXISTÊNCIA 19

2 MARIA 23

2.1 A "CHEIA DE GRAÇA" 23

2.2 MARIA NA AMÉRICA LATINA 25

2.3 NOSSA SENHORA APARECIDA, A PADROEIRA DO BRASIL 27

2.4 VIRGEM MARIA, UM MITO? 30

3 OS CÂNTICOS MARIAIS 37

3.1 O *CORPUS* 38

3.2 OS EPÍTETOS NOS HINOS MARIAIS 71

3.2.1 VIRGEM DO ROSÁRIO 76

3.2.2 VIRGEM DOLOROSA 82

3.2.3 MARIA, MÃE DE TODOS NÓS 86

3.2.4 MÃE 90

3.2.5 MÃE AGRACIADA 91

3.2.6 SENHORA GLORIOSA 92

3.2.7 AVE DO MAR ESTRELA 94

3.2.8 DA CARIDADE ESTRELA FÚLGIDA 99

3.2.9 MARIA, Ó MÃE CHEIA DE GRAÇA 101

3.2.10 MARIA DE NAZARÉ 103

3.2.11 Ó DOCE NOME 105

3.2.12 MINHA SENHORA 109

3.2.13 LADAINHA DE NOSSA SENHORA 112

3.2.14 TU ÉS A GLÓRIA DE JERUSALÉM (AVE MARIA) 114

3.2.15 ANGELICA RAINHA 116

3.2.16 BENIGNA 118
3.2.17 SENHORA APARECIDA 122
3.2.18 A RAINHA DO BRASIL 125
3.3 OS EPÍTETOS 133
3.4 QUADROS DOS TRATAMENTOS QUALIFICATIVOS E EPÍTETOS 136
3.4.1 CLASSIFICAÇÃO DOS DIFERENTES TIPOS DE EPÍTETOS 141
3.4.2 A CARACTERÍSTICA DOS EPÍTETOS 143
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 146
REFERÊNCIAS 148
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA 155
ANEXOS 157
ANEXO 1 O CÂNTICO DE MARIA, MAGNIFICAT 157
ANEXO 2 ORAÇÕES 158

INTRODUÇÃO

AVE! MARIA...

Ave! Maria das Estrelas, Ave!
Cheia de graça do luar, Maria!
Harmonia de cântico suave,
Das harpas celestiais branda harmonia... [...]

Cruz e Souza (1993)

Este estudo visa mostrar a devoção e história de Maria na cultura brasileira, sua religiosidade e as cantigas que tiveram, na contemporaneidade, Maria como inspiração, mediante a seleção dos epítetos e dos tratamentos qualificativos existentes nos cânticos. Acompanha o *corpus* um total de cinquenta textos, escolhidos por meio de análises, tomando por base os diferentes epítetos e a completude histórica refletida nos documentos.

Trata-se dos diversos títulos dados a Maria: há qualificativos que recordam sua vocação e missão em relação a Cristo e à Igreja (Mãe do Salvador, mãe do meu Senhor); que exaltam suas qualidades (Virgem Prudente, Virgem, Nobre Senhora); alguns lembram determinados fatos de sua vida (Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora das Mercês); outros a aceitam como representante de algum local ou país (Santa Padroeira do Brasil, Senhora da América Latina); muitos lembram alguma intercessão da Virgem em favor dos homens (Mãe dos pobres e fracos, Virgem dos desamparados, Mãe da humanidade); é também reconhecida pela beleza e doçura (Mãe amável, Mãe bela, Mãe querida); e assim por diante.

A presente investigação está dividida em três partes: 1) A religiosidade em Maria; 2) A história de Maria na América Latina e no Brasil, e os conceitos libertadores que a imagem da Santa brasileira representa; e 3) Interpretação dos cânticos presentes no *corpus*, tomando como ponto de partida os epítetos e/ou tratamentos qualificativos.

Na primeira parte discute-se o culto de Maria, o conceito de devoção e os elementos voltados ao devoto. Aborda-se também o papel libertador de Maria e a sua importância no meio religioso, sabendo-se que os valores mais característicos do Cristianismo estão direcionados à religiosidade de Maria.

Na segunda parte são descritos alguns conhecimentos sobre Maria na América Latina e no Brasil, desenvolvendo os diversos conceitos que auxiliaram para a promoção da Virgem, como o fato dela ser considerada Padroeira de diversos países latino-americanos, inclusive do Brasil.

Nossa Senhora Aparecida, a Padroeira do Brasil, é colocada em evidência e recebe atenção especial nos hinos, os quais a denominam, com muita frequência, de "mãe libertadora dos pobres e oprimidos", "Mãe Aparecida", "Mãe de Deus e nossa".

Na terceira parte apresentam-se os estudos desenvolvidos por meio dos cantos mariais. As interpretações são feitas seguindo os propósitos de colocar os tratamentos qualificativos em evidência, sendo que alguns termos escolhidos serão apresentados como subtítulos de novas temáticas da análise, abrindo espaços para a contextualização das devoções mariais, sejam elas relacionadas aos conteúdos bíblicos ou divulgadas por crenças populares.

Os textos mariais definem-se basicamente por meio da história de Maria e dos epítetos presentes nos cinquenta cânticos selecionados para a análise; e tem por aspecto colaborador a realização da minuciosa seleção dos hinos, que, por sua vez, foram selecionados dos diversos exemplares de livros de cânticos que podem ser encontrados em muitas igrejas católicas brasileiras[1].

Com a pesquisa que identifica os diversos termos qualificativos que foram dados a Maria, verifica-se que uma numerosa parcela desses tratamentos é voltada para a ideia de uma imagem mariana libertadora, que tem por função primordial cuidar e libertar os pobres e humildes. Os muitos cantos divulgados tratam praticamente de temas relacionados à temática da Santa libertadora, talvez pelo fato de serem textos elaborados por autores brasileiros e voltados à teologia da libertação[2], e que propagam uma realidade observada no Brasil, tendo em vista que Maria é a santa escolhida por uma grande parcela do povo religioso.

Segundo Mieggue (1962), os promotores do culto de Maria julgam que por meio da veneração da Mãe possa ser reavivada a fé no Filho Jesus. Essa perspectiva ajuda a entender um pouco sobre essa devoção à Santa, que é tão persistente; ora ela é lembrada nos nomes dados às mulheres: *Maria, Maria Aparecida, Conceição Aparecida*, ora é vista em

[1] As músicas que fazem parte das coletâneas divulgadas pela Igreja Católica passam por uma seleção, assim, cada diocese fica incumbida de organizar e propagar os cantos. Reuni os cânticos utilizando alguns livros de hinos católicos, sendo que procurei por textos que exploravam a ideia da Maria libertadora e que apresentavam tratamentos qualificativos.

[2] Dos autores mencionados, descobriu-se que apenas três são estrangeiros, mas que viveram no Brasil por algum tempo.

interjeições, como *Virgem Maria!*, *Nossa Senhora!*, *Nossa!*, *Vixi!* e outras. E, em vista disso, muito bem recordada nos textos que têm algum sentido marial.

Dada a tamanha importância de Maria na cultura cristã, o presente estudo faz reflexões utilizando-se das informações contidas nos cantos. O desenvolvimento dos conceitos encontrados nos textos acontece gradativamente, fala-se desde a gravidez virginal de Maria até sua influência e acompanhamento nas manifestações do seu filho Jesus.

Os dogmas também são bem evidentes nos textos: a Maternidade Divina de Maria, a Virgindade, a Imaculada Conceição e Assunção. Como símbolos escatológicos, esses dogmas dão um forte impulso ao modo de vida compassivo e justo[3] observado nas cantigas marianas, além de indicarem uma percepção definitiva da santidade de Maria.

Tem-se então um material diverso, com epítetos e tratamentos qualificativos que são, sobretudo, confiados à Maria. Percebe-se que muitos dos títulos são basicamente ligados à representação da "Maria libertadora", havendo também uma quantidade significativa de epítetos que apresentam relação com a vida terrena, passagens bíblicas e teologias marianas. Decidiu-se, portanto, por separar os epítetos da seguinte forma: teológicos, dogmáticos, nacionalistas, populares, simbólicos e familiares.

A classificação desses epítetos é fundamental neste trabalho, porque ajuda a valorizar o texto marial, cada título propõe uma finalidade diferente e isto faz com que cada cântico tenha um propósito, uma ideia de Maria para ser transferida e aceita pelos devotos, que, por meio das músicas marianas, acabam obtendo experiências de fé cada vez mais voltadas a Maria.

Os títulos são os elementos fundamentais desta pesquisa, pois estão evidentes nos cantos e fazem parte de sua temática. Essas características fazem dos textos marianos um importante documento que pode ser avaliado mais profundamente, abrindo caminhos para o estudo da noção dos epítetos nos hinos de homenagem a Maria.

[3] Ver Coyle (1999).

1 A RELIGIOSIDADE EM MARIA

1.1 MARIA E O CONCEITO DE DEVOÇÃO

Fundamentalmente quando se inicia uma discussão que evidencie Maria, mãe de Jesus, é importante que entendamos alguns dos dogmas cristãos que auxiliam para um bom entendimento da devoção à Santa.

O termo *devoção* significa o apego sincero e fervoroso a Deus ou aos santos, sob uma forma litúrgica ou por práticas regulares privadas, em que existem um sentimento religioso e piedade infinita:

> A devoção é ainda a rainha das virtudes, sendo a perfeição da caridade como a nata para o leite, a flor para a planta, o brilho para a pedra preciosa e o perfume para o bálsamo, a qual exala por todos os lados um odor de suavidade que conforta o espírito dos homens e alegra os anjos. (SALES, 2002, p. 35).

Este zelo circunscreve-se no universo do catolicismo – e, dentro dele, no da religiosidade, mais especificamente da Religiosidade Popular. A terminologia *devoção* é popular e adquiriu, ao longo da História, certa conotação pejorativa por relativizar a importância da hierarquia clerical.

Foi desenvolvida principalmente no período da Cristandade Colonial[4], que, por questões de manutenção de poder, tinha interesse em desqualificar as manifestações religiosas populares, mantendo assim o controle sobre os religiosos. Depois do Concílio Vaticano II[5], houve uma tentativa de substituição do termo particular *devoção* ou *devoção popular* pelo termo genérico *religiosidade popular*.

---

[4] *Cristandade* "[...] trata-se de uma revivescência de uma concepção de Igreja que perdurou durante a Idade Média na Europa Ocidental. O elemento básico do modelo é o conceito de sociedade sacral. Nesse conceito de sociedade sacral ou cristandade se identificam os conceitos de fé e nacionalidade, e o catolicismo passa a ser religião oficial do Estado. Os interesses da Igreja são os interesses do Estado e vice-versa [...]" (SCHLESINGER; PORTO, 1995, p. 737).

[5] "O último Concílio Católico (Vaticano II, 11 de outubro de 1962 a 8 de dezembro de 1965) desenrolou-se sob o signo da conciliação e da unidade ecumênica. Convocado pelo Pontífice João XXIII, com a participação de mais de 2.000 bispos e superiores de Ordens Religiosas, o Concílio atenuou o centralismo pontifical, aboliu a liturgia latina, substituindo-a por línguas locais, e reconheceu o valor dos métodos de estudo histórico das matérias religiosas." (ELIADE; COULIANO, 1995, p. 120).

Isso ocorreu, conforme diz Pedro Oliveira (1988), desde o início do processo de romanização da Igreja Católica, que é um processo de reformas religiosas iniciado há mais de cem anos na Europa, durante o pontificado de Pio IX (1846-1878). Visava implantar, no mundo todo, certo padrão de catolicismo: "o modelo romano", que culminou com o Concílio Vaticano II, com a renovação da liturgia, propondo, entre outras mudanças, a de que as imagens dos santos perderiam lugar nos "espaços sagrados" dos templos. Essa devoção passou a ser vista como algo depreciativo, manifestações de fé que não se enquadravam no molde europeu.

A linguagem comum entende por *devoção* "o ato de dedicar-se ou consagrar-se a alguém ou à divindade [...] Um sentimento religioso, o culto, prática religiosa, enfim, uma dedicação íntima, uma afeição, afeto a um objeto de especial veneração." (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2001, p. 233). A devoção nasce, geralmente, da crença em determinados poderes "sobrenaturais" que o santo de devoção possa ter – frequentemente um acontecimento extraordinário, milagre ou algo do gênero que ocorreu ou que se ouviu dizer que tenha ocorrido em alguma situação.

Nesse sentido, o estudioso Azzi (1994) afirma que a devoção ao santo constitui para o fiel uma garantia do auxílio celeste às suas necessidades, e que a lealdade ao santo manifesta-se, sobretudo, no exato cumprimento das promessas feitas.

Da mesma maneira, no Ocidente, Santo Agostinho atribui, de forma contundente, um impulso poderoso a essa concepção de fé-confiança, anterior a toda religião e a toda elaboração intelectual de conteúdos dogmáticos. Em seu pequeno tratado sobre a *Utilidade de crer*, este diz:

> Se não se deve crer no que se sabe, como, eu pergunto, as crianças se submeterão a seus pais e lhes darão sua afeição se não crêem que são seus pais? Pela razão não os pode conhecer, é pela autoridade do testemunho materno que se crê que um tal homem é o pai. E mesmo sobre a mãe, não é a ela que ordinariamente nos remetemos, mas às parteiras, às amas de leite e às domésticas, pois pode acontecer que seu filho tenha sido roubado e substituído por um outro e que ela mesma, assim enganada, engane os outros. No entanto, nós cremos, e sem a menor hesitação, embora reconhecendo que não podemos saber. Senão, não se vê que o amor familiar, esse laço sagrado da humanidade, seria profanado por um orgulho criminoso? Quem, pois, mesmo que louco, vê como culpado um homem que tenha rendido seus deveres de filho àquele que crê serem seus pais, por medo de que os possa amar em falso? (SANTO AGOSTINHO[6], 1996 apud LE GOFF, 2006, p. 412).

[6] SANTO AGOSTINHO. *A Virgem Maria*: cem textos marianos com comentários. São Paulo: Paulus, 1996.

Todavia, um santo não é considerado como tal por acaso, ele é reconhecido pelos atos, pelo amor emanado. Há um processo que o faz ser aceito na comunidade, até mesmo pelos tipos de pedidos que se diversificam e que também auxiliam na ampliação das redes devocionais (BEINERT, 1979).

Nesse sentido, até o século XI, a canonização dava-se por uniformidade de opiniões; as propostas eram encaminhadas para o Papa, por meio dos bispos, expressando o desejo das comunidades envolvidas. O santo era, basicamente, escolhido pelo povo, no entanto, a tradição oral era predominante e, portanto, haveria de contribuir para a elaboração de histórias visionárias (AUGRAS, 2005).

Muitas dessas histórias propagadas pelo povo auxiliaram para a promoção de alguns santos, o caso de Maria não foi muito diferente. Essa devoção que ao longo dos tempos foi-se multiplicando é mais do que um amor à santidade escolhida, é uma união que dura por toda a vida. O devoto precisava ter uma ligação profunda com o sujeito merecedor da devoção, vivendo em conformidade com a vida cristã e caminhando na tentativa de manter um contato de intimidade absoluta com o sujeito essencialmente puro.

Entretanto, para manter uma devoção e seguir uma vida devota, conforme Sales (2002)[7], é preciso participar também da vida e das vitórias conquistadas pelo santo, mantendo um contato diário e zelo por aquele que está cada vez mais próximo da vida do devoto. O cristão precisa criar modelos bem afastados do seu cotidiano para, ao mesmo tempo, reafirmar o contato com o santo e fortalecer a sua própria fé.

1.2 A DEVOÇÃO EM MARIA

Um dos pontos mais destacados da Igreja Católica é, em primeira ordem, a devoção em Maria, Mãe de Deus, depois aos anjos e aos santos. Os textos do Novo Testamento que discorrem sobre a Santa são sóbrios, porém densos; vários deles exprimem explicitamente a eminência de Maria e justificam o vasto interesse da Igreja pela Santa. São como as “sete joias” que adornam a Nazarena.

[7] S. Francisco de Sales tem o título de Doutor da Igreja, é titular e patrono da família salesiana.

A importância de se desenvolver um exame do tema provém basicamente do fato de que Maria não é, na vivência da Igreja, uma figura qualquer, é uma figura "central", embora não seja o centro, que é sempre Jesus Cristo.

Essa figura tão importante, considerada hiperdulia[8], é sinônimo de proteção para muitos devotos, por isso e por outros motivos que poderá ser vista ao longo de nossa pesquisa; a veneração por ela é constante e sua imagem é muito bem-vinda no meio religioso, já que se trata de uma mulher que, pelo seu histórico, reúne "todas" as qualidades de uma pessoa santa e milagrosa.

É notável que muitos esperem por ajuda e procurem em Maria uma proteção que, porventura, possam "não" encontrar em outros santos; as notícias de curas e conquistas se espalham e, assim, as pessoas querem receber a graça que outrora fora divulgada por aqueles que a receberam, promovendo consequentemente cada vez mais a autora dos prodígios.

Dos santos, acredita-se que Maria foi a escolhida pelos que dedicam uma parcela de suas vidas às devoções, por aqueles que precisam de auxílios e socorro. Pensando no número tão extenso de pessoas que apresentam essa aproximação com Maria, várias capelas foram erguidas em diversos lugares a fim de propagar cada vez mais a devoção na Nazarena.

Nessa perspectiva, a maioria das pequenas igrejas do período colonial foi construída mediante a devoção de pessoas leigas, com frequência em cumprimento de promessas feitas. Em muitas ocasiões a comunidade local se organizava para cuidar do edifício sagrado e manter o culto; não precisava ser em um espaço muito amplo, bastava-se um local, a imagem e as visitas começavam a acontecer (AZEVEDO, 2001).

É certo que, há quase dois mil anos, o culto à imagem de Maria mantém-se vivo, ainda que tenha perdido impulso em alguns períodos. Apesar de evidenciar o descompasso entre a fé popular e as ortodoxias da Igreja, seu culto nunca desapareceu e, atualmente, é um dos fenômenos mais notáveis do meio católico (PELIKAN, 2000).

Um dos suportes desse revigoramento é o das aparições[9] e mensagens. São histórias de homens e mulheres, na maior parte das vezes, pobres e simples, que teriam se comunicado com a Virgem. Em muitos casos, os "miraculados" asseguram que a viram, enquanto que em outros, garantem terem tido locuções interiores, conversas com a Santa, durante uma espécie de transe.

---

[8] É o culto especial que na religião católica é reservado a Virgem Maria, superior à dulia (que se dedica aos santos e aos anjos).

[9] Um exemplo ilustrativo e amplamente divulgado pela mídia foi a aparição da imagem da Virgem "estampada" na vidraça de uma casa da periferia de Ferraz de Vasconcelos (SP), em julho de 2002.

A hierarquia eclesial insatisfeita com a propagação de tais relatos, alerta que "a piedade cristã fez de Maria, a Mãe do Senhor, um objeto mais de culto do que de meditação, mais de louvor do que de estudo." (PELIKAN, 2000, p. 18).

Essa Santa é sinônimo de louvor e exaltação no meio religioso, principalmente no espaço do catolicismo. Levando em consideração a seguinte profecia: "Chamar-me-ão bem-aventurada" (LUCAS, 1:48), percebe-se que cada vez mais Maria torna-se viva nas devoções populares, pois veicula-se a ideia de que, com o surgimento do pecado, Deus idealizou uma criatura especial, "sem mancha de fraqueza" para gerar aquele que redimiria a humanidade.

No mesmo sentido, o Livro Cântico dos Cânticos (4:7) diz o seguinte sobre Maria "És toda bela, ó minha amiga, e não há mancha em ti". Ainda verifica-se a seguinte comparação: "Como o lírio entre os espinhos, assim é minha amiga entre as jovens" (LIVRO CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2:2).

Também, pode-se observar por meio das palavras de Santo Ambrósio[10]: "Não admira que pela mãe comece a obra daquele que vinha remir o mundo, para que ela, extraindo gratuitamente, por primeiro, o fruto da salvação, por intermédio dela se reparasse a salvação de todos" (NEVES, 1918). A Mãe de Deus, por ser considerada imaculada, pela Igreja Católica, e representante do pai na terra, é a escolhida do povo católico para ser adorada.

Seguindo esse raciocínio, nota-se que no Novo Testamento houve um crescente interesse pela pessoa de Maria. Mesmo com a ausência total da Virgem nos escritos paulinos, Mateus, Lucas e o quarto Evangelho lhe oferecem maior relevância e a colocam em importantes contextos teológicos. Assim, os dogmas de Maria não surgiram apenas pela visão histórica.

Essa busca da autenticidade sobre a Virgem nos dogmas acontece porque ela é tida como o "caso mais perfeito do Cristianismo", graças à fé maternal e à sua maternidade crente (MASCIARELLI[11], 1993 apud AZEVEDO, 2001).

Sobre esse assunto, Rahner (1989, p. 43) escreve: "Maria é a mais perfeita representação daquilo que é um cristão, pois com o acesso de sua fé na concretude física de sua maternidade divina, recebeu aquele que é a salvação de todos, Jesus Cristo, nosso Senhor."

---

[10] Santo Ambrósio é o símbolo da Igreja, renascente após os sofridos anos de vida escondida e das perseguições romanas. Santo Agostinho foi seu ouvinte contínuo, como se refere em suas *Confissões*; tendo sido batizado por ele.

[11] MASCIARELLI, Michele Giulio. Maria "LA CREDENTE". In: CONVEGNI MARIANI. *Maria nel Catechismo della Chiesa Cattolica*. Roma: Centro de Cultura Mariana, 1993. p. 21-56.

Maria, saudada como a "Cheia de Graça" pelo anjo Gabriel (LUCAS, 1:28)[12], é a virgem que se tornou a Mãe do Filho de Deus, por isso a declaração de uma sentença como dogma representa a mais alta qualificação na teologia.

Voltando-se para a visibilidade da "Cheia de Graça" no Brasil, o Movimento Mariano é perceptível de várias formas. As mais visíveis são as festas que ocorrem no Santuário de Aparecida do Norte e em Belém do Pará, onde se festeja Nossa Senhora do Círio de Nazaré[13]. Além desses, atribuem-se numerosos títulos à Virgem Maria: Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Rocio, Nossa Senhora de Guadalupe, entre outros que serão mostrados no quarto capítulo deste trabalho. Com isso, percebe-se que sempre é ressaltada a característica humana e materna de Maria nos títulos[14] que a ela são atribuídos.

1.3 OS DEVOTOS

A devoção mariana influencia muito nos processos coletivos ou públicos de uma sociedade, seja por um cunho visivelmente político ou militar ou por relacionar-se diretamente à formação da identidade nacional e social, incluindo a questão da caridade, benemerência e ajudas mútuas.

Essa caridade mariana representa uma mediação poderosa em que a religiosidade do povo pode fazer-se prática histórica. Nessa perspectiva, inicialmente vem a inculturação da fé[15] e depois aparece a sua prática social. A fé está diretamente ligada à piedade popular e esta se associa ao empenho social de cada um (BOFF, C., 2006).

Sobre o exposto, o Papa João Paulo II declarou que a realidade cultural, assinalada pela presença viva da Mãe de Deus, é um potencial que deve ser aproveitado em todas as suas virtualidades evangelizadoras frente ao futuro, para conduzir o povo das mãos de Maria até Cristo.

---

[12] Catecismo da Igreja Católica, n. 490 (VATICANO, 2008).
[13] Festejos realizados durante toda a primeira quinzena do mês de outubro.
[14] Pelikan (2000) indica, ao todo, 156 denominações da Virgem.
[15] Conforme o Le Goff e Schmitt (2006, p. 412), a ideia de fé (*fides* em latim, *pistis* em grego) constitui uma criação original do Cristianismo, pois desde os Evangelhos e as Epístolas de Paulo, ela combina a ideia de uma aceitação intelectual ou afetiva da verdade da mensagem cristã com a de um ato voluntário, sustentado pela inspiração divina, de confiança naquele que transmite essa mensagem direta (Jesus) ou indiretamente (a comunidade dos fiéis, a Igreja).

Esse povo que apresenta uma devoção por Maria acredita receber dela uma proteção infinita, enxergando na Santa caridosa e protetora um indicativo de solução para os problemas existentes. A relação cultural que a Santa tem com o povo é centrada na realização de todo tipo de proteção e libertação, que são ações recebidas e almejadas pelas pessoas[16].

A partir da evangelização da religiosidade popular, nesse caso dominada pela piedade mariana, deve-se tirar a inspiração para o urgente compromisso em favor da justiça. A esse respeito, o Papa João Paulo II, na Homilia n. 6, proferiu o seguinte discurso:

> É necessário e urgente que a mesma fé mariana e cristã impulsione para uma ação ampla em favor da paz para aqueles povos que estão sofrendo há tanto tempo. É preciso pôr em prática medidas eficazes de justiça que superem a crescente distância entre os que vivem na opulência e os que carecem das coisas mais indispensáveis [...] (BOFF, C., 2006, p. 93).[17]

Percebe-se que o pensamento citado evolui, passando de uma concepção dos pobres, entendidos como objetos dos cuidados da Igreja e do Estado, a uma concepção dos pouco favorecidos, vistos como sujeitos de sua própria libertação.

Nesse sentido, os devotos acreditam no poder concedido à Maria por Deus; as palavras do Papa confirmam o que as pessoas já diziam sobre a fé mariana e suas consequências para o meio social. As mensagens dirigidas ao povo pelo Papa João Paulo II tinham uma forte relação com a fé estabelecida com a Virgem, por meio das quais as palavras eram proferidas, na maioria das vezes, para as pessoas pobres e necessitadas, camponeses, mulheres, crianças e injustiçados em geral.

Assim, falando aos camponeses pobres da Colômbia, o Papa apresenta, em primeiro lugar, a figura popular de Maria como força de Evangelização na Homilia n. 9: “Maria... aproxima todos, especialmente os pobres, dos mais sublimes mistérios de nossa religião.” (BOFF, C., 2006, p. 95). A mensagem deixada pelo chefe máximo da Igreja Católica passa progressivamente de um olhar mais passivo dos pobres para uma postura mais ativa, sendo esta última formada por seres que devem ser libertados, tornando-se oportunamente pessoas redentoras:

---

[16] Essas pessoas são aquelas que acreditam em Maria, não importando suas religiões.

[17] Esse mesmo pensamento, segundo a mesma lógica de articulação, aparece na mensagem papal proferida na hora do ângelus, em 13 de dezembro de 1987, no dia seguinte à festa de Nossa Senhora de Guadalupe (BOFF, C., 2006).

> Sede vós próprios, queridos camponeses, através de vossa fé em Deus e do vosso senso de honra, através de vosso trabalho e apoiados em formas adequadas de associação, aptas a defender os vossos direitos, os artífices incansáveis de um desenvolvimento integral, que traga o selo de vossa humanidade e de vossa concepção cristã de vida... A fé que os pobres põem em Cristo e a esperança que depositam em seu Reino têm como modelo e protetora a Virgem Maria.[18] (BOFF, C., 2006, p. 95).

Nessa visão fervorosa, os pobres, seguindo o modelo da Virgem Maria, buscam sempre estar perto dela e mais próximos ainda de Deus, em junção com a busca de soluções para as vicissitudes enfrentadas cotidianamente. A fé que algumas pessoas têm na Virgem faz com que a aproximação à Santa seja encontrada nos mais diversos ambientes. A própria história da piedade mariana testemunha, como toda realidade viva, que a Virgem foi crescendo espiritualmente ao longo dos tempos, a partir da vivência e aproximação dos homens. Essa história realiza a profecia da mesma Maria: "Doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada." (LUCAS, 1:48). Gerações que, mesmo após alguns declínios sofridos pela Igreja Católica, continuam acreditando no poder libertador de Maria.

1.4 A RELIGIOSIDADE COMO MARCO DA EXISTÊNCIA

Em todo lugar e em todas as eras, o homem, objetivando à sua grande necessidade de preencher o vazio interior que sente como ser espiritual que é, buscou respostas para aquilo que, de uma forma racional, não consegue explicar e tem desde sempre, e em resposta a essa necessidade tem sido religioso utilizando símbolos.

A religiosidade está apoiada na visão. Há uma tendência para os sentimentos religiosos em várias partes do mundo, com diferentes intensidades e matizes que tem movido inquietações e investigações em muitos campos do saber. A busca de entendimento do significado de um movimento da religiosidade humana coloca-se diante da necessidade de uma reestruturação do ato de observar. Por certo, ao optar por uma visão de mundo definida pelo sagrado, o homem assume uma nova conduta ao mesmo tempo em que consolida uma particularidade de sua existência desde os tempos imemoriais, a busca de explicações para seu próprio mistério.

[18] Homilia n. 9 de João Paulo II.

Desse modo, considera-se que é ao olhar o mundo que se apreende os dados, percebe-se suas linhas gerais, assimila-se suas particularidades, sempre se posicionando contrária ou favoravelmente quanto a este ou aquele aspecto, deste ou daquele ângulo, mediante o valor que cada enfoque da vida e do mundo adquire nas vidas das pessoas.

Um dos valores importantes para o homem é o valor religioso, quando o assunto é religiosidade, a capacidade de olhar percorre caminhos que se coadunam às condições imperativas de entender a vida. A pessoa que vive segundo as regras de uma religião, e particularmente o religioso cristão, procura o valor profundo entre carne e espírito, na medida em que busca o conhecimento.

Para o religioso, fé e olhar são, por assim dizer, ideias correlatas. Recorda-se que o próprio ensinamento bíblico começa com a expressão "No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: 'faça-se a luz!' E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas." (GÊNESIS, 1:1-4). A essência dessa elocução se confirma na religiosidade do Cristianismo. Ao se identificar com o sagrado, o homem é inserido neste simbolismo, em uma representação de uma outra dimensão .

Muitas vezes o homem quer manifestar sua religiosidade por meio da visão. A mesma visão que o homem contempla, alcança, nesse ato de percepção, a divindade "que está no céu", "que está no meio de nós" e "que está dentro de vós". Não há a contraposição estrutural, de tipo gnóstico, entre o alto e o baixo, o além e o aquém, como se fossem dois alvos excludentes do olhar. "Quem me vê, vê o Pai." (JOÃO, 14:9). A visão penetra a humanidade de um homem chamado Jesus, captando, em um só lance, a sua figura corpórea e a sua realidade espiritual (BOSI, 1988).

A contrapartida desse aspecto é o invisível. Para o invisível, tem-se desde o descrédito até a profundeza. O que não se vê não existe, ou aquilo que se esconde, entra para a categoria da essência, daquilo que está no núcleo. Quando diante da abstração da fé, o homem busca um conhecimento baseado na percepção, ocorrendo o encontro integral com sua natureza, com sua condição de ser.

Assim, quando se diz que os estímulos da percepção não são as causas do mundo percebido, mas são eles que as revelam ou desencadeiam, não quer dizer que se possa perceber sem corpo, mas, ao contrário, que é preciso reexaminar a definição de corpo como puro objeto, para que se compreenda como pode ser o vínculo vivo com a natureza (MERLEAU-PONTY, 1971).

De uma forma ou de outra, a visibilidade, ou sua contraparte, está vinculada às imagens exteriores e interiores, portanto a um imaginário que ultrapassa os obstáculos que a vulgarmente denominada realidade torna opaca. No acasalamento do imaginário com a imaginação, os símbolos vinculam a afetividade as suas representações de forma dinâmica e organizadora.

No âmbito do sagrado, as representações ganham um sentido especial; e pode-se encontrar um dos mais profícuos pensamentos sobre a essência da religião no pensamento do grego Eliade (1996), que estuda mitos, imagens, símbolos e tradições das mais variadas religiões, de acordo com as chamadas hierofanias, ou seja, as coisas onde se manifesta o caráter sagrado das experiências.

As obras do pesquisador Eliade apresentam uma morfologia do sagrado, uma retomada dos valores absolutos do fenômeno religioso que a historicidade negligenciou. Ao definir o sagrado como aquilo que é totalmente diverso do profano, considera suas manifestações veiculadas por meio de uma hierofania (algo do sagrado que se revela).

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como qualquer coisa absolutamente diferente do profano. A fim de indicar o ato da manifestação do sagrado foi proposto o termo *hierofania*. Esse termo é cômodo, porque não implica qualquer precisão suplementar: exprime apenas o que está implicando no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado nos é mostrado (ELIADE, 1983).

A história humana apresenta diversos exemplos de hierofanias: em várias culturas, encontra-se o caráter sagrado atribuído a montanhas, astros, rios, plantas, pessoas, coisas, lugares e eventos da vida humana. Ainda conforme Eliade (1983), há sempre uma contradição em toda hierofania, pois, quando quaisquer objetos exprimem o sagrado, ele torna-se outra coisa sem, contudo, deixar de ser ele mesmo. Cada ente é sagrado, antes, ele é sacro à medida que se constitui como uma hierofania.

De igual modo, o pensador confere ao Cristianismo a mesma condição. A partir da mais elementar hierofania, por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até para a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus na pessoa de Jesus Cristo (ELIADE, 1983, p. 25-26).

Em todo lugar e em todas as eras, o homem, objetivando à sua grande necessidade de preencher o vazio interior que sente como ser espiritual que é, buscou respostas para aquilo que, de uma forma racional, não consegue explicar e tem desde sempre, e em resposta a essa necessidade tem sido religioso utilizando símbolos.

Essa forma de ver, de apreender o mundo e de aceitá-lo ocorre pela ação de simbolizar a realidade à sua volta. O sagrado é um veículo para que ele se encontre para localizar esses modelos.

O homem religioso confere às aparências das coisas e lugares outra significação que está para além de um olhar desavisado. É a partir desse olhar que por exemplo a figura de Maria histórica e simbólica se manifesta como um dos símbolos sagrados mais populares da humanidade.

2 MARIA

2.1 A "CHEIA DE GRAÇA"

"Ave Maria cheia de graça: o Senhor é convosco" foi, de acordo com a Vulgata (nome da bíblia, traduzida para o latim por S. Jerônimo, séc. IV – e declarada pelo Concílio de Trento a versão oficial da Igreja Católica), a saudação do anjo Gabriel à Maria (LUCAS, 1:28 apud PELIKAN, 2000). Reagindo contra a tradução e contra o sentido que lhe foi imputado, considerou-se que "cheia de graça" significava que Maria não era apenas objeto e receptáculo da benevolência divina, mas que, tendo a plenitude da graça, teria todo o direito de concedê-la. A versão do Rei Jaime traduz a saudação como: "Salve, agraciada" (PELIKAN, 2000).

Esse "Salve" nos remete a uma Maria que cumpre o papel da "bem-aventurada de todas as gerações" e que ocupa um lugar singular no coração dos povos – sendo venerada em suas virtudes e pelos privilégios como Mãe de Deus, intercessora e mediadora universal, continua sendo o exemplo de mulher.

Nesse sentido, a seguinte previsão, escrita em Lucas (1:48), foi feita por Maria: "Desde agora todas as gerações me chamarão bem aventurada". Essa é uma das poucas passagens do Novo Testamento que parece prever um longo período de muitas gerações, a exemplo da profecia de Cristo: "Este evangelho será pregado em todo o mundo." (MATEUS, 26:13).

Essa satisfação, em que as sucessivas gerações atribuíram à Virgem o título de "Santa", variou através dos séculos; no entanto, em todas as épocas, foram notáveis o êxito e a importância alcançados pela bem-aventurança da Virgem, tanto entre os homens como entre as mulheres, nas mais variadas situações.

Saudosa, Maria continua sendo venerada por seus feitos. Na sucessão das épocas, ela denota força e coragem para o povo. Para Pelikan (2000, p. 48), a frase "*Mulierem fortem quis inveniet*?"[19], que significa "Mulher de coragem, quem a encontrará?", evidencia a Virgem como a *Mulier Fortis*, o engrandecimento e a expressão ampliada de Maria como a Segunda Eva.

[19] Esta frase foi retirada pelo autor de Provérbios (31:10), da Bíblia Vulgata.

Assim sendo, pela importância dos fatos, ela merecia tornar-se a Padroeira da vitória; suas bênçãos foram invocadas por muitos exércitos a caminho da batalha, sobretudo na guerra contra aqueles que eram considerados inimigos da fé cristã, como o povo muçulmano. Sua imagem foi impressa nas bandeiras carregadas pelos combatentes.

Esse poder dado a Maria está voltado para a boa imagem que ela transmite aos devotos; por meio das visões apocalípticas de João pode-se entender a "supremacia" da Virgem no meio do povo: "Viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça." (APOCALIPSE, 12:1).

Tendo ou não pretendido se referir à Virgem, essa visão concordava tão bem com o modo de pensar e falar sobre Maria no início da Idade Média, não apenas no oriente como também no ocidente, do século VII ao IX, que ficou claro como "aquela visão" poderia perfeitamente servir aos propósitos da interpretação marista – pois simbolizava a mulher que fora mãe do Messias –, uma vez que o interesse pelo culto à Maria se desenvolveu um pouco mais tarde na comunidade cristã.

Em suma, é de grande importância para os fiéis cristãos confirmar que Maria é a mulher das bem-aventuranças e a escolhida humana para representar o poder divino na Terra. Os fatos narrados na extensão dos anos por apóstolos e literatos trazem à tona características louváveis a ela.

Ao longo da História, a Mãe de Deus foi retratada como "a serva do Senhor", como ela própria se denominou no Evangelho de Lucas[20], uma pessoa que se tornou um instrumento do plano divino. Em todos os séculos, ela serviu como modelo de paciência, até mesmo de equilibrada passividade, apresentando obediência inquestionável, pois, como a escolhida, acreditou infimamente nas palavras do anjo Gabriel.

Nessa perspectiva e ainda seguindo os pensamentos do pesquisador Pelikan (2000), é possível verificar o quanto a Santa é expressiva e sublime modelo de castidade; ao mesmo tempo, como mãe, ela foi excepcionalmente "bendita entre as mulheres", como afirmou Isabel e como a saúdam as palavras: "Ave, Maria", não por ser a mulher virgem, mas, especificamente, por ser a "Mãe de meu Senhor" (LUCAS, 1:42).

Assim também, de acordo com os postulados religiosos, a virgindade de Maria a faz cheia de graça; a extensão de seu nome se completa pelo fato de ser a mulher que, sem ter

[20] "Disse então Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela." (LUCAS, 1:38).

mantido relações sexuais, concebeu Jesus, como se verifica na seguinte passagem bíblica: “Como se fará isso, visto que não conheço homem algum?” (LUCAS, 1:34).

O símbolo de Maria, enquanto *theotokos*, qualifica a alma na qual Deus recebe a si mesmo, gerando-se, pois só ele é digno de tal poder. Maria representa a alma perfeitamente unificada, na qual Deus tornou-se fecundo. Ela continua virgem, pois se mantém intacta em relação a uma nova fecundidade. A Mãe de Deus simboliza a terra orientada para o céu, que se torna também a terra transformada, terra de luz; vindo daí o seu papel e a sua importância no pensamento cristão, enquanto modelo e ponte entre o terrestre e o celeste, o baixo e o alto (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995).

Com isso, verifica-se no texto do Mestre Eckhart que:

> [...] Se o homem permanecesse sempre virgem, nenhum fruto viria dele. Para tornar-se fecundo, é preciso que ele seja mulher. Mulher? É a mais nobre palavra que se possa dirigir à alma, e é bem mais nobre do que virgem. Que o homem receba Deus dele (*empfängt*); Deus nele é bom; e, nessa receptividade (*Empfänglichkeit*) ele é virgem. Mas que Deus se torne fecundo nele é melhor, pois tornar-se fecundo através do dom recebido é ficar reconhecido por este dom [sic]. (ECKHART, 2009, p. 277).

Percebe-se aqui que, quando o dom se desenvolve no homem e atinge a sua plenitude, a alma é elevada ao seu grau principal, que designa o estado da Mãe de Deus. Ela dá à luz a Deus neste mundo, que se torna aquele que ela concebe.

2.2 MARIA NA AMÉRICA LATINA

Existe um traço da dependência religiosa do povo latino-americano com relação à adoração à Virgem. A história dos necessitados está bem presente e é conhecida pelos grupos que conservam a fé e que vêm da simplicidade e da perseguição – e está baseada não apenas nos documentos oficiais julgados dignos de serem conservados, mas na sabedoria popular, nas tradições transmitidas, no simbolismo religioso.

Sobre esse assunto, o estudioso Hoonaert (1979) comenta que

> não é de outra maneira que nos é conhecida a história de Jesus de Nazaré, do povo eleito, dos apóstolos, mártires, santos, do fervor cristão através dos tempos. O simbolismo religioso, por exemplo, é fonte válida para pesquisa da vida do povo, pois a sua linhagem é sincera, embora difícil de ser interpretada. (HOONAERT, 1978, p. 13).

Tomando por base o trecho acima citado, é possível considerar que Maria é o arquétipo simbólico e a evangelizadora escolhida da América Latina, aquela que esteve sempre ao lado de Jesus, muitas vezes em momentos de dor e sofrimento, com os quais o povo oprimido sente-se identificado – ela marcou na história do povo a perspectiva de esperança, de libertação com a cruz e com a morte (*virgem dolorosa*), de identificação com os problemas do povo (*Caná*), de disponibilidade (*visita a Isabel*) e hoje é lembrada por muitos refugiados políticos e econômicos (*fuga para o Egito*), desaparecidos e martirizados (*a cruz, a solidão*) por sua força, esperança, vitória e presença missionária (MARINS, 1986).

Assim, os devotos que se identificam com Maria, levando em consideração aqueles oriundos da América Latina e que fazem as oferendas nos momentos de angústias e dificuldades, apresentam uma dedicação à Santa que, de certa forma, representa seu povo e cultura: Nossa Senhora Aparecida, da Penha, da Guia, das Graças; do Desterro, que indica saudade da terra natal; Nossa Senhora das Maravilhas (encanto); do Livramento, do Amparo, do Bom Sucesso e da Piedade (gratidão); e as imagens de Nossa Senhora das Dores, da Conceição e do Rosário refletem as vivências nos engenhos (AZEVEDO, 2001).

Essa predominância do culto mariano dá-se a partir do papel maternal e protetor que foi atribuído à Maria desde o início da colonização da América Latina (séc. XVI); a Virgem é considerada o símbolo da Igreja desde os primeiros tempos da cristandade.

Em praticamente todos os países latino-americanos, grande parte da população recorre à Maria utilizando-se dos vários tratamentos qualificativos conhecidos. A Virgem é a Padroeira de diversos países da América Latina. Suas imagens são ricas em detalhes, trazendo, em muitas situações, os traços de seu povo.

Há nesses países uma devoção mariana bem característica, começando pelo México onde a aparição da Virgem de Guadalupe é o primeiro registro dessa devoção. Podemos apresentar outros importantes santuários dedicados à Maria: Nossa Senhora de Lujá (Padroeira da Argentina); Nossa Senhora de Copacabana (Padroeira da Bolívia); Nossa Senhora do Carmo (patrona do exército chileno); Nossa Senhora de Chinquirá (foi levada ao campo de batalha na luta pela independência da Colômbia, no dia da vitória recebeu como ex-voto a espada de Símon Bolívar); Nossa Senhora da Caridade do Cobre (padroeira de Cuba);

Nossa Senhora de El Quinche (padroeira do Equador); Nossa Senhora de Suyapa (padroeira de Honduras); Nossa Senhora La Puríssima (padroeira da Nicarágua); Nossa Senhora dos Trinta e Três (padroeira do Uruguai); Nossa Senhora de Coromoto (padroeira da Venezuela); Nossa Senhora de Caacupé (padroeira do Paraguai); e Nossa Senhora Aparecida (padroeira do Brasil) (BOFF, C., 2006; MARCELO, 2006).

Nesse cenário, verifica-se que a América Latina apresenta uma devoção mariana bastante expansiva. Os atos religiosos ligados à Maria superam as diferenças de idiomas e as fronteiras territoriais estabelecidas por um processo de colonização pela força e dominação. Assim, mesmo após os quinhentos anos, essa religiosidade continua firme e consolidada nos mais diferentes ambientes sociais.

As intercessões por Maria eram constantes no meio católico latino-americano e continuam na atualidade, mesmo com diversas mudanças ocorridas no âmago religioso, tendo como exemplo o pronunciamento das igrejas evangélicas, que apregoam um sentindo mais profano à imagem da Santa escolhida como Padroeira do Brasil e de diversas outras localidades.

2.3 NOSSA SENHORA APARECIDA, A PADROEIRA DO BRASIL

Somente a grandeza teológica de Maria não é razão suficiente para explicar seu mérito sócio-histórico, há que lhe acrescentar aqui a dimensão antropológica, pela qual a Virgem veio a se tornar na história social um modelo de uma sociedade e o padrão das buscas e sonhos de um povo. Assim, se a pessoa de Maria de Nazaré se desenvolveu na célebre personagem de Nossa Senhora de Aparecida, foi em virtude dos sentimentos e experiências que habitam a alma religiosa de um povo.

O povo, necessitado de apoios religiosos, ansiosos pela cura, perdão, libertação e outros anseios, buscam em Maria de Nazaré um apoio maternal. A Virgem cumpre então o papel da “Grande Mãe”, a que protege de todos os perigos. Por esse arquétipo e por outras funções sociais, Maria ocupa um lugar singular no coração da grande maioria do povo católico brasileiro, sendo venerada em todas as virtudes e privilégios como Mãe de Deus, intercessora e mediadora universal.

Essa representação de Maria encontra-se muito presente também na alma missionária dos sacerdotes e dos religiosos, que navegavam durante meses pelos mares à procura de novas terras. Apresentavam Deus, uno e trino, por intermédio da Virgem Maria, e construíam então diversos oragos, os quais tinham a missão de intermediar o acesso a Cristo, à proteção divina (AZEVEDO, 2001).

Mesmo com as diversas capelas fixadas nos locais em que os conquistadores estrangeiros passavam, no caso brasileiro, a figura de Maria só foi publicamente reconhecida a partir do achamento, em 1717, da imagem de Nossa Senhora, na vila de Guaratinguetá, São Paulo, quando se iniciou a devoção marial.

Foi por intermédio de três pescadores, que pescavam no rio Paraíba para poder servir o ilustre visitante da Vila, o Governador D. Pedro de Almeida, representante da corte portuguesa, que a imagem de Maria foi encontrada.

Só o fato da imagem da Santa ter sido encontrada já foi considerado o primeiro milagre, tendo em vista que naquele rio, muito volumoso, era praticamente impossível encontrar objetos mais pesados do que a água que não estivessem fixados no fundo do curso de água. Sendo, o segundo milagre, o grande número de peixes pescados logo após a descoberta da imagem da Mãe de Deus (AZEVEDO, 2001).

Essa abundante pescaria pode ser considerada um prodigioso milagre, análogo ao milagre que o Novo Testamento descreve, ocorrido nas águas do Mar de Tiberíades (Lago de Genesaré) na Galileia. Nessa passagem bíblica, Jesus, ressuscitado, para se fazer conhecido pelos Apóstolos, mandou que lançassem a rede à direita da barca. Eles, embora titubeantes, atenderam ao desconhecido e tiveram uma surpresa ao verem a rede milagrosamente cheia de peixes (JÓ, 21:1-14).

As boas novas do prodigioso ato ocorrido na Vila se espalharam com muita rapidez, trazendo a partir daí uma fervorosa devoção à Maria. O fervor sem rival à Santa materializava-se no plano individual, nos sacrifícios, nas orações, nas ofertas feitas em seu nome, no plano coletivo e nas festas em sua homenagem (MACHADO, 1969).

Desde o início, a presença de Maria conferiu dignidade aos escravizados, esperança aos explorados e motivação para os movimentos de libertação, não se podendo, então, negar a devoção à Santa. Desse modo, cânticos de devoção e homenagem à Mãe de Deus foram surgindo ao longo dos anos no Brasil.

Assim, a expansão do culto mariano no Brasil caminhou junto com o processo de desenvolvimento do Estado de São Paulo: as pessoas que faziam os caminhos Rio-São Paulo,

na maioria das vezes, paravam para visitar as igrejas que mantinham a estatueta da Virgem. Como exemplo dessas visitas, é essencial que seja citada aqui a visita feita pela Princesa Isabel, em 06 de novembro de 1884, a qual assinalou em seu jornal que fez uma parada em Guaratinguetá “para subir à capela de Nossa Senhora Aparecida e fazer oração.” (AUGRAS, 2005, p. 36).

As acomodações para a imagem da Santa tiveram que receber reparos ao longo dos anos, porque as visitas, a partir do momento em que a imagem foi encontrada, aumentaram. Grandes altares foram construídos e a representação da Santa passou a ter cada vez mais notoriedade de devotos por todo o Brasil, os quais a homenageavam, e ainda a homenageiam, com fervor.

Contudo, somente no final do século XX, em 1900, foram organizadas as primeiras romarias oficiais no Brasil, com representação da população católica de São Paulo e Rio de Janeiro. E finalmente, em 1904, o episcopado paulista obteve do papa Pio X a coroação solene da estátua da Santa.

Após trinta anos de inteira dedicação à Maria pelos devotos, foi sentida a necessidade de aclamar ainda mais a imagem da Santa, intitulada de “Santa brasileira”. Com essa finalidade, os bispos do Brasil pediram ao Papa Pio XI que a representação de Nossa Senhora Aparecida fosse publicamente deferida como a Padroeira do Brasil.

Assim, a estátua de Nossa Senhora Aparecida foi transportada, por meio de trem, para a Capital Federal, onde D. Sebastião Leme oficializou a cerimônia de padroado na presença de Getúlio Vargas, o qual, naquele momento de muita alegria dos devotos, beijou os pés da imagem simbólica de Maria (SOUZA, 1996).

Antes mesmo desses acontecimentos, o Padre José Alves Vilela havia conseguido, em 1745, em Roma, a licença para o culto oficial à representação plástica de Maria e para a construção de uma capela. Para isso, apresentou três milagres atribuídos à Santa: velas que se acendiam sem explicação, a ocorrência de tremores no nicho do altar e a audição de barulhos dentro do baú em que a imagem estava. “É possível que, sem o trabalho do padre Vilela, o culto em torno da imagem não tivesse alcançado a projeção que conhecemos”, afirma a pesquisadora Martha dos Reis (1999). Ele tomou para si uma manifestação religiosa doméstica e a desenvolveu numa região repleta de conflitos e sofrimentos, em que o apego à fé pode ser visto como consequência natural das dores da vida.

Após ocorrências como as citadas anteriormente, verificou-se uma forte corrida da sociedade devota da época ao encontro da imagem de Nossa Senhora de Aparecida. Tudo se

passa como se, no próprio conteúdo teológico do mistério de Maria, já estivesse entalhado um destino, que faria dela o que ela se tornou no curso da história da devoção mariana no Brasil.

2.4 VIRGEM MARIA, UM MITO?

Para muitos a figura de Maria é um mito, levando a pensar no fenômeno de sua popularidade por duas direções: o do indivíduo e sua necessidade de comunhão com o sagrado, e o do ser social enquanto existência representada.

Em ambos os casos, Maria se estabelece como símbolo e como tal está envolta por teorias, pelo estado perceptivo que envolve um determinado olhar do mundo, no caso relacionado à fé, quanto ao imaginário simbólico tradutor de identidades e aspirações.

Em relação aos devotos de Maria, seria possível entender que, ao contemplá-la em sua santidade, comungam dessa santificação, ou seja, dois movimentos são efetuados: o primeiro ocorre quando se aproximam da condição sacra do símbolo e o segundo dá-se quando se afastam do estado profano, que suas concepções de mundo consideram impróprios.

Essa ideia da existência de um mundo agressivo faz com que haja uma compreensão na mudança do comportamento das pessoas, uma vez que esta está diretamente ligada à interpretação que fazem da realidade. Observe-se ainda que essa impressão do mundo avalia uma realidade e não a realidade em si, daí o fato de ela ser diferente para cada pessoa. Cada humano percebe um objeto ou uma situação de acordo com os aspectos que têm importância para si.

No entanto, o objeto percebido precisa ter embasamento na realidade de uma pessoa, pois, caso contrário, ela pode, literalmente, não percebê-la. Maria é percebida como santa e Mãe de Deus, porque a história dela muitas vezes consegue confirmar a igreja e o evangelho, os quais buscam revelar a importância de Maria para a humanidade, conseguem confirmar.

A compreensão e a percepção da existência da figura de Maria estão voltadas para a satisfação, o prazer, enfim, para razões e, principalmente, para emoções e sentimentos que movem o modo de ser de cada um, particularmente o interesse, a necessidade e a expectativa de se conseguir a ajuda esperada.

A percepção é avaliada como parte integrante do processo de conhecimento e, dependendo do observado, o componente visual torna-se essencial, porque a noção do espaço se processa a partir da forma física, que é percebida determinantemente pela visão.

Na medida em que o religioso se dedica à Maria, sendo ela considerada a "eleita do Senhor", está simbolicamente se colocando nas fileiras dos eleitos e saindo, ainda que de forma abstrata, do corpo dos excluídos.

Quando se relaciona a percepção visual à fé que os devotos dedicam à Virgem Maria, tanto se é referido ao espaço fisicamente construído, o mundo tal qual existe, quanto à posição que o homem, no caso o devoto, ocupa dentro deste mundo em um processo de redimensionamento do ser/estar na vida.

Nesse sentido, o Cristianismo, que toma Jesus Cristo como seu fundador e passa a se expandir geograficamente por toda a Terra, é o maior exemplo de tal expansão; a qual foi amparada pela ação do Império Romano (até o século IV) e ocupando praticamente todo o universo conhecido da época – a expansão continua até a atualidade. Com os descobrimentos do século XVI o comércio facilitou a expansão cristã. Da expansão cristã nos tempos romanos à atualidade, têm-se locais sagrados que variam em tamanho e importância, desde um pequeno crucifixo à beira da estrada até grandes santuários, como a Basílica de Nossa Senhora Aparecida, no Estado de São Paulo (FRANÇA, 1972).

Porém a abordagem aqui feita põe em foco mais do que uma questão geográfica. O destaque necessário diz respeito à sacralização do mundo e à inserção do homem religioso neste espaço que, a partir da forma como é percebido, estabelece outras relações entre o próprio homem e o mundo, baseadas no culto do sagrado.

Essa santificação do espaço-mundo corresponde à tentativa de orientação para metas que estão para além das limitações e parcialidades profanas. A despeito dessa condição a-profana aparecer com predomínio na atualidade, a oposição entre sagrado e profano, que por via de regra norteia a visão que define esferas da vida humana, mostra-se inoperante quando se considera que,

> seja qual for o grau da dês-sacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso [...] até a existência mais dês-sacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo. (ELIADE, 1983, p. 37).

A existência marcada pelo sagrado é aquela tomada na sua integridade, longe da relatividade que marca a esfera profana da vida.

> [...] o sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e de fecundidade. O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de facto, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão. (ELIADE, 1983, p. 42).

Todo e qualquer entendimento que se possa articular sobre a experiência religiosa nos leva a pensar naquilo que é vivido, ou seja, o entendimento da relação do homem com o sagrado pressupõe compreender todos os níveis de profundidade de vivência do fenômeno religioso.

Do ponto de vista da religiosidade, a fé seria um projeto de elevação, identidade e comunhão com representações significativas não só do absoluto, mas da perfeição, ou de um modo mais próximo do que se denomina humano, de uma plenitude sempre desejada, mas nunca alcançada pelas vias dos aspectos profanos que cerceiam a experiência da vida.

Essa experiência do fenômeno religioso impõe a tentativa de compreender os elementos do desconhecido em certas sociedades consideradas menos valorizadas. A popularidade dos símbolos sagrados, no caso, da Virgem Maria, apresenta a religiosidade de forma distinta, mas ao mesmo tempo geradora de significado para a sociedade. Assim, os fenômenos religiosos não são apenas acidentais ou decorrência dos anseios sociais, mas também fomentam, ainda que parcialmente, as próprias estruturas sociais.

Independente da feição histórica que o Cristianismo assume no mundo ocidental e, particularmente, na América Latina, onde serviu de substrato para o processo de colonização, incluindo-se aí missões nada sagradas como a dizimação de povos nativos e a escravidão dos negros. O fenômeno da religiosidade mariana redimensiona significados sociais à proporção que são colocados em contraste com as condições sociais de existência.

Nesse contexto, é importante ressaltar que a figura de Maria tem seu maior respaldo nas camadas populares, o que dá à questão o aspecto da religiosidade popular, com suas peculiaridades, dentre as quais se destaca a ambiguidade entre a aceitação do sagrado em oposição ao profano dentro deste. Prova disso é o contexto mercantilista que se efetua em procissões, principalmente na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil.

Nesses termos, a percepção do símbolo de Maria como ícone de santidade é também de superação, pois

> [...] seres e objetos culturais nunca são dados, são postos por práticas sociais e históricas determinadas, por formas de sociabilidade, da relação inter-subjetiva, grupal, de classe, da relação com o visível e o invisível, com o tempo e o espaço, com o possível e o impossível, com o necessário e o contingente. (CHAUÍ, 1989, p. 122).

Individualmente, cada vida significa uma vontade de existir, uma necessidade de vir a ser, uma realização de experiências favoráveis e desfavoráveis. Se diante de um fenômeno religioso em si deve-se concluir a presença, a categorização e os valores de um mundo invisível, é porque, por oposição, a visibilidade confere importância ao apego e à necessidade de perseguir alguma coisa existente em nossas individualidades, por meio da construção de edifícios mentais e imaginários.

Como existem várias formas de se ver o mundo, cada imagem e ideia a respeito deste são situadas a partir da experiência pessoal, aprendizado e memória. Todos os tipos de experiência, desde as mais atreladas ao cotidiano do ser humano às mais distanciadas do mundo diário, compõem o quadro individual da realidade.

Considera-se ainda que a percepção humana pode apresentar um outro fator de alcance, um elemento alucinatório que altera a percepção de um indivíduo, como no caso do afetivo e do mágico, mas por outro princípio de racionalidade. Nesse caso,

> [...] não é somente a intrusão de um componente afetivo ou mágico que nos pode enganar nas nossas percepções, é também o funcionamento de um componente aparentemente lógico e racional. Em outras palavras, devemos desconfiar da nossa percepção, não somente daquilo que nos parece absurdo, mas também do que parece evidente, porque é lógico e racional. (MORIN, 1986, p. 25).

Sendo que a percepção não é apenas reflexo daquilo que é notado, o que ocorre nesse complexo processo desemboca na codificação e tradução de estímulos, os quais irão originar uma representação do que se percebe, estruturando-a e organizando-a para produzir o real.

Nesse sentido, é importante entender que imagem, imaginação e imaginário etimologicamente vêm do mesmo radical latino, *imago-ginis*, e possuem significações próximas, como a figuração simbólica de um objeto ou a reprodução mental de uma sensação

na ausência da causa que a produziu. Isso é desenvolvido a partir de vivências, lembranças e percepções, as quais reproduzem a figura, nesse caso, a imagem de Maria.

O *Imaginário*, por sua vez, é o vocábulo fundamental e correspondente à imaginação, como sua função e produto. Composto de imagens mentais é definido a partir de muitas óticas diferentes, até conflitantes, pois às vezes é considerado como essencialmente aberto, evasivo, outras vezes apresenta-se como a própria experiência da abertura, da novidade. De uma forma ou de outra, o imaginário se localiza no campo das representações, mas como uma tradução não reprodutora, e sim criadora, poética, pois, por mais que faça parte da representação, em seu aspecto intelectual, o imaginário a ultrapassa (DURAND, 1997).

Desse modo, Maria não é uma fabulação fantasiosa, é uma realidade viva a qual os religiosos recorrem como forma, ao mesmo tempo, prática e transcendente. A expressão simbólica mariana recobre os aspectos tanto da vida imediata quanto dos destinos almejados, porém só entrevistos pela fé que, pela preciosidade que emana, satisfaz as aspirações morais, logo humanas.

O pesquisador Durand (1997, p. 14) diz que o imaginário é o "conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*", e, por esta razão, fundamenta e denomina os procedimentos do pensamento humano. O dinamismo do imaginário, ao conferir-lhe uma realidade e uma essência própria, demonstra que, pelo menos em princípio, o pensamento lógico não está separado da imagem. A imagem seria mensageira de um sentido cativo da significação imaginária, um sentido figurado, constituindo um signo motivado, ou seja, um símbolo.

A essa ordem de representação corresponde um repertório de vida revelador do homem, de forma dinâmica e, não raro, conflituoso. Na relação símbolo e imaginário se situam campos de tensão e choque, o que nos leva a considerar que, dependendo da perspectiva a ser considerada,

> a classificação dos grandes símbolos da imaginação em categorias motivantes distintas apresenta, com efeito, pelo próprio fato da não linearidade e do semantismo das imagens, grandes dificuldades. Se se parte dos objetos bem definidos pelos quadros da lógica dos utensílios, como fazem as clássicas 'chaves dos sonhos', cai-se rapidamente, pela massividade das motivações, numa inextricável confusão. (DURAND, 1997, p. 33).

Não sem razão, em face da multiplicação de aspectos que o símbolo adquire, o pensador adverte que sua justaposição a visões apenas cartesianas ou "meramente"

estruturantes e estruturadas socialmente pode se constituir em uma falácia. Para o autor, essas explicações

> [...] não dão conta dessa potência fundamental dos símbolos que é a de ligarem, para lá das contradições naturais, os elementos inconciliáveis, as compartimentações sociais e as segregações dos períodos da história. Torna-se então necessário procurar as categorias motivantes dos símbolos nos comportamentos elementares do psiquismo humano, reservando para mais tarde o ajustamento desse comportamento aos complementos diretos ou mesmo aos jogos semiológicos. (DURAND, 1997, p. 38).

Dessa forma, pode-se entender que o simbolismo está atrelado a uma significância visual, visto que sua estruturação está na raiz de qualquer pensamento. Assim, no âmbito da individualidade, ou em seu caráter social, a imaginação, advinda do subjetivo, combinada às influências do social, regressa àquele em forma de produto da criação, atestando realidade imaginária e objetividade social.

A força da relação – realidade/imaginário – dá-se em função do processo significativo, que age como verdadeiro catalisador desse duplo posto que, conforme acentua Durand (1997), "o imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como ordenança do ser às ordens do melhor." (p. 432).

Desse modo, o homem religioso, ao simbolizar o imaginário, estabelece uma relação íntima entre a representação e o objeto representado, e ao fazê-lo inicia sua identidade não manifesta:

> [...] imaginação e realidade estão também relacionadas, na medida em que é possível criar uma obra, um objeto ou um instrumento, que não corresponde a nenhum objeto real. Assim a experiência – ampliada pela imaginação – se materializa num produto. (KRAMER, 1993, p. 78).

O simbólico pode ser visto, então, como o registro de atividades humanas em relação ao real, em parte inconsciente, em parte consciente, e ligado às regras da representação, à função do significante e às leis da cultura.

Dessa forma, os símbolos, de modo especial os religiosos, constituem-se na primeira e original leitura do mundo. E, quando o homem se satura da fragilidade das explicações racionais, que não subsidiam um maior entendimento da vida, volta a abrigar-se na fé que, ao

renascer no mundo contemporâneo, apesar das suas ambiguidades, confere à sua experiência uma possível compatibilidade entre sagrado e profano.

No caso dos cantos mariais, eles são produtos (e ao mesmo tempo provocadores) tanto de uma percepção voltada para o sagrado quanto de um imaginário desejoso de um porvir talvez diferente das condições socioeconômicas, culturais e históricas postas.

O fato é que, enquanto exercício de linguagem, os cantos testemunham mais do que um fenômeno religioso, testamentam uma concepção de mundo elevada pela fé em algo diferente e consagrada por leis que se diferem das normas presentes na esfera profana.

Para essa questão da experiência religiosa, a experimentação do sagrado indica que suas diversas manifestações, sejam individuais ou coletivas, surgem, como observa Émile Durkheim (1998), nos estados de efervescência social, em que o tempo sagrado interrompe o tempo profano das atividades sociais e econômicas.

Etimologicamente, o termo *sagrado* (sacro) tem origem no latim *sacer*, que provém, por sua vez, de *sancire*: fazer com que algo se torne real, conferir validade. O termo *sancire* era aposto às leis, às instituições, a um estado de coisas, a um fato. Assim, a própria etimologia da palavra indica claramente a existência real e válida do sagrado, como forma ao mesmo tempo complementar e essencial à vida humana (LE GOFF; SCHMITT, 2006).

Nesses termos, dentre os símbolos sagrados que a modernidade comporta, os cultos marianos têm se constituído em mobilizadores de devoção religiosa. Para essa visão, Maria representa o grande símbolo de sustentação da fé católica, tanto como códigos de conduta quanto como gerenciadores do feminino religioso.

As aparições marianas desencadeiam grande louvor de peregrinos e peregrinas, os quais almejam renovação de vida na construção de novos sentidos. Nas aparições marianas reafirma-se a fé católica à “Virgem Santíssima” e alguns homens retornam para a religião católica por meio desses cultos.

O “mito” mariano rompe com a pretensa hegemonia da dimensão profana e torna eminente a visão sagrada das diferentes imagens, dos diferentes sentidos de Mãe, destacando a imagem da Proteção da “Grande Mãe” em cenas de consolos emocionais, reavivamento de sentimentos, construção de escolhas culturais e impasses em dilemas existenciais.

A constituição da religiosidade mariana aponta para uma relação de familiaridade com o imaginário da maternidade e para a dimensão feminina nas significações das imagens de Maria – arquétipo de Mãe, Mulher e Divindade.

3 OS CÂNTICOS MARIAIS

Este capítulo apresenta a análise dos cânticos mariais, dando relevo aos vários epítetos encontrados. Ele constitui o aspecto principal do projeto de pesquisa proposto, já que apresenta em seu conteúdo uma nova abordagem desses hinos pouco explorados na academia, porém muito presentes no meio popular.

Os cinquenta cânticos selecionados fazem uma menção àquela que cumpre o papel de "Mãe" da Igreja Católica. Muitos compositores, desde os primeiros séculos, fazem hinos em homenagem à Santa, trovadores como Afonso X (séc. XIII), autor das Cantigas de Santa Maria, artistas clássicos, músicos, padres e pessoas comuns deixaram imortalizadas inúmeras composições homenageando aquela que um dia disse: "todas as gerações me chamarão bem-aventurada" (LUCAS, 1:48).

Na contemporaneidade pode-se contar com uma vasta coletânea de músicas com ritmos populares que sempre recordam a figura de Maria. Muitos religiosos e devotos marianos já cantaram ou ouviram falar da "Maria de Nazaré", do padre Zezinho e de muitos outros cantos que fazem parte do *corpus* apresentado neste capítulo. As procissões ou romarias marianas, os terços, as ladainhas, são elementos que juntamente com os hinos fazem parte dos textos feitos em homenagem a "Mãe de Deus". Assim, **o**s cânticos selecionados para fazer parte do *corpus* exibem principalmente variados epítetos que são os elementos principais para este estudo, além de fornecerem muitas informações relacionadas à vida de Maria.

A seguir serão apresentados os cinquenta cânticos que compõem o *corpus* desta pesquisa:

3.1 O *CORPUS*

1. RAINHA DA ASSUNÇÃO[21]

Ó Senhora de Aparecida! Nossa guardiã principal,
Proteja sempre nossa vida
Maria concebida sem culpa original,
trouxeste a luz da vida na noite de Natal!
Tu foste imaculada na tua conceição,
ó mãe predestinada da nova criação.

Maria da Assunção, escuta a nossa voz,
e pede proteção a cada um de nós.

Maria, mãe querida, sinal do eterno amor!
No ventre deste a vida e
corpo ao Salvador!
Ao céu foste elevada por anjos do Senhor,
na glória coroada, coberta de esplendor.

Maria, mãe rainha protege com teu véu,
o povo que caminha na direção do céu.
Tu foste a maravilha das obras do Senhor,
esposa, mãe e filha do mesmo Deus de amor.

2. A VIRGEM DO ROSÁRIO[22]

Virgem do Rosário
Sois rosa mimosa
Entre as outras flores
Sois a mais formosa

Louvemos devotos,
As pias memorias
Do rosário os gozos
As dôres e glorias.

Maria concebe
O verbo incarnado
Que veio ao mundo
Remir do peccado
Sentindo-se arder

[21] Autoria: José Acácio Santana, ad. Pe. Heriberto (LIVRO DE CÂNTICO..., 2005).
[22] Parochia de Mogy das Cruzes (1917, p. 3).

Toda em caridade
Visita Isabel
Cheia de humildade.

No puro horizonte
Já o sol nascendo,
A paz annuncião
Os anjos descendo

No templo apresenta
A Jesus menino;
Nos braços da aurora,
Vem o Sol divino.

O filho que busca,
Cheia de agonia,
No templo descobre
Com summa alegria.

No triste retiro
Vê o filho orando,
De suor de sangue
A terra banhando.

Na forte columna
Já o vê atado,
Uma chaga viva
Seu corpo sagrado.
Por duros espinhos
Também transpassada,
A sacra Cabeça
Toda ensangüentada.

A cruz já levando
No hombro ferido,
Vê cahir por terra
O filho querido,

É crucificado
Entre dous ladrões,
Morre o Rei da Gloria
Cheio de Afflicções.

Qual a primavera,
Risonha estação,
Resplandece a Virgem
Na ressurreição
Saudosa e alegre,

Vê subir ao céo
Jesus triumphante,
Doce encanto seu.

Da dextra do Padre
O teu filho envia
O divino Espirito
Que abrasa a Maria.

Já deixando a terra
Maria exaltada,
Aos céos se eleva
Dos anjos cergada,

A'dextra do Filho
Em throno de Gloria,
De luz coroada,
Já canta victoria.

Fazei, doce Mãi,
Que no céo tambem,
A Jesus louvemos
Para sempre. Amen.

3. VIRGEM DOLOROSA[23]

Virgem dolorosa,
que aflita chorais,
repleta de angústias,
bendita sejais!

Bendita sejais
Senhora das dores
ouvi nossos ais
mãe dos pecadores.

De Simeão as vozes,
no templo fujais,
cruéis profecias,
bendita sejais!

Manda do céu um anjo,
dizer que fujais,
do servo tirano,
bendita sejais!

[23] Não foi encontrada autoria (LIVRO DE CÂNTICO..., 2005).

Voltando do templo,
Jesus não achais;
que susto sofrestes!
Bendita sejais!

Uma dura espada
de dores mortais,
o peito vos passa,
bendita sejais!

Que dor inexplicável,
quando o encontrais,
com a Cruz às costas!
Bendita sejais!

A dor ainda cresce,
quando contemplais,
Jesus expirando!
Bendita sejais!

Nos vossos braços,
seu corpo abrigais,
com ele abraçada!
Bendita Sejais!
Sem filho e tal Filho!
Então suportais
Cruel solidão,
bendita sejais

4. MARIA, MÃE DE TODOS NÓS[24]

Maria, mãe de Jesus
No céu uma estrela guia
Anunciou um novo dia
E uma luz então brilhou

Que um anjo anunciou
Que nasceria
O santo ventre de Maria
Aquele que seria o verdadeiro amor
Tanta luz se fez verdade, pureza e bondade da mais linda flor.

Santa mãe da esperança do anjo criança nosso salvador
Maria do desesperado, dos injustiçados dos sofredores.

[24] Autoria do Padre Marcelo Rossi, padre católico brasileiro que se tornou um fenômeno de mídia e cultura de massas no final dos anos 90 (ROSSI, 2008a).

Maria de todos os prantos, sonhos, desencantos de tantas dores.
Maria de João e José, rainha da fé, rainha de luz.
Maria, mãe de todos nós.

Benditas sós vós, mãe de Jesus.
Benditas sós vós, mãe de Jesus.
Benditas sós vós, mãe de Jesus.
No céu uma estrela guia
Anunciou um novo dia

E uma luz então brilhou
Que um anjo anunciou
Que nasceria
O santo ventre de Maria
Aquele que seria o verdadeiro amor

Tanta luz se fez verdade, pureza e bondade da mais linda flor.
Santa mãe da esperança do anjo criança nosso salvador.
Maria do desesperado, dos injustiçados dos sofredores.
Maria de todos os prantos, sonhos, desencantos de tantas dores.
Maria de João e José, rainha da fé, rainha de luz.

Maria, mãe de todos nós.
Benditas sós vós, mãe de Jesus.
Maria do desesperado, dos injustiçados dos sofredores.
Maria de todos os prantos, sonhos, desencantos de tantas dores.
Maria de João e José, rainha da fé, rainha de luz.

Maria, mãe de todos nós.
Benditas sós vós, mãe de Jesus.
Benditas sós vós, mãe de Jesus.
Benditas sós vós, mãe de Jesus.

Mãe de Jesus.

5. VIRGEM MÃE, CORAÇÃO DE MARIA[25]

Virgem Mãe, Coração de Maria,
que ao Senhor foste inteira adesão, a
Bendita do Senhor, silêncio que
acolheu, do Pai o Verbo, a voz.

Que o teu "Assim se faça", encarnando
o impossível,
nos abra ao amor, e a terra traga o céu:
Maria, roga a Deus por nós!

Abraçando do Pai a vontade,
bem mais perto ficaste do irmão.
dá-nos viver em total sintonia
com teu materno Coração.

És, ó Mãe cheia de graça, serva pobre e
disponível,
Dá-nos viver tua fidelidade,
que gera ao mundo a salvação.

Comungando o ideal de teu Filho,
consagraste-lhe a vida, o ser.
Também queremos, serás nosso auxílio,
com Ele nos comprometer.

6. PRA CONSOLAR MARIA[26]

Ia longe o dia em Jerusalém,
junto a cruz, Maria:
tão triste, não vi mais ninguém.

Quero, Maria, ser teu Jesus,
mesmo que um dia morra na cruz.

Quanta dor sentias, Mãe, ao contemplar
teu Jesus querido,
na cruz meus pecados pagar.

[25] Autoria: Ir. Miria Therezinha Kolling (KOLLING, 2008). Cantora, especialista em música sacra e religiosa da Congregação do Imaculado Coração de Maria. Na Congregação teve oportunidade de aprofundar seus estudos musicais. Cursou Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos (Licenciatura Plena) e Música – bacharelado em Instrumento – Piano, na Faculdade de Música de Santos. Aprofundou-se em Música Sacra com mestres europeus, na Alemanha e Áustria, por 2 anos.

[26] Autoria: Pe. Ricardo Dias Neto (KOLLING, 2008). Pertencia ao clero da arquidiocese de Sorocaba/SP e tinha mestrado em Teologia Bíblica. Além de ser o redator-chefe da edição portuguesa do L'osservatore Romano durante quatro anos, padre Ricardo colaborava, também, com o programa brasileiro da Rádio Vaticano. Faleceu em 04 de outubro de 2007.

Desde aquele dia jamais encontrei,
ser igual Maria,
tão triste, nem vi mais ninguém.

7. SE UM DIA UM ANJO DECLAROU[27]

Se um dia um anjo declarou,
que tu eras cheia de Deus;
agora penso: quem sou eu,
para não te dizer também,
cheia de graça, ó Mãe Agraciada

Se a palavra ensinou,
que todos hão de concordar,
e as gerações te proclamar,
agora eu também direi: Tu és bendita,
ó Mãe Bem- aventurada.

Surgiu um grande sinal do céu: uma mulher revestida de sol,
a lua debaixo de seus pés,
e na cabeça uma coroa
Não há com que se comparar,
perfeito é quem te criou,
se o Criador te coroou.

Te coroamos, ó Mãe,
te coroamos, ó Mãe,
Nossa Rainha.

8. SENHORA GLORIOSA[28]

Senhora gloriosa,
bem mais que o sol brilhais.
O Deus que vos criou
ao seio amamentais.

O que Eva destruiu,
no filho recriais;
do céu abris a porta
e os tristes obrigais.

Da luz brilhante porta,
sois pórtico do Rei.

[27] Autoria: Walmir Alencar, cantor e compositor de música católica brasileira (LIVRO DE CÂNTICO..., 2005).
[28] Autoria desconhecida (LITURGIA..., 1985, p. 1758).

Da virgem veio a vida.
Remidos, bendizei!

Ao pai e ao Espírito,
poder, louvor, vitória,
e ao filho, que gerastes
e vos vestiu de glória.

Bendita sejais, ó Virgem Maria,
por vós veio ao mundo o Deus Salvador!
Da glória feliz do Senhor onde estais
rogai junto ao Filho por nós,
vossos Filhos!

9. AVE DO MAR ESTRELA[29]

Ave do mar Estrela,
bendita Mãe de Deus,
fecunda e sempre Virgem,
portal feliz dos céus.

Ouvindo aquele Ave
do anjo Gabriel,
mudando de Eva o nome,
trazei-nos paz do céu.

Ao cego iluminai,
ao réu livrai também;
de todo mal guardai-nos
e dai-nos todo o bem.
Mostrai ser nossa Mãe,
levando a nossa voz
a Quem, por nós nascido,
dignou-se vir de vós.

Suave mais que todas,
ó Virgem sem igual
fazei-nos mansos, puros,
guardai-nos contra o mal.

Oh! dai-nos vida pura,
guiai-nos para a luz,
e um dia, ao vosso lado,
possamos ver Jesus.

[29] Autoria desconhecida; musicado pela Ir. Miria Kolling (LITURGIA..., 1985, p. 1764).

Louvor a Deus, o Pai,
e ao filho, Sumo Bem,
com seu Divino Espírito
Agora e sempre. Amém.

10. DO NOSSO FILHO, Ó FILHA[30]

Do vosso filho, ó filha,
ó Mãe e Virgem pura,
sublime e mais humilde
que toda criatura!

Em seu conselho eterno,
Deus viu vossa beleza,
ó glória e esplendor
da nossa natureza,

a qual se fez tão nobre
que o seu supremo Autor,
de modo admirável,
um corpo em vós tomou.

No seio duma Virgem
Revive, em fogo, o Amor.
Na terra a flor celeste
germina ao seu calor.
Ao Pai louvor, e ao Filho
da vossa virgindade,
que vos vestiu, no Espírito,
de graça e santidade.

11. DA CARIDADE ESTRELA FÚLGIDA[31]

Da caridade Estrela fúlgida
para os celestes habitantes,
para os mortais és da esperança
a fonte de águas borbulhantes.

Nobre Senhora, és poderosa
do Filho sobre o coração;
por ti, quem ora, confiante,
dele consegue a salvação.

[30] (LITURGIA..., 1985, p. 1770).
[31] (Ibid., p. 1771).

Tua bondade não apenas
atende a voz dos suplicantes,
mas se antecipa, carinhosa,
aos seus desejos hesitantes.

Misericórdia é o teu nome,
suma grandeza em ti fulgura.
Com água viva de bondade,
saciais toda a criatura.

Glória a Deus pai e ao Santo Espírito,
glória ao teu Filho Redentor,
que te envolveram com o manto
da sua graça e seu amor.

12. MARIA, Ó MÃE CHEIA DE GRAÇA[32]

Maria, ó mãe cheia de graça,
Maria protege os filhos teus,
Maria, Maria, nós queremos
contigo estar nos céus.

Aqui servimos a igreja do teu filho,
sob o teu imaculado coração,
dá nos a benção e nós faremos,
de nossa vida uma constante oblação.

Ah, quem me dera poder estar agora,
festejando lá no céu nosso Senhor,
mas sei que chega a minha hora,
e então, feliz cantarei o seu louvor.
A nossa vida é feita de esperança,
paz e flores nós queremos semear,
felicidade, somente alcança, quem cada
dia se dispõe a caminhar.

[32] Autoria: Ir. Miria Kolling (LIVRO DE CÂNTICO..., 2005).

13. MARIA DE NAZARÉ[33]

Maria de Nazaré, Maria me cativou.
Fez mais forte a minha fé
e por filho me adotou.
Às vezes eu paro e fico a pensar
e sem perceber me vejo a rezar
e meu coração se põe a cantar
pra Virgem de Nazaré.
Menina que Deus amou e escolheu
pra Mãe de Jesus, o Filho de Deus.
Maria que o povo inteiro elegeu
senhora e mãe do céu.

Ave Maria, Ave Maria! Ave Maria, Mãe de Jesus!

Maria que eu quero bem,
Maria do puro amor,
igual a você ninguém, Mãe pura do meu Senhor.
Em cada mulher que a terra criou
um traço de Deus Maria deixou,
um sonho de mãe Maria plantou,
pro mundo encontrar a paz.
Maria que fez o Cristo falar,
Maria que fez Jesus caminhar,
Maria que só viveu pra seu Deus,
Maria do povo meu.

14. Ó DOCE NOME[34]

Ó doce nome, Maria, Maria!
Nossa esperança, nossa alegria!
Nos lábios sempre até morrer
teu doce nome hei de trazer

Vinde Maria, ó Mãe, consolar-nos,
com vossas chamas, vinde abrasar-nos.
Sois a esperança, sois nosso amor,
sois nossa guia para o Senhor.

Nosso conforto sois Vós, Virgem pura,
Nosso alívio em toda amargura.
Vossos na vida queremos ser,
no céu convosco sempre viver.

[33] Autoria: Padre Zezinho, pertencente à paróquia do Sagrado Coração de Jesus, começou a compor em 1964 e é um dos cantores católicos mais conhecidos do Brasil; escreveu também mais de 60 livros, traduzidos em quatro línguas (LIVRO DE CÂNTICO..., 1982).
[34] Autoria: N. Práglia, não foi encontrada biografia do autor (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, 2008).

15. A TI VENHO OFERTAR[35]

A ti venho ofertar, Senhora, o meu amor,
e assim te consagrar da minha vida a flor.

Anseio em ti viver, a ti somente amar,
e em teus braços maternos morrer e descansar.

Teu Coração é Virgem, refúgio celestial.
Abri-o, pois, benigna ao mísero mortal.

Tu és dos nossos passos a bússola e a luz,
a estrela fulgurante que ao porto nos conduz.

16. CONSAGRAÇÃO À NOSSA SENHORA[36]

Ó minha Senhora e também minha Mãe,
eu me ofereço inteiramente todo a Vós .
E em prova da minha devoção,
Eu hoje vos dou meu coração.

Consagro à Vos meus olhos, meus ouvidos, minha boca,
Tudo o que sou desejo que à Vós pertença
Incomparável Mãe, guardai-me defendei-me
Como coisa e propriedade vossa, Amém
Como coisa e propriedade vossa, Amém.

17. VIRGEM DO ROSÁRIO [37]

Virgem do Rosário,
Odorante rosa,
Entre as flôres tôdas,
És a mais formosa!
Virgem do Rosário,
Em Aparecida,
Fátima ou Lourdes,
Sê nossa guarida!

Virgem do Rosário,
Na vida e na morte,
Sejam teus mistérios
Nosso escudo forte!

[35] Autoria: Ângelo Martim, não foi encontrada biografia do autor (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, 2008).
[36] Autoria: Fátima Gabrielli (GABRIELLI, 2008).
[37] Autoria: Ir. J. P., marista; não foi encontrada biografia do autor (RUBINI, 1956).

18. A TI MARIA ME CONSAGRO[38]

A Ti Maria me consagro, com amor
Contigo vou aprender
Como em verdade dizer
"Eis-me aqui Senhor!"
Do Teu olhar me vem a força de rezar,
Ó Mãe!
Eis-me aqui Senhor, também!
Orienta a minha vida,
meu sorriso e meu olhar!
O que posso e o que sou
tudo quero consagrar!
O que tenho e o que dou,
meu caminho e meu andar.
O que posso e o que sou
tudo quero consagrar!
Minha boca e coração,
mãos que querem partilhar.
O que posso e o que sou
tudo quero consagrar!

19. LADAINHA DE NOSSA SENHORA[39]

Senhor, que nascestes da Virgem,
Tende piedade de nós!
Ó Cristo, Filho de Maria,
Tende piedade de nós!
Senhor, Senhor!
Piedade, piedade de nós!

Virgem do SIM à Palavra,
Rogai por nós!
Virgem do risco do Amor,
Rogai por nós!
Virgem de toda alegria,
Rogai por nós!

Rogai por nós, ó Maria!

Virgem das altas montanhas,
Rogai por nós!
Virgem do entusiasmo,

[38] Autoria não encontrada (JUVENTUDE..., 2008).
[39] Texto do hinário franciscano; música do Frei Fabreti e Ir. Miria Kolling (LIVRO DE CÂNTICO..., 2005, p. 66).

Rogai por nós!
Virgem do irmão caminheiro,
Rogai por nós!

Virgem dos desamparados,
Rogai por nós!
Virgem de todos os lares,
Rogai por nós!
Virgem da paz para o mundo,
Rogai por nós!

Virgem das mãos que se doam,
Rogai por nós!
Virgem do amor tão fecundo,
Rogai por nós!
Virgem do amor consagrado,
Rogai por nós!

Virgem do amor verdadeiro
Rogai por nós!
Virgem Rainha da Igreja,
Rogai por nós!
Virgem do amém, do aleluia,
Rogai por nós!

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,
Tende piedade de nós
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,
Dai-nos vossa paz, vossa paz! Amém!

20. MIL VEZES ADMIRÁVEL MARIA[40]

Mil vezes admirável MARIA,
mãe bela, mãe santa.
Tu és a Estrela do Mar que nos guia!
Qual fonte de graças, estende tuas mãos,
derrama-te em bençãos sobre nosso chão.
Mil vezes causa de alegria,
de quem se confia ao teu Coração,
Maria, Maria

Na fé foi possível,
Maria, Maria, tornar a Deus visível,
em seu amor, por nós

[40] Autoria: Ir. Miria Kolling (LIVRO DE CÂNTICO..., 1982).

Na terra,
nosso Auxílio,
Maria, Maria!
Ó dar-nos ver teu Filho,
na Pátria lá dos céus!

21. BENDIZEMOS O TEU NOME[41]

Aqui vimos, Mãe querida,
Consagrar-te o nosso amor.

Bendizemos o teu nome,
Mãe do Céu, Virgem Maria;
Bendizemos à porfia
O teu Filho, o Salvador.

Esmagaste ó Virgem Santa,
Toda bela e imaculada,
A cabeça envenenada
Do dragão enganador.

Todo o mundo, ó Mãe bendita,
Cheio está de tuas glórias,
De perpétuas memórias,
Do teu nome e teu louvor.

Advogada poderosa,
O Universo em ti confia,
Porque és tu refúgio e guia
Para o justo e o pecador.

22. HOMENAGEM A MARIA[42]

Não há, não há mulher igual a ti!
Em ti Deus fez morada, Mãe de Deus, tu
és feliz!

Bem-aventurada, porque acreditaste,
Serva do Senhor, servidora do teu povo,
Dizendo sim a Deus, o Salvador geraste

[41] Autoria: Pedro M. R. Caetano, biografia não encontrada (LIVRO DE CÂNTICO..., 2004-2005).
[42] Autoria: Pe. José Bortolini (KOLLING; BORTOLINI, 2003). Obteve o mestrado em Sagradas Escrituras, no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, e possui vasta obra literária sobre o assunto. Colaborou nas três versões bíblicas da editora Paulus, Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, Bíblia de Jerusalém e Bíblia do Peregrino. Atualmente, ministra cursos sobre Sagradas Escrituras, no Brasil e no exterior, e colabora com a área editorial da Paulus.

E a humanidade viu a luz do mundo novo.

Mãe de uma família, agora és Mãe da
Igreja,
Serva do Senhor e senhora da missão.
Teu jeito de servir é luz pra toda a gente,
Pois deste ao mundo a Vida que recebeste
em dom.

Mãe da humanidade, te encontro junto à
cruz,
Coração de Mãe, de ternura, bate e brilha:
Nas mãos do Pai entregas o teu Filho
Jesus
E toda a raça humana recebes como filha.
Na espera do Divino, o Deus consolador,
Mãe, teus filhos unes, na fraterna oração.
O Espírito que em ti o Salvador gerou
Na Igreja faz nascer a universal missão.

23. VAMOS AO TEU ALTAR[43]

Vamos ao Teu altar
a sofrer e a rezar,
ó Virgem Poderosa!
Mãos abertas em graça,
mãos erguidas oferta,
Senhora Milagrosa.
Vamos ao teu altar
a sofrer e a rezar
nossa prece é canção.
Manto feito de alvura
rosto aberto em ternura,
Virgem da Conceição
Deus Te fez a mais bela,
Deus Te fez predilecta
concebida sem mancha...
Respondeste em amor,
no Teu “Sim salvador”,
no Teu “Sim confiança”.
Vamos ao Teu altar
a sorrir e a cantar,
alegria do Povo!
Nas mãos frágeis, o mundo,

[43] Autoria desconhecida (JUVENTUDE..., 2008).

céu de estrelas, em fundo,
Ó Senhora do Globo.

24. TU ÉS A GLÓRIA DE JERUSALÉM (AVE MARIA)[44]

Tu és a glória de Jerusalém! AVE,
MARIA!
És a alegria do povo de Deus! AVE,
MARIA!

Tu és a honra da humanidade! AVE,
MARIA!
És a ditosa por Deus escolhida! AVE,
MARIA!

Das tuas mãos nos vieram prodígios! AVE,
MARIA!
És o refúgio do povo de Deus! AVE,
MARIA!

O que fizeste agradou ao Senhor! AVE,
MARIA
Bendita sejas por Deus poderoso! AVE,
MARIA!

Povos da terra, louvai a Maria! AVE,
MARIA!
Eternamente aclamai o seu nome! AVE,
MARIA!

25. SAUDAÇÃO DAS CRIANÇAS A MARIA SS.[45]

Salve! Angelica Rainha,
Mãe de belleza immortal,
Luz que as almas encaminha
E afasta e livra do mal.
Eu vos saudo, ó Maria.
Mãe que depois de Jesus
Sois a esperança e a alegria
Que aos peccadores reluz.

Pobres, tristes creaturas
Do ceu banidas – quem é,

[44] Autoria: Pe. Fernando Meiro (KOLLING, 2008). Não foi encontrada biografia do autor.
[45] Autoria desconhecida (CANTICOS ESPIRITUAES..., 1913, p. 19).

Neste valle de amarguras,
Que nos mostra a luz da fé?

Ouvi-nos, Mãe de clemencia,
Nossa alma confia em vós;
E nas luctas da existencia
Compadecei-vos de nós!

26. GUARDAI-NOS NO CORAÇÃO (OLHAI BENIGNA)[46]

Olhai benigna, Virgem Maria
O vosso povo que em Vós confia
Qual feliz porto de salvação
Guardai-nos sempre em vosso Coração.

No mar da vida, vós sois a estrela
Que ao céu nos guia entre a procela.
Na atroz tormenta da tentação,
Guardai-nos sempre em vosso Coração

27. SALVADORA DO MORTAL[47]

Ó Maria, ó Mãe pia, salvadora do mortal,
Amparai-me e guiai-me para a pátria
celestial.

Com os anjos de Maria
as grandezas celebrai,
inundados de alegria
seus louvores publicai.

Quem por ti fervente chama
até na guerra acha paz
pois, teu nome luz derrama
gozo e bálsamo eficaz.

[46] Harmonização de José Antônio Cañivano. Autoria desconhecida (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, 2008).
[47] Melodia popular harmonizada pelos maestros Domingo Mas y Serracant. Autoria desconhecida (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, 2008).

28. UMA ENTRE TODAS[48]

Uma entre todas foi a escolhida:
foste tu, Maria, serva preferida,
Mãe do meu Senhor,
Mãe do meu Salvador!
Maria, cheia de graça e consolo,
venha caminhar com teu povo.
Nossa mãe e sempre serás!

Roga pelos pecadores desta terra.
Roga pelo povo que em seu Deus espera,
Mãe do meu Senhor, Mãe do meu
Salvador!

29. COM MINHA MÃE ESTAREI[49]

No céu, no céu
Com minha mãe estarei.

Com minha mãe estarei
Na santa gloria um dia
Juncto a Virgem Maria
No céo triumpharei

Com minha mãe estarei
Mas já que hei offendido
Ao seu Jesus querido
As culpas chorarei

Com minha mãe estarei
Palavras deliciosas,
Que em horas trabalhosas
Fiel recordarei

Com minha mãe estarei
Aos anjos me ajuntando
E hynnos entoando
Louvores lhe darei

Com minha mãe estarei
Enquanto neste exilio
Do seu piedoso auxilio
com fé me valerei

[48] Autoria desconhecida (PASTORAL DO INSTITUTO SANTO INÁCIO, 1994, p. 241).
[49] Autoria desconhecida (PAROCHIA DE MOGY DAS CRUZES, 1917, p. 7).

Com minha mãe estarei
Então corôa digna
Da sua mão benigna
Feliz receberei

30. DOCE CORAÇÃO DE MARIA[50]

Doce coração de Maria,
Sêde nossa salvação,

Quando corporal doença
Nos cuasar grave afficção,
Quando de Satan Maldito
Nos vier a tentação,

Quando a duvida maligna
Nos turbar o coração

Quando na medonha morte
Vos pedir-mos protecção,
Ao chegar-mos ao juízo
Temendo a condemnação

31. MARIA IMACULADA[51]

Maria Imaculada, és luz que ilumina
A nossa esperança de ao Porto chegar!
Caminhas com teu povo, nos serves Vinho Novo:
Jesus, teu Filho, amado Senhor!
Ele, o Pão da Vida, que fez, Mãe querida,
Do teu Coração seu sacrário de amor!

Maria, Medianeira de todas as graças,
És nossa Intercessora junto ao Filho teu!
Suplica pela Igreja: que santa ela seja:
Ver e amar nós queremos Jesus!
Mostra-nos a face que do Eterno nasce,

Tu, que em nossas trevas nos deste a Luz
Ave Maria, cheia de graça,
entre as mulheres bendita,
escolhida de Deus!
Santa Maria, Mãe da Igreja,

[50] Autoria desconhecida (CADERNO DE CÂNTICOS..., 1954).
[51] Autoria: Ir. Mirira Kollling (KOLLING, 2008).

roga por nós hoje e sempre,
na terra e nos céus!

Maria, Aparecida aos pobres, pequenos,
O ser humilde serva rainha te fez!
Coroa te oferece teu povo, em canto e
prece,
Estrela és da Evangelização!
Tua santidade, nova humanidade,
Faça de nós todos do céu cidadãos!

32. MÃE DA AMÉRICA LATINA[52]

Santa Maria, ó Virgem da esperança
E mãe dos pobres, Senhora dos peregrinos.
O povo guia na alegria, até encontrarmos
a luz: teu Jesus! Amém.
Ó Virgem da esperança, o continente desperta,
Ao brilho da nova aurora.
Todo o teu povo caminha, pois Deus em frágil
criança se fez por ti nossa oferta:
Cristo, a certeza da libertação, a Salvação.
Ó Mãe dos pobres e fracos,
Sabes de nossa miséria:
É o pão que falta na mesa
E em tantos homens e povo!
Tu, que vivestes a pobreza,
Vem nos livrar no egoísmo
Pra termos felicidade que é paz
No amor se faz.
Senhora dos peregrinos
O céu é nossa morada, mas é a Igreja na terra
Que já constrói este reino. Faze conosco a jornada
Na busca da Plenitude, pois somos Mãe, como povo
de Deus os filhos teus.

[52] Autoria desconhecida (LIVRO DE CÂNTICO..., 1985, p. 6).

33. VIVA A MÃE DE DEUS E NOSSA[53]

Viva a mãe de Deus e nossa,
Sem pecado concebida!
Viva a virgem imaculada,
Ó Senhora Aparecida.

Aqui estão vossos devotos,
Cheios de fé incendida,
De confôrto e de esperança.
Ò Senhora Aparecida!

Nossos rogos escutai...
Nossa voz seja atendida!
Do imo d'alma vos pedimos,
Ó Senhora Aparecida!

No Calvário junto à Cruz
Com a alma de dor ferida,
Jesus Vos fez nossa Mãe,
Ó Senhora Aparecida!

Virgem Santa, Virgem bela,
Mãe amável, Mãe querida,
Amparai-nos, socorrei-nos,
Ó Senhora Aparecida!

Virgem santa, Virgem bela,
Mãe amável, Mãe querida,
Amparai-nos, socorrei-nos,
Ó Senhora Aparecida!

Visando altos desígnios
Fostes por Deus escolhida
Padroeira do Brasil,
Ó Senhora Aparecida!

Quem assim vos proclamou
Cumpriu ordem recebida,
Inspirado pelo Céu,
Ó Senhora Aparecida!

[53] Autoria: Conde Dr. José V. de Azevedo (CADERNO DE CÂNTICOS..., 1954, p. 10). Foi um dos fundadores do bairro do Ipiranga/SP e fez significantes doações de terrenos para a construção de espaços, como a Fundação Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga, o Santuário Sagrada Família, o Seminário das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, o Instituto de Cegos Padre Chico, o Hospital e Maternidade Dom Antonio Alvarenga, o Instituto de Artes da UNESP, a UniFai e o Colégio São Francisco Xavier.

Protegei a Santa Igreja,
Mãe terna e compadecida,
Protegei a nossa Pátria,
Ó Senhora aparecida!

Amparai a todo o Clero,
Em sua terrena lida,
Para bem dos pecadores,
Ó Senhora Aparecida!

Velai por nossas famílias,
Pela infância desvalida,
Pelo povo brasileiro
Ó Senhora Aparecida!

De São José santa esposa,
Sempre por êle assistida,
Valei-nos na hora extrema,
Ó Senhora Aparecida!

34. SANTA MÃE MARIA[54]

Santa Mãe Maria, nessa travessia,
Cubra-nos teu manto cor de anil.
Guarda nossa vida, Mãe Aparecida,
Santa padroeira do Brasil.
Ave Maria, Ave Maria.

Com amor divino, guarda os peregrinos
nesta caminhada para o além.
Dá-lhes companhia, pois também um dia
foste peregrina de Belém.

Mulher peregrina, força feminina,
a mais importante que existiu.
Com justiça queres que nossas mulheres
sejam construtoras do Brasil.

Com seus passos lentos,
enfrentando os ventos,
quando sopram noutra direção.
Toda a mãe igreja, pede que tu sejas,
Companheira de libertação.

[54] Autoria: José Acácio Santana (LIVRO DE CÂNTICO..., 2005). Consagrado nacional e internacionalmente, não foge ao compromisso de servir, com sua arte, aos pequenos grupos artísticos e às comunidades. Pioneiro no Brasil nas composições litúrgicas pós-Concílio Vaticano II.

35. RAINHA DO BRASIL[55]

Virgem Mãe Aparecida,
És da Pátria Brasileira,
Nobre e excelsa Padroeira,
A Rainha do Brasil

Nossa Pátria te consagra
Tudo quanto nela habita,
Tudo é teu, ó Mãe Bendita,
Nesta terra do Brasil.
Verdes prados, densas matas,
Tudo é teu em nossa Terra,
Teu o vale, tua a serra,
Teu também o céu de anil

Na verdura das campinas,
No murmúrio da floresta,
Tudo é canto, tudo é festa,
À Rainha do Brasil

Como a mãe acode ao filho
Que a reclama a toda hora,
Hás de vir, Nossa Senhora,
Acudir ao teu Brasil

36. NOSSA SENHORA (MÃE QUERIDA)[56]

Nossa Senhora; oh, mãe querida!
Olhai por nós, me dê a sua mão
Nossa Senhora; oh, mãe querida!
Rogai por nós, guarda meu coração

Oh, virgem santa, cubra com seu manto esse peregrino!
Oh, mãe divina, vem secar o pranto e mostrar o caminho!

Eu fui a pé até a santa igreja
Que Deus proteja nossa oração!
Pedindo paz, amor, saúde, enfim...
Escute essa canção

[55] Autoria do Ir. M. A., Marista (RUBINI, 1956), que figura como autor de muitas letras do livro *Magnificat*, Coleção FTD, é certamente o **Irmão Manuel André**. No Hino à Imaculada Conceição (do I Congresso Marial da Província Marista do Brasil Central), publicado em *Seara Poética Mariana*, Rio de Janeiro, 1954, p. 6, ele figura, por extenso, como o autor da letra. Esse mesmo Hino se encontra em *Magnificat*, n. 74, sob a misteriosa abreviação **Ir. M. A., Marista**.
[56] Autoria: Padre Marcelo Rossi (ROSSI, 2008b).

Me dê coragem, fé, sabedoria
Pra encarar as agruras da vida
Me guardai sempre em ti
Nossa Senhora; oh, mãe querida!

Nossa Senhora, olhai por nós por esse mundo afora
Toma de conta desse povo agora
Que de joelhos faz uma oração
Nossa Senhora; oh, virgem santa, abençoa esse filho!
Com sua luz iluminai o trilho
Por onde anda o nosso coração

37. BRASIL DE MARIA[57]

Brasil de Maria é reino e nação,
Brasil seja o trono do seu Coração.

Cantai, brasileiros, cantai com fervor:
Que reine, Maria, o teu Coração!

Aos filhos que se entregam com amor à Mãe
de Deus
Maria os guarda todos em seu Coração.

Nas lutas da vida, no rude fragor
O jovem a invoca, lhe dá a salvação.

38. APARECIDA SANTUÁRIO BRASILEIRO[58]

Aparecida é o santuário
Do brasileiro, povo hospitaleiro.
Vou lá rezar para Nossa Senhora,
Santa morena, a mãe companheira:

Santa morena sou um brasileiro
Índio, primeiro povo deste chão.
Fomos milhares, hoje somos nada,
Na terra vivo por opinião.
Se me permitem uma confissão:
A terra é minha e eu não abro mão!

Santa morena sou um brasileiro
NEGRO, escravo da dominação.

[57] Autoria: Ângelo Martim (MISSIONÁRIOS CLARETIANOS, 2008).
[58] Autoria desconhecida (LIVRO DE CÂNTICO..., 1985, p. 8).

Sangue da raça, no mar foi lançado
Zumbi renasce da minha oração.
Se me permite uma confissão:
Novos “Quilombos” logo surgirão!

Santa morena sou ESTRANGEIRO
Dito estrangeiro mas porque razão?
Meus pais vieram de outra bandeira.
De norte a sul, fiz crescer a Nação
Se me permite uma confissão:
Somos semente, pó do mesmo chão!

Santa morena sou um brasileiros
O OPERÁRIO, lucro-exploração
De cara ao pé, vestimo-nos de graxa
Se me permite uma confissão:
Maldita seja tanta exploração!

Santa morena, somos brasileiros
FILHOS E FILHAS, somamos milhões.
Aqui estamos permanentemente
Em romarias, cantos e orações.
Se me permite uma confissão:
Somos romeiros por libertação!

39. COM MARIA EM DEUS EXULTEMOS[59]

Com Maria em Deus exultemos neste
canto de amor-louvação.
Escolhida d’entre os pequenos,
mãe profeta da libertação.

És a imagem da nova cidade, sem
domínio dos grandes ou nobres,
o teu canto nos mostra a verdade
que teu Deus é do lado dos pobres.

Maria de Deus, Maria da gente, Maria da
singeleza da flor!
Vem caminhar, vem com teu povo de
quem provaste a dor.

És o grito do irmão bóia-fria
nesta América empobrecida,
espoliada com vil valentia

[59] Autoria desconhecida (LIVRO DE CÂNTICO..., 2005).

do direito ao chão de sua vida.
És Maria de nossos caminhos,
solidária de tantas Marias.
Coroadas de sangue e espinhos
pela exploração noite e dia.

És a força da nossa esperança,
ó Maria da fraternidade.
No cansaço de nossas andanças
guia os passos da real liberdade.

Com as flores e o pão partilhados,
preparamos a mesa da história.
Da opressão, afinal, libertados,
cantaremos contigo vitória.

40. MARIA DA LIBERTAÇÃO[60]

Ave Maria do Povo, Ave Maria de Deus
Maria dos oprimidos, liberta os filhos teus

Companheira com teu povo, Maria da Libertação
Do presépio até a cruz, tua vida marcou nosso chão.
Atende, ó mãe querida Latino-Americana, o grito do
teu povo. Que pede justiça e clama!

Teu canto de profecia, Maria da esperança
derruba os poderosos e aos fracos dá liderança
Companheira de luta, Maria da União, reforça os
laços da gente e livra-nos da opressão.

Festa de Deus entre os homens, Maria, sinal da História.
Une os pobres na luta e
alcançaremos a vitória!Maria do povo de Deus, Maria de nosso chão.
Conquista pra nós a terra, nos braços do mutirão.
Colheita de muitos frutos, Maria da liberdade.
Dá hoje o pão amassado, na mesa da Igualdade.

[60] Autoria desconhecida (LIVRO DE CÂNTICO..., 1985, p. 9).

41. MÃE DO CÉU MORENA[61]

Mãe do céu morena
Senhora da América Latina
de olhar e caridade tão divina,
de cor igual à cor de tantas raças,
Virgem tão serena, Senhora desses povos tão sofridos,
Patrona dos pequenos e oprimidos,
derrama sobre nós as tuas graças.

Derrama sobre os jovens a tua luz.
Aos pobres vem mostrar o teu Jesus.
Ao mundo inteiro traz o teu amor de mãe.
Ensina quem tem tudo a partilhar.
Ensina quem tem pouco a não cansar,
e faz o nosso povo caminhar em paz.
Derrama a esperança sobre nós,
ensina o povo a não calar a voz.
Desperta o coração de quem não acordou.
Ensina que a justiça é condição
de construir um mundo mais irmão,
e faz o nosso povo conhecer Jesus.

42. "POVOS DA AMÉRICA – VINDE, VEDE E ANUNCIAI!"[62]

Povos d'América! Gente sofrida, onde a esperança insiste em germinar!
Povos d'América! Quanta alegria! São tantas raças, vozes a cantar!

Negros e brancos, índios, mestiços, de todos Deus é pai!
Uma só fé, um só Salvador!
O mundo evangelizai!
Vinde, Vede! E Anunciai!

Povos d'América! Ó quanta dor!Rostos marcados pela opressão!
Povos d'América! Quanta esperança! Da cruz de Cristo surge um mundo irmão!

Povos d'América! Desrespeitados, desfigurados na pobreza e na dor!
Povos d'América! Povos latinos buscam no cristo a força do amor!

Ó Mãe d'América! De Guadalupe, de Aparecida e tantos nomes mais!
Virgem Maria, Mãe destes povos, eis vossos filhos, a quem tanto amais!

---

[61] Autoria: Padre Zezinho (LIVRO DE CÂNTICO..., 2005).
[62] Autoria: Pe. José Cândido da Silva (LIVRO DE CÂNTICO..., 2001, p. 129). Pároco da Arquidiocese de São Sebastião, Barro Preto, Belo Horizonte/MG e pertencente à Forania Nossa Senhora da Boa Viagem. Professor de Sistemática do Instituto de Teologia Dom João Rezende Costa e ISTA.

43. NEGRA SENHORA APARECIDA[63]

As margens do rio ela foi encontrada
Hoje por milhares de fiéis é venerada,
Seu santo manto nos fortalece,
Ela jamais se esquece

Nós escondemos debaixo do seu santo manto,
Das doenças, da opressão, dos males da vida...
Às vezes em prantos,
Pedimos a intercessão da Senhora de Aparecida.

E ela com seu jeito humilde e bondoso!
Está sempre pronta a nos atender
Nos mostra o verdadeiro caminho,
E nossa dor, se preocupa em resolver.

Ó Senhora de Aparecida!
Nossa guardiã principal,
Proteja sempre nossa vida
Livrando-nos de todo mal
Nas horas tristes e alegres,
Ela sempre está ao nosso lado,
Nos livra dos diversos pecados,
E jamais deixa-nos viver isolados.

Junto a Deus pai ela vive a interceder,
Por todos os seus filhos,
Que aqui na terra vivem a sofrer,
Na boca de todo mundo se ouve tamanha bonança,
São milagres inexplicáveis,
Atribuídos a um novo reino de esperança.
Enquanto esse reino não chega,
Vivemos todos a acreditar,
Que lá na eternidade existe alguém,
Que podemos confiar.

É a virgem santa Aparecida,
Encontrada as margens do rio por três pescadores,
Hoje guardiã de nossa vida
Consoladora de nossas dores.
Essa virgem santa lá no céu vive a morar,
Entre as mulheres és a mais querida,
Que Deus pode nos dá.

[63] Autoria: José Mauro Messias (Poeta das moreninhas) (MESSIAS et al., 2005, p. 25). Poeta sul-mato-grossense, escritor, membro das entidades ANE (Associação de novos escritores), UBE (União Brasileira de escritores) e ICCAB (Instituto Casa de Cultura Afro-brasileira). Autor do projeto: Autor na Escola, Poeta Andante Poesia Itinerante “Pelo reencantamento do mundo”.

É nossa mãe Aparecida.
Que lá de cima vive a nos cuidar.

Ó santa Aparecida, nunca se esqueça de nós,
Jamais queremos caminhar sozinhos,
Pelos becos da vida,
Por isso andamos sempre com Deus na frente,
E ao nosso lado a senhora de Aparecida.

44. EU VÔ ABRI ESTE ROSARO[64]

Eu vô abri este Rosaro
Eu vô abri este Rosaro
Com Deus e Nossa Senhora
Eu vô abri este Rosaro

Moçambique me chamô, ai, ai
No Rosaro e eu já lá vô, ai, ai
No Rosaro de minha mãe, oh, gente!
Nossa Senhora levô, ah!

45. IRMÃ PEREGRINA DE TODOS OS POBRES[65]

Irmã peregrina de todos os pobres
mulher profetisa dos pobres libertos.
Com todos aqueles que seguem a Cristo,
a ti nós chamamos de mãe.

Mãe do terceiro mundo,
a mãe de todos os povos,
todos são filhos teus,
porque és Mãe de Deus.

A ti, ó Maria, pedimos que fales a Cristo,
teu filho, de nossos problemas,
a sua pobreza se torne riqueza,
riqueza de vida e de amor.

A Cristo que morre na cruz salvadora,
Suplica Maria, por nós que o seguimos.
Por tantos que lutam por serem libertos,
saibamos viver e morrer.

---

[64] Autoria desconhecida. Citado por Augras (2005, p. 45).
[65] Autoria de Frei Luiz S. Turra (LIVRO DE CÂNTICO..., 2005). É assessor da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia, do setor de Música Litúrgica da CNBB.

Que a todos devore a fome e a sede
daquela justiça que salva e redime
teu filho derrube os muros que isolam,
possamos unidos viver.

Mulher campesina e trabalhadora,
de Cristo o Evangelho,
ensina-nos a ler,
também traduzi-lo na vida e nas obras,
então nós seremos cristãos.

46. MARIA, MÃE DOS CAMINHANTES[66]

Maria, Mãe dos caminhantes
Ensina-nos a caminhar.
Nós somos todos viandantes,
Mas é difícil sempre andar

Fizeste longa caminhada,
Para servir a Isabel,
Fazendo-te de Deus morada,
Após teu sim a Gabriel.

Depois de dura caminhada,
Para a cidade de Belém,
Não encontraste lá pousada,
Mandaram-te passar além.

Com fé fizeste a caminhada,
Levando ao templo teu Jesus,
Mas lá ouviste da espada,
Da longa estrada para a cruz.

Humilde foi a caminhada,
Em companhia de Jesus,
Quando pregava, sem parada,
Levando aos homens sua luz.

Vitoriosa caminhada,
Fez finalmente te chegar.
Ao céu, a meta da jornada,
Dos que caminham sem parar.

[66] Autoria desconhecida (LITURGIA..., 1996, p. 1848-1849).

47. O QUE SENTE O TEU CORAÇÃO[67]

O que sente o teu coração, Maria,
pulsando em mil corações a te amar?...
Povo que te quer bem, filhos que a ti vêm,
porque sabem: teu coração é o seu lugar.

Sou a mãe do puro amor:
o meu filho Redentor,
Que segui desde Belém até a cruz!
Venham, filhos, até mim,
lhes ensino a dizer "SIM",
e a seguir também os passos de Jesus!
O que vê teu materno olhar, Maria,
em cada olhar que, feliz, procura o Teu?...
Mãe da Consolação, ternura e compaixão,
te buscar é, já nesta terra, sentir o céu!

O que tocam as tuas mãos, Maria,
quando se elevam, orantes, tantas mãos?...
Em ti o amor do Pai nos abraçando vai;
se teus filhos, somos também entre nós irmãos!
E os teus peregrinos pés, Maria,
vindo ao encontro de caminheiros pés?!...
Descalço o coração, pisam bendito chão,
proclamando, com viva voz, a Mãe que tu és!

E este teu colo protetor, Maria,
que aninha os filhos de toda raça e cor?...
Em ti a nossa fé, Virgem de Nazaré,
se renova, e a vida ganha novo ardor!

48. NA BASÍLICA[68]

Eis aqui, ó Maria, romeiros
Que vêm hoje pr'a junto de vós
Vosso nome entoando, fremente,
Em concertos de uníssona voz.

Recebei, ó Rainha dos homens
Nossos vivos, ferventes anhelos;
E firmae nossa fé verdadeira
E estreitae com Jesus nossos élos!
Defendei-nos, nos tempos que correm,

[67] Autoria: Ir. Miria T. Kolling (LIVRO DE CÂNTICO..., 2001, p. 216).
[68] Autoria desconhecida (PAROCHIA DE MOGY DAS CRUZES, 1917, p. 13).

Que assaltos da serpe maligna
Que procura roubar aos humanos
Os alentos da crença divina.

Confundi, Virgem forte a soberba
E os bramidos constantes do incréo
Que, atrevido, raivando blasphema
Contra vos, contra Deus, contra o céu.

49. VAI COM OS HOMENS[69]

Ao longo da tua vida,
Nunca sozinho estás,
Contigo pelo caminho
Santa Maria vem...
Vem, vem conosco a caminhar
Santa Maria vem
Se pelo mundo os homens
Sem conhecer-se vão,
Não negues nunca a tua mão
A quem contigo vai.
Mesmo que alguns te digam
Que nada podes mudar,
Luta por um mundo novo,
Luta pela verdade.
Se parecer a teus olhos
Inútil caminhar,
Tu vais abrindo caminho
Que outros andarão.

50. MARIA O MAGNIFICAT CANTOU[70]

Maria o Magnificat cantou
e com ela também nós vamos cantar.
Pão e vida é o brado de um Brasil
que de norte a sul se uniu
para a fome eliminar.

Aparecida é a mãe do pescador, é a mãe do Salvador,
é a mãe de todos nós.

Maria o magnificat cantou
e com ela também nós vamos cantar,

[69] Autoria desconhecida (LIVRO DE CÂNTICO..., 1994, p. 41).
[70] Pe. Francis J. Weber (LIVRO DE CÂNTICO..., 1982). Atualmente pertence à arquidiocese de Los Angeles.

protegendo e defendendo nosso irmão
que merece peixe e pão
pra sua fome saciar

Maria o magnificat cantou
e com ela também nós vamos cantar,
nos unindo para a ceia do Senhor,
com Jesus o Salvador
de mãos dadas com o irmão.

Maria o magnificat cantou
e com ela também nós vamos cantar,
implorando pelo povo sofredor
que por falta de amor
nada tem nada para comer.

Maria o magnificat cantou
e com ela também nós vamos cantar;
de mãos dadas mais um ano passaremos
e jamais esqueceremos
desta mãe que nos uniu.

3.2 OS EPÍTETOS NOS HINOS MARIAIS

A figura da Mãe de Deus se manifesta nas canções religiosas católicas, pois se acredita que estas são formas de maior proximidade e identificação com o homem. Os hinos religiosos em análise são aqueles dotados de mais expressão, que fizeram referências à imagem de Maria, os quais foram escolhidos com a intenção de identificar os termos qualificativos, epítetos, existentes nesses cantos, elementos principais do presente estudo.

Por meio dos próprios títulos dos cânticos foi possível encontrar os termos de tratamentos qualificativos e de atribuição direcionados à Mãe de Deus. Os textos são bastante evidentes quando se fala em elementos que adornam os cantos feitos em homenagem à Maria.

Sabendo-se que Maria foi central na cristandade e ainda continua sendo na atualidade, é bem comum que hinos e belos poemas sejam escritos, os quais levam em consideração os diversos termos usados para referir-se a ela. O pesquisador Clodovis Boff (2006) diz que tais termos e considerações à Santa são evidentemente lembrados, porque ela é basicamente uma figura central no Cristianismo:

> Seus títulos de excelência do ponto de vista da fé são muito conhecidos: **mãe de Deus**, **a toda santa, a cheia de graça, a bendita entre as mulheres, aquela que todas as gerações proclamarão bem-aventurada**, e, ainda, **a imaculada, a gloriosamente assunta ao céu, a rainha** etc. etc. (BOFF, C., 2006, p. 287, grifo nosso).

Esses tratamentos qualificativos dados à Santa são muito comuns e ainda é possível encontrar variados títulos nos poemas e cantos que circundam o meio cristão ou não, em diversas épocas de nosso tempo, sempre evidenciando a importância da figura de Maria no meio religioso.

Tomando por base os presentes títulos, é de suma importância deixar evidente que, pelo fato da devoção em Maria e suas manifestações religiosas serem extensas, optou-se por desenvolver o estudo dos epítetos encontrados nos cantos a partir dos dogmas marianos: Maria é a Mãe de Deus; ela permaneceu virgem (Virgem Maria); foi concebida sem pecado (Imaculada Conceição) e, por último, após sua permanência na Terra, foi levada em corpo e alma à glória celeste (Assunção de Nossa Senhora) (SILVA, 1994).

Assim, levando em consideração os dogmas acima expostos, inicia-se aqui a análise do canto "Rainha da Assunção", que já de imediato nos faz saltar aos olhos um título nobiliárquico, expressão da "realeza divina" que Maria transmite.

O poema identifica a missão especial dada por Deus à Maria, que teve a necessária qualidade para executar a tarefa designada por Deus. Apenas numa palavra, Maria, com seu "faça-se", entra na caudalosa corrente dos pobres escolhidos por Deus, os que pouco perguntam, questionam ou protestam, mas que se abandonam em silêncio e depositam sua confiança nas mãos poderosas de Deus. A linha de contorno traçada para essa missão especial repousa basicamente na simplicidade e fé da Santa (LARRAÑGA, 1980).

Por meio das ideias do autor do canto[71], verifica-se a "missão especial" de Maria, que, conforme os ensinamentos cristãos, foi aquela que gerou Jesus Cristo:

> Maria concebida sem culpa original,
> trouxeste a luz da vida na noite de Natal!
> Tu foste imaculada na tua conceição,
> ó mãe predestinada da nova criação.
> [...]

[71] Cântico n. 1: Rainha da Assunção.

Pelo exposto, Maria gerou o Cristo ainda em sua virgindade e não tinha pecados. Foi, justamente, pelo fato de ser uma mulher pura e destituída de pecados, a escolhida entre muitos para dar à luz ao "Salvador", na noite de Natal.

Sem cometer erros desde seu nascimento, Maria é revestida de significados diferentes e plenos, visto que o seu "destino" era o de ser a mãe dos viventes, a grande matriz da vida. Ela representa a possibilidade de gerar o eterno da vida, sendo a "terra úmida" que, participando da geração de Deus, representa a imagem da natividade, passando a fazer parte do tecido humano. A Virgem própria torna-se a "mãe divina" dos seres:

> Maria da Assunção, escuta a nossa voz,
> e pede proteção a cada um de nós.
> [...]

Aqui, o compositor qualifica a Santa como "Maria da Assunção", que se refere à subida do corpo de Maria ao céu, quando, novamente, reuniu-se à sua alma.[72] É o quarto dogma referente à vida da Virgem Maria, cuja proclamação aconteceu em meados do século XX. Como havia feito Pio IX, para o dogma da Imaculada Conceição, também Pio XII, em 1946, enviou carta aos bispos do mundo inteiro para ouvir suas opiniões sobre a conveniência da definição infalível da assunção corporal de Maria ao céu.

Esse acordo da base eclesial está registrado na inscrição que se pode ler na parede interna do pórtico central da Basílica de São Pedro,

> Aquilo que, com insistentes votos, o mundo católico esperava, trouxe o 1° de novembro do Ano Santo de 1950, quando Pio XII, diante da multidão aclamante que enchia a Praça de São Pedro, declarou, com oráculo infalível, que a Virgem Maria Mãe de Deus foi elevada ao céu em corpo e alma. (BOFF, C., 2006, p. 523).

O dogma afirma que Maria, após sua morte, subiu corporalmente ao céu, como Cristo após a Ressurreição. Algumas tradições antigas dizem que ela não morreu, apenas dormiu, por isso também a expressão "dormição de Maria".

Essa Maria constitui os prelúdios da senhoria de Cristo sobre a morte. Ela é tida como a realidade concreta humana perfeitamente glorificada, o primeiro elo da terra que se enlaça à âncora lançada para além do véu, "a qual temos como âncora da alma, segura e firme, e que penetra até ao interior do véu." (HEBREUS, 6:19).

[72] Cf. Dogma definido pelo papa Pio XII em 1° de novembro de 1959.

A própria páscoa do povo é confirmada por Maria. Nessa visão, é ressuscitado o princípio da ressurreição, mas a Assunta torna-se, por meio da promessa divina, uma garantia suplementar do retorno do povo à vida. Como ela, o fiel pode gritar com mais força: "Ó morte, onde está a tua vitória?" (1 CORÍNTIOS, 15:54). Dessa forma, pode-se entender que a morte sofreu duas derrotas sequenciais: a Ressurreição de Cristo e, depois e em virtude desta, a Assunção de Maria.

Como a maternidade da Santa garante a encarnação de Jesus na história, assim também a subida do corpo de Maria ao céu garante a ressurreição da carne de Jesus e a redenção de nosso corpo (BOFF, C., 2006).[73]

No Brasil, a imagem da Santa escolhida como representante daquela que subiu ao céu é, desde os tempos coloniais, reverenciada pelo nome de *Nossa Senhora da Boa Morte*, a qual influenciou o surgimento de várias irmandades[74], como a existente na cidade de Cachoeira, na Bahia, e no convento do Carmo, em Olinda. A Assunção de Maria aos Céus originou também a *Nossa Senhora da Glória*, celebrada em 15 de agosto e muito conhecida entre os devotos (AUGRAS, 2005).

Ela é o "sinal de eterno amor"; se Jesus representa o amor de Deus, Maria é a história do amor em suas várias invenções, fantasias e divinas loucuras. Isso, de resto, corresponde à singularidade da epistemologia mariológica, que, no agir de Deus em Maria, não busca só o necessário, mas quer responder também ao conveniente (BOFF, C., 2006).

A Santa é assim chamada por ter gerado a vida do Salvador. Após gerar a criança iluminada e, depois de ter acompanhado a vida de Jesus até a morte deste, foi elevada aos céus por anjos enviados por Deus. Como numa luminosidade intensa, a Santa, segundo o trecho a seguir, foi exaltada pelo pai.

Maria, mãe querida, sinal do eterno amor!
No ventre deste a vida e
corpo ao Salvador!
Ao céu foste elevada por anjos do Senhor,
na glória coroada, coberta de esplendor.
[...]

[73] Em latim: *Quod diuturnis catholicus orbis expectabat votis calendae novembris anni sacri MCML tulere cum in petriano foro ovantium multitudine referto...Pius XII...deiparam Virgninem Mariam anima et corpore in coelum assumptam falli nescio pronuntiabat oráculo* [...] (BOFF, C., 2006, p. 521).

[74] Fraternidade, laço de parentesco entre irmãos; amizade afetuosa e íntima entre pessoas diversas; confraternidade, associação, agremiação de cunho religioso (HOUAISS, 2001).

Após ser assunta ao céu, a mulher de Nazaré, coberta da luz divina, obteve o poder para proteger, com o seu véu, o povo que caminhava para a luz. Ela faz a intermediação entre a terra e o céu, acompanhando as almas dos mortos que vão em direção ao céu. Cumpre o papel daquela que tem a chave do firmamento e que faz bom uso das atribuições dadas pelo pai.

Maria, mãe rainha protege com teu véu,
o povo que caminha na direção do céu.
Tu foste a maravilha das obras do Senhor,
esposa, mãe e filha do mesmo Deus
de amor.[75]

Maria, Mãe de Deus, denominada a "maravilha das obras do Senhor", excelência do mais alto grau, é reconhecida como *esposa*, *mãe* e *filha* do Deus de amor. Elevada aos céus, a Virgem é proprietária dos três substantivos femininos acima indicados.

Para Leonardo Boff (1990), a Virgem como esposa emerge primeiramente como noiva, promessa de vida e fonte recolhida, cujas águas não foram ainda canalizadas. Após a intimidade materna, dá-se a esponsorial, que é a mais realizadora das experiências humanas. Estando a esposa-noiva próxima e distante ao mesmo tempo.

Está próxima pelo amor, comunhão confiante, pelo encanto que exerce sobre o amante. É distante, porque permanece ainda uma promessa, um oferecimento não completamente realizado; tudo na esposa-noiva está prestes a desabrochar e frutificar. É nessa inter-relação que brilha o valor da virgindade de Maria, que representa o arquétipo do inteiro, fechado sobre si mesmo, mas que é aberto para a reprodução.

Ainda segundo o teólogo Leonardo Boff (1990), verifica-se que a Santa, como mãe, está ligada ao mistério da vida, sendo ela o primeiro continente que a criança descobre; é pela figura materna que o filho elabora psicologicamente as primeiras orientações da existência em termos de bem e de mal, aceitação ou rejeição.

E, como filha de Deus, Maria é a "bendita entre todas as mulheres", expressão que traduz um semitismo que expressa o superlativo: "a mais bendita entre as mulheres". Em sua vida, desvelou-se a vocação suprema: a chamada mulher em relação aos homens e em relação a Deus. Ela revela a dimensão radical do humano, feminino, e dessa maneira faz-se exemplar não somente das mulheres, mas de todos os seres humanos, tornando-se, enquanto mulher e filha, uma faceta nova da divindade superior.

[75] Cântico n. 1: Rainha da Assunção.

3.2.1 VIRGEM DO ROSÁRIO

Tomando por base o canto n. 2, cujo epíteto inicial é a "Virgem do Rosário", serão destacadas algumas das principais ocorrências referentes à anunciação, concepção e assunção de Maria, já que o hino abre espaço para a ampliação do estudo desses elementos.

Uma das importantes características da poesia de reflexão existencial de Maria é evidenciada. Nesse canto, aparece também a religiosidade de um autor que foge das apreciações simples e busca a idealização da Virgem com um ímpeto de poeta romântico:

Virgem do Rosário
Sois rosa mimosa
Entre as outras flores
Sois a mais formosa[76]
[...]

Maria é igualada a uma rosa, que exala perfumes, sejam eles suaves, agradáveis ou doces, ela é vista aqui como uma rosa inigualável. Também do gênero das mimosas, a rosa mimosa é uma planta que reúne muitas espécies de ervas, arbustos, lianas e árvores, nativas de regiões tropicais e subtropicais, especialmente das Américas, algumas daninhas, várias cultivadas como ornamentais, poucas como medicinais, para extração de lenha (HOUAISS, 2001).

Já na segunda estrofe do canto, verifica-se o sentido que serve de ponto de partida para os devotos louvarem as memórias correntes dos mistérios que fazem menções aos prodígios e sofrimentos de Maria:

Louvemos devotos,
As pias memorias
Do rosário os gozos
As dôres e glorias.
[...]

O Rosário da Virgem Maria, *Rosarium Virginis Mariae*, foi se formando gradualmente no segundo Milênio, é uma oração amada por numerosos Santos e estimulada pelo

[76] Grifo nosso. Nos cantos em que forem feitas as análises poéticas tomaremos a liberdade de fazer modificações para o melhor entendimento do leitor.

Magistério[77], o vocábulo rosário está ligado, no entanto, a essa oração.

Na sua simplicidade e profundidade permanece, mesmo no terceiro Milênio recém iniciado, uma oração de grande significado e destinada a produzir frutos de santidade. Ela enquadra-se, perfeitamente, no caminho espiritual de um Cristianismo que, passados dois mil anos, nada perdeu do seu frescor original e sente-se impulsionado pelo Espírito de Deus a "fazer-se ao largo" (*duc in altum!*) para reafirmar Cristo como Senhor e Salvador, como "caminho, verdade e vida" (JÓ, 14: 6).

Verifica-se, também, o epíteto "Virgem do Rosário" no seguinte canto[78], intitulado também de "Virgem do Rosário":

Virgem do Rosário,
Odorante rosa,
Entre as flôres tôdas,
És a mais formosa!
[...]

Maria é qualificada como a mais formosa de todas as flores, o autor enfatiza que a Santa é uma rosa que exala perfumes agradáveis; no entanto, distinta de outras "rosas" que não apresentam tal atributo.

Virgem do Rosário,
Em Aparecida,
Fátima ou Lourdes,
Sê nossa guarida!
[...]

A "Virgem do Rosário", segundo esse canto[79], é considerada guardiã em qualquer lugar, seja em Aparecida (Aparecida do Norte/SP), local onde se encontra um dos maiores santuários de Maria do mundo, Fátima ou Lourdes, dois locais de devoção também igualmente visitados.

Virgem do Rosário,
Na vida e na morte,
Sejam teus mistérios
Nosso escudo forte!

[77] Referente à última carta apostólica do Papa João Paulo II – *Rosarium Virginis Mariae*, LG n. 58.
[78] Cântico n. 17: Virgem do Rosário.
[79] Ibid.

O Rosário, de fato, ainda que caracterizado por sua fisionomia mariana, no seu âmago é oração cristológica. Na sobriedade dos seus elementos, concentra a profundidade de toda a mensagem evangélica, da qual é quase um compêndio. Nele, repercute a oração de Maria, o seu perene *Magnificat* pela obra da encarnação redentora iniciada no seu ventre virginal.

Com ele, o povo cristão frequenta a escola de Maria, para deixar-se introduzir na contemplação da beleza do rosto de Cristo e na experiência da profundidade do seu amor. Mediante o Rosário, o crente alcança a graça em abundância, como se a recebesse das mesmas mãos da Mãe do Redentor.

Há, além disso, um cântico[80], cujo título é "Eu vô abri este Rosaro"**,** que traz à tona outra simbologia apresentada pelo rosário de Nossa Senhora:

Eu vô abri este Rosaro
Eu vô abri este Rosaro
Com Deus e Nossa Senhora
Eu vô abri este Rosaro
[...]

Verifica-se que a palavra *rosaro* está em evidência, devendo-se à existência da planta chamada "lágrimas-de-nossa-senhora", também conhecida como biurá. Dizem que Maria, frente à escravidão, condoeu-se tanto que chorou, e de suas lágrimas nasceu a planta, que tem sido utilizada para fazer rosários. Em Minas Gerais, Congueiros e Moçambiqueiros continuam proclamando a sua devoção.

Os países Congo e Moçambique eram as regiões da África de onde provinham as primeiras levas de negros escravizados trazidos para o Brasil. Os arturos, tradicional grupo mineiro, asseguraram que foi o lamento de Moçambique que transformou Maria em "Mãe Santa dos Negros" (AUGRAS, 2005, p. 45):

Moçambique me chamô, ai, ai
No Rosaro e eu já lá vô, ai, ai
No Rosaro de minha mãe, oh, gente!
Nossa Senhora levô, ah![81]

[80] Cântico n. 44.
[81] Ibid.

A pesquisadora Augras (2005) acrescenta ainda que “O povo africano chegou ao Brasil trazido pelos navios negreiros, mas a Virgem Maria, também Rainha do mar, atravessou o oceano para resgatar os seus filhos.” (p. 45).

As inúmeras irmandades do Rosário, quer sejam em sua vertente estritamente religiosa, quer sejam por meio dos folguedos que ajudaram a perpetuar, acabaram por ter a dupla função de, ao mesmo tempo, assegurar o triunfo do catolicismo e o controle da escravaria.

O dito acima faz parte de uma das diversas histórias relacionadas à existência do rosário de Nossa Senhora e sua relação com alguns povos e culturas de origem africana. Há, contudo, evidências de que haja uma atribuição de predileção especial da Virgem Maria pelos povos negros. Do norte ao sul do Brasil, encontram-se lendas cuja temática é a seguinte: uma estátua de Nossa Senhora do Rosário apareceu na beira da praia. Os caboclos que são os primeiros donos da terra, pela ascendência indígena, cantaram e rezaram, levando a estátua para uma capela, mas, no dia seguinte, ela havia retornado ao lugar onde fora encontrada. O mesmo fizeram os marujos, que representam os brancos portugueses, e ela tampouco os atendeu. Mas, quando os negros a louvaram, ela foi com eles pra onde quiseram.

Assim é possível verificar, também, nos excertos que se seguem, referentes ao canto inicial “Virgem do Rosário” elementos ligados à vida de Maria, que remetem principalmente aos dogmas da anunciação, a concepção e as fases da passagem de Jesus pela Terra.

Maria concebe
O verbo incarnado
Que veio ao mundo
Remir do peccado.

Sentindo-se arder
Toda em caridade
Visita Isabel
Cheia de humildade.
[...]

Maria, conforme se verifica nos evangelhos, por ora habitada pelo Espírito Santo e carregando em seu ventre o Filho de Deus, foi visitar Isabel, sua prima. Esta, antes de ouvir a saudação de Maria, sentiu estremecer-lhe a criança no seio. Cheia do amor divino, exclama em voz alta: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto de teu ventre.” (LUCAS, 1:42).

Por intermédio dessa saudação, descobriu-se a verdade que estava em Maria: o Filho encarnado, “verbo incarnado”, que foi enviado ao mundo para livrar o povo do pecado:

No puro horizonte
Já o sol nascendo,
A paz annuncião
Os anjos descendo

No templo apresenta
A Jesus menino;
Nos braços da aurora,
Vem o Sol divino.

O filho que busca,
Cheia de agonia,
No templo descobre
Com summa alegria.

No triste retiro
Vê o filho orando,
De suor de sangue
A terra banhando.
Na forte columna
Já o vê atado,
Uma chaga viva
Seu corpo sagrado.

Por duros espinhos
Também transpassada,
A sacra Cabeça
Toda ensangüentada.
[...]

O autor mostra uma evidente intenção de esclarecer, por meio dos cantos, os momentos que antecederam a morte de Jesus. É certo que Maria, sua mãe, acompanhou todos os acontecimentos e sofrimentos do filho Nazareno.

A cruz já levando
No hombro ferido,
Vê cahir por terra
O filho querido,
[...]

Forçaram-no a carregar a própria cruz, até um local chamado gólgota[82]. Ao vê-lo perder as forças, ordenaram a um homem, de nome Simão Cireneu, que tomasse da cruz e a carregasse durante parte do caminho.

É crucificado
Entre dous ladrões,
Morre o Rei da Gloria
Cheio de Afflicções.
[...]

O Filho de Maria foi levado para fora da cidade e pregado na cruz pelos soldados romanos. João conta que Pilatos escreveu, no alto da cruz, a frase latina: "*Iesus Nazarenus Rex Iudeorum*"[83]. A cruz de Jesus foi colocada entre dois ladrões. Antes de morrer, Jesus exclamou: "*Elí, Elí, lamá sabactani*", traduzindo tem-se "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (MATEUS, 27:46).

Qual a primavera,
Risonha estação,
Resplandece a Virgem
Na ressurreição
[...]

Após três horas pregado na cruz, Jesus morreu. José de Arimateia e Nicodemos depuseram o seu corpo num túmulo recém-aberto e o fecharam com uma grande pedra. Os guardas vigiaram o lugar por toda a noite.

Saudosa e alegre,
Vê subir ao céo
Jesus triumphante,
Doce encanto seu.

Da dextra do Padre
O teu filho envia
O divino Espirito
Que abrasa a Maria.

[82] Refere-se ao calvário.
[83] Jesus Nazareno, o rei dos judeus (JOÃO, 19:19).

Já deixando a terra
Maria exaltada,
Aos céos se eleva
Dos anjos cergada,

A'dextra do Filho
Em throno de Gloria,
De luz coroada,
Já canta victoria.

Fazei, doce Mãi,
Que no céo tambem,
A Jesus louvemos
Para sempre. Amen.[84]

De acordo com os evangelhos, no domingo de manhã, Maria Madalena foi bem cedo ao túmulo de Jesus, Filho de Maria, encontrando a pedra fora do lugar e o sepulcro vazio. Depois disso, o Nazareno apareceu a ela e a Simão Pedro. Onze apóstolos fiéis encontraram-se com ele, primeiro em Jerusalém e depois na Galileia onde chegou a ser visto por algumas centenas de pessoas. Porém, é o relato de Mateus que mais oferece detalhes sobre os acontecimentos que envolveram o momento da ressurreição. Segundo Mateus, a ressurreição de Jesus teria sido precedida de um grande terremoto em razão da remoção da pedra que estava na entrada do sepulcro.[85]

Mesmo sendo detalhadas as passagens da vida e morte de Jesus na Bíblia, por meio do canto é possível entendê-las com muita facilidade, fazendo com que as pessoas, que se utilizam dos cânticos como forma de adoração, possam se aproximar e conhecer cada vez mais os fatos históricos e bíblicos que circundam a vida de Maria e de seu Filho, o Nazareno.

3.2.2 VIRGEM DOLOROSA

No cântico n. 3, cujo epíteto destacado é a "Virgem dolorosa", pode-se observar uma alegoria aos sofrimentos de Maria de Nazaré, junto ao Filho amado, Jesus Cristo. O autor do hino, não identificado, diferentemente do compositor do cântico n. 2 desdobrou muito a

[84] Cântico n. 2.
[85] BÍBLIA SAGRADA, passim.

questão do ato de sofrer de Maria, incitando a todo o momento vocábulos que se referem à dor, à angústia.

Virgem dolorosa,
que aflita chorais,
repleta de angústias,
bendita sejais!
[...]

As verdades dos fatos ocorridos são refletidas na linguagem poética do autor, levando assim o leitor a imaginar as dores sofridas pela Santa de Nazaré por meio de argumentos persuasivos, apresentando Cristo como modelo de causa primeira do martírio de Maria.

Demonstra, no entanto, a angústia da mulher, "Senhora das dores", perante o filho, que busca imitar a perfeição do pai. O compositor utilizou-se de argumentos da retórica para imitar tal dor, inserindo, com frequência, vocábulos que indicam padecimento, amargura:

Bendita sejais
Senhora das dores
ouvi nossos ais
mãe dos pecadores.
[...]

A "Senhora das dores" é a Maria que sofreu as agonias do sofrimento e da morte do filho Jesus Cristo. Sendo ela a escolhida para ouvir os clamores dos cristãos, que, por diversos motivos, sentem dores e clamam por auxílio.

De Simeão as vozes,
no templo fujais,
cruéis profecias,
bendita sejais!
[...]

A frase-síntese sobre Simeão, "ora, havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão; este homem era justo e piedoso e esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele." (LUCAS, 2:25), indica que este tinha uma trajetória que se assemelhava à de José, no Egito, sobre quem seus contemporâneos anotaram cheios de certeza, embora não

cressem no Deus de José: “poderíamos achar um homem como este, em quem haja o espírito de Deus?” (GENESIS, 41:38).

Como todo o Israel antigo, Simeão esperava a consolação do seu povo. Ele aguardava a chegada do Messias, que restauraria o poder ao seu povo, massacrado por diferentes impérios havia alguns séculos. A longa espera fez com que muitos desistissem ou se afastassem das visões bíblicas acerca do Messias.

Depois de ter reconhecido em Jesus a “luz para iluminar as nações” (LUCAS, 2:32), Simeão anuncia à Maria a grande prova à qual é chamado o Messias e revela-lhe a sua participação nesse destino doloroso.

Essa referência ao sacrifício do Redentor, ausente na anunciação, fez ver no oráculo de Simeão quase um “segundo anúncio”[86], que levou a Virgem a uma compreensão mais profunda do mistério do seu Filho.

O ancião que, até aquele momento, tinha se dirigido a todos os presentes, abençoando especialmente José e Maria, agora prediz, só à Virgem, que participará na sorte do Filho. Inspirado pelo Espírito Santo, anuncia-lhe: “Eis que este Menino vai ser causa de queda e elevação de muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição. Quanto a Ti, uma espada há de atravessar-te a alma. Assim serão revelados os pensamentos de muitos corações.” (LUCAS, 2:34-35).

Assim como Maria, Simeão teve paciência e esperou a chegada do Messias; a voz deste homem pôde ser ouvida em todo o templo, repelindo as profecias que eram condizentes à vinda do Salvador.

Contudo, no trecho abaixo, há o anúncio da passagem em que foi pedido o envio de um anjo do céu para aconselhar o Nazareno a fugir dos homens soberanos, injustos e cruéis.

[...]
Manda do céu um anjo,
dizer que fujais,
do servo tirano,
bendita sejais!
[...]

[86] *Redemptoris Mater*.

Maria foi a procura do Nazareno no templo, lugar que este frequentava para indagar e conversar com os homens da Lei; não o encontrando, a mulher de Nazaré sofreu um grande susto, temendo pela proteção do Filho.

Assim, encontra-se nos trechos do hino em questão, dedicado à Nazarena, a indicação das sete dores sofridas pela Virgem: a profecia de Simeão; a fuga para o Egito; Jesus perdido no Templo; Maria encontra o seu Filho com a cruz a caminho do Calvário; Jesus morre na Cruz; Jesus é descido da Cruz e entregue à sua Mãe; e o corpo de Jesus é sepultado:

Voltando do templo,
Jesus não achais;
que susto sofrestes!
Bendita sejais!

Uma dura espada
de dores mortais,
o peito vos passa,
bendita sejais!

Que dor inexplicável,
quando o encontrais,
com a Cruz às costas!
Bendita sejais!

A dor ainda cresce,
quando contemplais,
Jesus expirando!
Bendita sejais!

Nos vossos braços,
seu corpo abrigais,
com ele abraçada!
Bendita Sejais!

Sem filho e tal Filho!
Então suportais
Cruel solidão,
bendita sejais!

Esse canto denota uma rica história que, distribuída nos versos, busca aproximar o devoto de Maria também ao conhecimento da existência daquele que a fez “bendita”. As jaculatórias têm um papel fundamental na observância dos valores que o cântico transmite.

3.2.3 MARIA, MÃE DE TODOS NÓS

Maria, mãe de Jesus
No céu uma estrela guia
Anunciou um novo dia
E uma luz então brilhou
[...]

Maria é aqui chamada de “mãe de Jesus”, por ter gerado o filho unigênito de Deus, prenunciando, assim, um novo dia, sinal de novos tempos para o povo.

Que um anjo anunciou
Que nasceria
O santo ventre de Maria
Aquele que seria o verdadeiro amor
Tanta luz se fez verdade, pureza e bondade da mais linda flor.
[...]

O nascimento do Nazareno foi anunciado pelo anjo Gabriel. O ventre de Maria, considerado puro, daria vida àquele que seria o símbolo do amor e salvação da Terra, o qual viria para tirar todo o pecado do mundo.

Santa mãe da esperança do anjo criança nosso salvador
Maria do desesperado, dos injustiçados, dos sofredores.
Maria de todos os prantos, sonhos, desencantos de tantas dores.
Maria de João e José, rainha da fé, rainha de luz.
Maria, mãe de todos nós.
[...]

Apenas nesse único trecho podem-se encontrar diversas formas de qualificativos para a Santa, os quais denotam a presença da Santa no meio social, carente de justiça: “Santa Mãe da esperança, do anjo, da criança nosso salvador”, “Maria do desesperado, dos injustiçados, dos sofredores”, “Maria de todos os prantos, sonhos, desencantos de tantas dores”; “Maria de João e José”, “rainha da fé”, “rainha de luz” e “mãe de todos nós”.

Aqui, observa-se o quanto a Mãe de Deus é considerada a mãe libertadora do povo, aquela que cuida do desesperado, injustiçado e sofredores em geral. A Santa que olha por aqueles que lamentam, que esperam e que têm sofrimentos físicos e morais. É a mãe bendita:

[...]
Benditas sós vós, mãe de Jesus.
Benditas sós vós, mãe de Jesus.
Benditas sós vós, mãe de Jesus.
No céu uma estrela guia
Anunciou um novo dia
[...]

É possível verificar, na estrofe acima, a repetição da palavra *bendita*, que reforça a condição especial de Maria no meio cristão. Ela é a mulher abençoada, mãe de Jesus, considerada também a estrela que guia.

No mesmo trecho, sobre a utilização dos vocábulos *sós vós*[87], constata-se que o *sós* é referente ao *sois*; as pessoas usam mais o verbo na segunda pessoa do plural. Como o verbo *sois* está próximo do pronome pessoal da segunda pessoa do plural *vós*, este contamina o *sois*.

Dando continuidade, para frisar o nascimento de Deus, do puro seio da Santa, o poema retoma a anunciação da vinda de Jesus por intermédio de Maria:

E uma luz então brilhou
Que um anjo anunciou
Que nasceria
O santo ventre de Maria
Aquele que seria o verdadeiro amor
[...]

Abaixo, as qualidades da Virgem bondosa e misericordiosa são mais uma vez lembradas: “Santa mãe da esperança do anjo criança nosso salvador”, “Maria do desesperado”, “dos injustiçados”, “dos sofredores”, “Maria de todos os prantos, sonhos, desencantos de tantas dores” e “Maria de João e José”.

[87] É uma tentativa de assimilação, uma contaminação por assimilação faz com que o texto se torne mais poético.

Tanta luz se fez verdade, pureza e bondade da mais linda flor.
Santa mãe da esperança do anjo criança nosso salvador.
Maria do desesperado, dos injustiçados dos sofredores.
Maria de todos os prantos, sonhos, desencantos de tantas dores.
Maria de João e José, rainha da fé, rainha de luz.
[...]

A Virgem exposta aqui é a fonte "da pureza e da bondade"; há a reunião de diversos epítetos que idealizam a Santa, mostrando para o devoto o quanto ela, a Virgem, está próxima dele e concilia dotes para auxiliá-lo em qualquer situação.

Maria, mãe de todos nós.
Benditas sós vós, mãe de Jesus.
Maria do desesperado, dos injustiçados dos sofredores.
Maria de todos os prantos, sonhos, desencantos de tantas dores.
Maria de João e José, rainha da fé, rainha de luz.

Maria, mãe de todos nós.
Benditas sós vós, mãe de Jesus.
Benditas sós vós, mãe de Jesus.
Benditas sós vós, mãe de Jesus.
Mãe de Jesus.[88]

Nesse sentido, um texto grego foi encontrado em um papiro que parece pertencer ao século III, no qual há uma antiga invocação da Virgem: "*Sub tuum praesidium*", o que pode justificar a frase "Bendita sós vós" dedicada à Virgem: "Sob a proteção da tua misericórdia nos refugiamos ó mãe de Deus; não despreses as nossas orações em nossas dificuldades; mas livra-nos do perigo tu só pura (ou venerada) tú que só és bendita. [sic]" (MIEGGE, 1962, p. 141-142).

Neste outro canto[89], "Virgem Mãe, Coração de Maria", o autor também se inspira na Maria "Bendita do Senhor", a qual aceitou de todo o coração o Deus que foi gerado em seu ventre. Acolheu com silêncio a mensagem enviada pelo anjo Gabriel, dando vida ao que era, no início, apenas palavra:

[88] Cântico n. 44: Eu vô abri este Rosario.
[89] Cântico n. 5: Virgem Mãe, Coração de Maria.

Virgem Mãe, Coração de Maria,
que ao Senhor foste inteira adesão, a
Bendita do Senhor, silêncio que
acolheu, do Pai o Verbo, a voz.
[...]

Segundo o evangelho de Lucas (1:26-38), o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, o destino era transmitir o recado de Deus para uma virgem que era noiva de um homem, cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. O anjo, entrando onde ela estava, disse: "Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres". A mulher, ainda sem entender, sofreu perturbações, pois não compreendia que palavras eram aquelas, a Virgem de Nazaré disse então ao anjo: "Como se fará isto, visto que não conheço homem algum?" O anjo em resposta disse-lhe: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que irá nascer de ti, será chamado Filho de Deus". Essas passagens encontradas nas escrituras são as provas do momento da anunciação da chegada do Filho de Deus por intermédio de Maria.

Assim, dando continuidade, o autor do cântico não finaliza o enredo sacro, entrega para o devoto a história da anunciação por meio dos hinos:

Que o teu "Assim se faça", encarnando
o impossível,
nos abra ao amor, e a terra traga o céu:
Maria, roga a Deus por nós!
[...]

E eis que também Isabel, sua prima, concebeu um filho em sua velhice, e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril, porque para Deus nada é impossível. Disse então Maria: "Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra, assim se faça. E o anjo ausentou-se dela." (LUCAS, 1:38).

Abraçando do Pai a vontade,
bem mais perto ficaste do irmão.
Dá-nos viver em total sintonia
com teu materno Coração.
[...][90]

[90] Cântico n. 5: Virgem Mãe, Coração de Maria.

Ainda, disse-lhe o anjo:

> Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e ele se chamará Jesus. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim. (LUCAS, 1:30-33).

A Santa aceitou a vontade do Deus, ficando assim mais próxima do irmão, da sociedade. O consentimento de Maria foi o marco para a sintonia entre Deus e o homem. O coração materno da Santa viabilizou um eterno laço divino.

3.2.4 MÃE

O compositor do cântico n. 6, "Pra consolar Maria", cita, assim como foi indicado nos outros excertos anteriores, o episódio da crucificação e morte de Jesus. Maria, sua mãe, segundo as escrituras, acompanhou todo o trajeto feito pelo Filho, até que ele fosse morto na cruz:

Ia longe o dia em Jerusalém,
junto a cruz, Maria:
tão triste, não vi mais ninguém.
[...]

Quero, Maria, ser teu Jesus[91],
mesmo que um dia morra na cruz.

O sofrimento de Maria ao ver o Filho, considerado por muitos cristãos como o salvador do mundo, agonizando até a morte foi imenso, somente uma mãe com muito amor e consolada pelo Espírito de Deus poderia suportar sofrer como ela sofreu. O autor do poema dispõe-se a ser o filho da Santa, mesmo que também morra crucificado como Jesus. O compositor do poema se demonstra disposto a sofrer como Jesus sofreu. Será pretensão do autor se colocar no lugar de Jesus? Ele poderia dizer-se semelhante:

[91] Ser *teu* Jesus é uma metáfora. Ser semelhante a *mater dolorosa* é uma declaração de entrega que não é ortodoxa, é uma mera expressão poética. Ele trocou o geral (filho) pelo particular (Jesus).

Quanta dor sentias, Mãe**,** ao contemplar
teu Jesus querido,
na cruz meus pecados pagar.
[...]

A Virgem, sofrendo e chorando, viu seu Filho, Jesus, deixar o mundo terreno para "salvar os pecados do mundo". Foi forte o suficiente para resistir aos insultos e cruéis castigos que o Filho recebia já na cruz, conforme dizem os evangelistas.

A admiração aqui é pela coragem e resistência moral e física que Maria teve diante da situação em que foi submetida. Ela é o símbolo da mulher agraciada e escolhida por Deus, aquela que não se deixou fraquejar mesmo nos momentos mais sofríveis.

Desde aquele dia jamais encontrei,
ser igual Maria,
tão triste, nem vi mais ninguém.

Segundo Miegge (1962, p. 179), a presença e a dor de Maria dão à paixão de Cristo uma grande intensidade e, sobretudo, uma qualidade humana, que lhe faltaria profundamente. Os sofrimentos de Maria fariam falta em uma redenção que quer ser a oferta a Deus de toda a dor humana. Jesus podia sofrer tudo, menos a compaixão para os seus próprios sofrimentos.

3.2.5 MÃE AGRACIADA

Se um dia um anjo declarou,
que tu eras cheia de Deus;
agora penso: quem sou eu,
para não te dizer também,
cheia de graça, ó Mãe Agraciada
[...]

Nesse canto[92], constata-se que a Santa é relembrada, adorada como de costume. O autor se coloca no poema, evidentemente com o intuito de representar os devotos da Santa, já que a piedade mariana é um dos aspectos mais imponentes da devoção católica

[92] Cântico n. 7: Se um dia um anjo declarou.

contemporânea. Os epítetos “cheia de graça” e “mãe agraciada” são muito bem colocados no canto, porque denotam a verdadeira dádiva da Santa.

A “mulher revestida de sol”, indicada no trecho que se segue, refere-se à Imaculada, que aparece como uma mulher terna e ao mesmo tempo guerreira, que esmaga a cabeça da serpente; a imagem combina traços da mulher vestida de sol (APOCALIPSE, 12:1-2) e traços da mulher do proto-evangelho (GÊNESIS, 1:15).

Surgiu um grande sinal do céu: uma mulher revestida de sol,
a lua debaixo de seus pés,
e na cabeça uma coroa
Não há com que se comparar,
perfeito é quem te criou,
se o Criador te coroou.
[...]

A Santa é digna de ser coroada, é a mãe do criador, a rainha de todos os povos. Para receber a coroa é necessário ser digno da adoração do povo, Maria tinha essas qualidades, sendo, portanto, aquela que é merecedora das devoções.

Te coroamos, ó Mãe,
te coroamos, ó Mãe,
Nossa Rainha.

3.2.6 SENHORA GLORIOSA

Senhora gloriosa,
bem mais que o sol brilhais.
O Deus que vos criou
ao seio amamentais.
[...][93]

A senhora gloriosa, que brilha mais do que o sol, é a Virgem, que resplandece e a todo o momento é agraciada. O mesmo Deus que criou a Santa é o que deu a ela a honra de ser a mãe de Jesus, o que veio, segundo as sagradas escrituras, para tirar os pecados do mundo.

[93] Cântico 8: Senhora gloriosa.

[...]
O que Eva destruiu,
no filho recriais;
do céu abris a porta
e os tristes abrigais.
[...]

No trecho anterior, percebe-se que há uma antítese que estabelece a relação da figura de Maria e de Eva, se esta foi o retrato da mulher pecadora e desobediente e, sendo por esse motivo condenada a "sofrer as dores do parto", é possível encontrar na figura de Maria o modelo da Santa que possibilitou as graças vindas de Deus, sendo-lhe dada a missão de ser a Mãe de Jesus Cristo (PAGELS, 1992).

O que Eva, a primeira mulher criada por Deus a partir da costela de Adão, destruiu, pela desobediência, a Virgem Maria recriou, abrindo as portas do céu para abrigar aqueles que são desprovidos de alegrias.

[...]
Da luz brilhante porta,
sois pórtico do Rei.
Da virgem veio a vida.
Remidos, bendizei!
[...]

Nesse trecho, existe mais uma menção à porta principal do céu. Para o autor do poema, existe uma guardiã que controla a entrada, que libera a passagem daqueles que serão recebidos pelo Rei, essa protetora é a Mãe de Deus, a senhora que deu a vida ao Jesus de Nazaré.

Nesse sentido, é possível também localizar em um dos poemas do poeta medieval Gonçalo de Berceo (1964) uma analogia às ideias expostas no canto acima; o texto do poeta refere-se também à Virgem como a guardiã, aquela que cuida da porta de entrada e saída, a qual "todos" precisam recorrer, ou melhor, ela é uma sentinela que protege a porta principal. Em suas palavras: "[...] Ella es dicha puerto a qui todos corremos, / E puerta por la qual entrada atendemos. / Ella es dicha puerta, em sim bien encerrada, / Pora nos es abierta, pora darnos la entrada."[94] (p. 10).

[94] "Ela é o porto da felicidade a que todos corremos; É a porta pela qual entramos; Ela é a porta, bem fechada; É aberta, para que possamos entrar." (tradução nossa).

Levando em consideração o poema de Berceo, escrito no período medieval, e outros poemas sacros que serão visualizados ao longo desta pesquisa, pode-se admitir que muitos cânticos utilizados nas igrejas católicas da atualidade apresentam ideias semelhantes aos cantos produzidos nos séculos anteriores.

3.2.7 AVE DO MAR ESTRELA

Neste outro canto[95], em que o autor intitula a Virgem de "Ave do mar Estrela", é possível inferir que o título é indicado à "Nossa Senhora dos Navegantes". É comparada à "Estrela do Mar" que protege os navegantes, mostrando-lhes o melhor abrigo e o porto da salvação.

É importante lembrar também que no começo do século as embarcações eram guiadas seguindo a posição dos astros, sendo as estrelas os elementos essenciais para guiar as navegações em alto mar (POLÓNIA, 2003). Maria é então comparada à "Estrela" principal que guia os navegantes em todos os sentidos:

> Ave do mar Estrela,
> bendita Mãe de Deus,
> fecunda e sempre Virgem,
> portal feliz dos céus.
> [...][96]

Para Megale (2001) essa comparação iniciou-se durante a Idade Média (cruzadas), quando os cristãos atravessavam o Mediterrâneo em demanda da Palestina, a fim de defenderem os lugares santos da profanação dos infiéis. Os navegantes tinham na memória a lembrança das terríveis travessias marítimas que as frágeis embarcações da época enfrentavam. Por esse motivo recorriam aos cuidados de Maria.

Ainda conforme os dizeres de Nilza Megale (2001), no tempo das navegações, essa devoção desenvolveu-se muito entre os navegantes portugueses e espanhóis, que se aventuravam no oceano desconhecido. Antes da partida das embarcações, os viajantes

[95] Cântico n. 9: Ave do mar Estrela.
[96] Ibid.

assistiam à missa e imploravam a proteção da Mãe dos navegadores nas jornadas além-mar. Sabe-se que Colombo denominou "Santa Maria" a uma de suas caravelas e Pedro Álvares Cabral, durante a viagem do descobrimento, trouxe (no navio) uma imagem de Nossa Senhora da Esperança.

> [...] Como é natural, logo chegou ao Brasil a devoção dos homens do mar, sob os vários títulos conferidos à Padroeira Celestial: Senhora dos Mares, da Boa Viagem, dos Navegantes, etc. Esta última invocação era mais usada pelos pescadores, homens modestos que diariamente enfrentavam o furor das ondas à procura do sustento próprio e de suas famílias; a prova disto é que os mais conhecidos santuários de Nossa Senhora dos Navegantes em nosso país estão situados nas zonas de pescarias, como na Praia de Mucuripe, em Fortaleza (Ceará); em Penedo (Alagoas) junto à foz do rio São Francisco; Porto Alegre no Rio Grande do Sul; além de Santos e Cananéia, no litoral paulista. (MEGALE, 2001).

Observa-se que a Santa, em um único trecho do canto indicado no início deste item, é chamada de "Ave do mar Estrela", "bendita mãe de Deus", "fecunda e sempre Virgem" e "portal feliz dos céus". São quatros tipos de qualificativos que enfatizam a grandeza da Mãe de Deus.

Os substantivos *Estrela* e *mar*, encontrados no canto "Ave do Mar Estrela" apresentam uma relação de unidade com um dos poemas do poeta medieval Gonçalo de Berceo, o qual pertencia a outra época e cultura. No entanto, pode-se encontrar em alguns poemas do trovador em questão, uma referência aos estrangeiros que navegavam em busca de novas terras. A proteção que escolhiam para que pudessem ter sucesso nas navegações era quase que frequentemente a proteção de Maria, como pode ser percebido no trecho:

> La bendicta Virgen **es estrella** clamada, / **Estrella de los mares**, guïona deseada, / Es de los marineros en las cuitas guardada, / Ca quando essa veden, es la nave guiada. / Es clamada, e eslo de los cielos, reyna, / Tiemplo de Jesu Cristo, **estrella matutina**, / Sennora natural, pïadosa vezina, / De cuerpos e de almas salud e medicina.[97] (BERCEO, 1964, p. 9, grifo nosso).

Nesse poema de Berceo, assim como em outros poemas cantados em algumas igrejas católicas brasileiras, encontram-se evidências da "Santa protetora dos navegantes", "estrela dos mares", a "Nossa Senhora dos Navegantes".

[97] "A bendita Virgem é estrela solicitada; estrela do mar, guia desejada; é uma das lamentações dos marinheiros salvos; aqui quando essa vem guiando o navio; Ela grita, e ela reina o céu dos céus, a rainha; templo de Jesus Cristo, Estrela da manhã; senhora da nação, vizinha piedosa; corpo e alma da saúde e da medicina." (tradução nossa).

Berceo diz que a “bendita Virgem” é a estrela clamada, por isso “estrela dos mares”, a “guia desejada por todos”, sendo ela a “ânsia guardada dos marinheiros”, porque é aquela que guia o navio, é chamada também de “rainha dos céus”, “templo de Jesus Cristo” e “estrela da manhã”. Ainda, no mesmo poema a Virgem é considerada “Senhora da nação” e “piedosa vizinha”. E, concluindo, a Santa é para o autor sinônimo de saúde e medicamento para o corpo e alma.

Esses qualificativos de tratamento encontrados no poema em questão são muito próximos dos epítetos que se encontram nos textos mariais da atualidade. Alguns autores sacros da contemporaneidade fazem alusão à Virgem “Estrela” e “guia dos mares”, talvez porque tenham se familiarizado com os poemas e cânticos trazidos para o Brasil no início da colonização.

Pode-se inserir outro exemplo da Santa “guia dos Mares” no cântico n. 20, **“**Mil vezes admirável Maria”, em que o epíteto “Estrela do mar” aparece evidenciando uma Maria dotada de graças e que estende as mãos para guiar os devotos. O substantivo feminino *Maria* aparece escrito todo em letra maiúscula, reforçando a admiração dada à Santa:

Mil vezes admirável MARIA,
mãe bela, mãe santa.
Tu és a Estrela do Mar que nos guia!
Qual fonte de graças, estende tuas mãos,
derrama-te em bençãos sobre nosso chão.
Mil vezes causa de alegria,
de quem se confia ao teu Coração,
Maria, Maria
[...]

Esta Santa “Estrela do mar” é também relacionada com a primeira mulher, Eva, no momento em que ouve a mensagem deixada pelo Anjo Gabriel, o que pode ser visualizado no canto n. 9 deste trabalho:

Ouvindo aquele Ave
do anjo Gabriel,
mudando de Eva o nome,
trazei-nos paz do céu.
[...]

O par histórico Eva e Maria é, por ora, lembrado nos cânticos e orações destinadas à Virgem de Nazaré. A lembrança da primeira mulher criada por Deus, por meio da costela de Adão, apresenta uma visibilidade considerada quando se trata de queda e redenção, sendo aquela palavra destinada à Eva e esta se referindo à Maria.

O pesquisador Mieggue (1962) discorre, seguindo o pensamento de Santo Irineu, que Maria reabilita Eva ou defende a causa dela, ou até mesmo a consola. Observa-se em um Evangelho apócrifo que Eva vai à gruta de Belém para assistir à sua redentora. Não há nenhuma indicação de que Santo Irineu alegorize ulteriormente o paralelo e veja em Eva o símbolo da humanidade natural e em Maria a mãe universal dos pecadores, ou a imagem da Igreja. Esse célebre paralelo dá a impressão de uma engenhosa construção literária, mais do que uma intencional doutrina teológica.

Ainda segundo Mieggue:

> [...] O paralelo de Eva e Maria recebe em S. Bernardo uma ampla e lírica modulação: "Um homem e uma mulher nos fizeram um grande mal, exclama êle numa prédica num domingo que sucede à festa da Assunção de Maria; mas, graças a Deus, por meio de um homem e uma mulher, tudo foi remediado... O artífice prudentíssimo e clementíssimo não destruiu o que estava danificado, mas o refêz em todo o sentido mais útil: do velho Adão formou o novo e transformou Eva em Maria [...] (1962, p. 142).

E continua, dizendo que

> [...] temos necessidade de um mediador para êste mediador e nenhum será mais útil do que Maria. Cruel mediadora foi Eva por meio da qual a serpente antiga infundiu no homem um pestífero veneno; mas fiel é Maria que proporcionou aos homens o antídoto salutar. Aquela foi para nós ministro de sedução, e esta de propiciação; aquela sugere a prevaricação e esta introduz a redenção. Porque a frágil humanidade temeria de se aproximar de Maria? Não há nela nada de austero, nada de terrível; ela é toda suave, oferece a todos leite e lã. (MIEGGUE, 1962, p. 142).

Dando continuidade ao cântico n. 9, musicado pela Ir. Miria Kolling, vê-se que Maria, além de todos os adjuntos atributivos citados anteriormente, apresenta qualidades que promovem sua santidade, ilumina os cegos, livra os réus de todo o mal, guarda as pessoas e ainda oferece todo o bem:

Ao cego iluminai,
ao réu livrai também;
de todo mal guardai-nos
e dai-nos todo o bem.

Mostrai ser nossa Mãe,
levando a nossa voz
a Quem, por nós nascido,
dignou-se vir de vós.

Há um apelo para que a Virgem Maria mostre que, realmente, é a escolhida para ser a mãe do povo, "a protetora". Ela tem a permissão para levar os clamores e pedidos do povo até Deus, aquele que "nasceu para nos salvar", que é digno de ter vindo do ventre de Maria.

Suave mais que todas,
ó Virgem sem igual
fazei-nos mansos, puros,
guardai-nos contra o mal.

A Santa, "suave mais que todas", é uma virgem diferente das outras mulheres puras, pois é a mãe abençoada e cheia de graça. No poema, é pedido que a Santa intervenha na vida do devoto, fazendo-o manso, puro e guardando-o do mal.

Oh! dai-nos vida pura,
guiai-nos para a luz,
e um dia, ao vosso lado,
possamos ver Jesus.
[...]

Assim, por meio desses versos, constata-se a fervorosa crença nos prodígios da Santa. Há pedido de vida pura e de acompanhamento para a luz; a Virgem é uma estrela que com sua luz reflete a luz de Cristo (MENDEZ apud AZEVEDO, 2001). Ela tem poderes divinos que a faz conseguir guiar as pessoas para a luz.

Azevedo (2001, p. 32) assinala que Maria acompanha o povo no "desterro" e na "solidão", nas "dores" e na "morte". Vai com eles para todos os lugares e neles alimenta a esperança: com sua "ajuda", com os seus "conselhos", com a sua "consolação".

Ela ajuda e ampara, guia e socorre, dá remédio para os que estão enfermos e liberta, conduz à "vitória" e introduz na "glória". Como foi citado nos parágrafos iniciais, nota-se que a Santa é aquela que veio libertar o povo de todo as angústias e perseguições; uma mulher pobre, mas consciente de sua importância, sendo este o mundo com que o povo se identifica e que não pode ser ignorado.

3.2.8 DA CARIDADE ESTRELA FÚLGIDA

O canto n. 11, de autoria desconhecida e recolhido do livro "Liturgia das Horas"[98], apresenta em seu conteúdo uma saudosa prece à Santa de Nazaré.

Maria mais uma vez, neste outro canto, é qualificada de Estrela, "Estrela fúlgida", proprietária de muito brilho, o qual é, segundo os dizeres do poema, para os divinos habitantes, sendo ela ainda a "esperança" e a "fonte de águas borbulhantes".

Da caridade Estrela fúlgida
para os celestes habitantes,
para os mortais és da esperança
a fonte de águas borbulhantes.
[...]

Também chamada de "Nobre Senhora", a Santa é considerada poderosa, pois tem o Filho (Jesus Cristo) sobre o coração, e, assim, quem ora confiante nos seus poderes, consegue a salvação eterna de Deus. A Santa é considerada a intermediadora entre o homem e Deus:

Nobre Senhora, és poderosa
do Filho sobre o coração;
por ti, quem ora, confiante,
dele consegue a salvação.
[...]

[98] É a oração pública e comunitária oficial da Igreja Católica, também chamada de Ofício Divino. A palavra *ofício* é oriunda do latim *opus* que significa *obra*. Consiste basicamente na oração cotidiana em diversificados momentos do dia, por meio de Salmos e cânticos, da leitura de passagens bíblicas e da elevação de preces a Deus.

Boff diz que geralmente a teologia e a piedade têm associado fortemente Maria a Jesus, e discorre que ambos estão unidos no mesmo destino e na mesma função salvífica. Há boas razões, sejam bíblicas ou teológicas, para isso: Maria é venerada como corredentora, medianeira de todas as graças, rainha universal (BOFF, L.,1990).

No trecho a seguir, observa-se que a bondade da Mãe de Deus não atende apenas à voz dos suplicantes, antecipando-se também aos desejos mais incertos. As palavras de eterna exaltação à Santa estão ligadas aos diversos valores dados a ela e somente a ela.

Tua bondade não apenas
atende a voz dos suplicantes,
mas se antecipa, carinhosa,
aos seus desejos hesitantes.
[...]

A Virgem é nomeada como “Misericórdia”, pela suma grandeza que revela. A bondade da Santa sacia as pessoas, e é essa bondade que faz com que devotos cheguem cada vez mais próximos da figura da Maria de Nazaré.

Misericórdia é o teu nome,
suma grandeza em ti fulgura.
Com água viva de bondade,
saciais toda a criatura.
[...]

Mieggue (1962) diz que enquanto o século IV dedica especial atenção à virgindade de Maria, os séculos V a VII dedicam-se à sua maternidade divina, a época carolíngia à sua assunção, os séculos XII a XIV à sua Imaculada Conceição e a época que se estende do concílio de Trento à Revolução Francesa, que se ocupa especialmente em definir, reagindo contra a Reforma, o Jansenismo e o Iluminismo, à mediação universal e à maternidade misericordiosa de Maria.

3.2.9 MARIA, Ó MÃE CHEIA DE GRAÇA

Maria, ó mãe cheia de graça,
Maria protege os filhos teus,
Maria, Maria, nós queremos
contigo estar nos céus.
[...]

Nesse canto[99], Maria é denominada "mãe cheia de graça". Aqui se pede que Maria proteja os filhos e que a Virgem esteja presente no dia em que os devotos estiverem nos céus, mortos. Há um desejo enorme, evidenciado na maioria dos cânticos, de que Maria esteja presente no momento da morte e após esse acontecimento.

Leonardo Boff (1990) escreve o seguinte texto sobre a Virgem dotada de graça:

> Agora nos capacitamos a entender a saudação do anjo a Maria: 'Alegra-te, cheia de graça! O Senhor é contigo' (Lc, 1,28). Observemos que o anjo Gabriel não usa o nome Maria; ele substitui o nome Maria pelo verdadeiro nome que ela possui no desígnio de Deus: aquele de ser a contemplada a tornar-se o templo do Espírito Santo. O termo grego é Kecharitomene que bem traduzido significa: a gratificada, a privilegiada, a contemplada, aquela que foi feita objeto do amor de Deus. São Jerônimo na Vulgata traduziu por *cheia de graça* (gratia plena); esta tradução é correta, mas insuficiente; deixa escapar o sentido mais profundo do mistério de Maria. Pela expressão 'cheia de graça' nossa atenção é atirada sobre a graça interior e plena de Maria; contemplamos o fato inaudito de Maria ser já habitada pelo Espírito Santo. Enfatizamos o efeito, exaltamos a grandeza de Maria. Esta perspectiva é correta; mas não é a primeira nem a mais fundamental [...] (p. 44).

Portanto, a Virgem é considerada "cheia de graça", sendo também, segundo Leonardo Boff, a contemplada por ter sido tomada como o templo do Espírito Santo. A Santa é gratificada e privilegiada por ter sido escolhida por Deus entre as mulheres e aquela que apresenta condições para encaminhar as pessoas seja na vida ou na morte.

Nesse sentido, verifica-se no cântico n. 29, "Com minha mãe estarei", tais qualificações de Maria, vista como protetora e transportadora das almas ao céu:

[99] Cântico n. 12: Maria ó mãe cheia de graça.

No céu, no céu
Com minha mãe estarei.

Com minha mãe estarei
Na santa gloria um dia
Juncto a Virgem Maria
No céo triumpharei
[...]

Esse canto apresenta, num todo, uma aproximação à realidade da morte. Na maioria das vezes ouve-se tal música em velórios e ritos sagrados, que necessariamente retratam o fim da vida amenizado pela esperança da proteção da Virgem Maria.

Pelo excerto indicado, verifica-se que a ideia do perdão está em evidência. Os pecados são lembrados, e, mesmo com o cuidado de Maria, há um desejo de passar pela morte por meio da Virgem e principalmente de Jesus, o "único" que pode perdoar os pecados:

Com minha mãe estarei
Mas já que hei offendido
Ao seu Jesus querido
As culpas chorarei
[...]

O autor transmite aqui a vontade de estar com Maria quando chegar o momento da morte. Ele imagina os acontecimentos no céu: "aos anjos me ajuntando e hynnos entoando", como se os anjos estivessem esperando por ele, pois sendo um filho de Maria a proteção é quase que certa.

Com minha mãe estarei
Palavras deliciosas,
Que em horas trabalhosas
Fiel recordarei
Com minha mãe estarei
Aos anjos me ajuntando
E hynnos entoando
Louvores lhe darei
[...]

Com minha mãe estarei
Enquanto neste exilio
Do seu piedoso auxilio
com fé me valerei

Com minha mãe estarei
Então corôa digna
Da sua mão benigna
Feliz receberei

Já no excerto seguinte, o autor do canto, desviando a atenção dada à Maria para o seu Filho, o "nosso Senhor", demonstra ter uma vontade de estar no céu, festejando com o Senhor, sabendo que a hora (da morte) chegará e um dia o desejo de ficar junto com Deus será realizado:

Ah, quem me dera poder estar agora,
festejando lá no céu nosso Senhor,
mas sei que chega a minha hora,
e então, feliz cantarei o seu louvor.
[...]

Este hino é muito cantado em velórios, no momento da saída com o corpo sentido ao local do sepultamento.

3.2.10 MARIA DE NAZARÉ

O epíteto "Maria de Nazaré" foi encontrado apenas no cântico 13; levando em consideração que nossa pesquisa inclui um total de cinquenta cânticos marianos.

A Santa é chamada de "Maria de Nazaré", porque a cidade de Nazaré, próxima ao mar mediterrâneo da Galileia, norte da Palestina setentrional (LARRAÑAGA, 1980), é o local onde a Virgem viveu e deu à luz ao primogênito, Jesus Cristo. Leonardo e Clodovis Boff descreveram-na como:

> Maria de Nazaré, mulher do povo, que observava os costumes religiosos populares da época... que se preocupava com o filho... e que o seguiu até o pé da cruz...Por ser tão comum e não apesar disso, Maria é tudo que a fé proclama que ela é... (BOFF; BOFF, 1985).

Esse qualificativo dado à Maria é de suma importância porque remete ao local de nascimento da Mãe de Jesus; pode-se classificá-lo, no entanto, de epíteto de atribuição, pois o termo é atribuído a ela levando em consideração a região onde Maria viveu.

Assim, por meio deste canto os religiosos entendem, cada vez mais, a história e vida da Santa e de seu Filho Jesus. É um hino bastante simples, mas que apresenta uma riqueza de dados muito apreciados pelos devotos.

Maria de Nazaré, Maria me cativou.
Fez mais forte a minha fé
e por filho me adotou.
Às vezes eu paro e fico a pensar
e sem perceber me vejo a rezar
e meu coração se põe a cantar
pra Virgem de Nazaré.
Menina que Deus amou e escolheu
pra Mãe de Jesus, o Filho de Deus.
Maria que o povo inteiro elegeu
senhora e mãe do céu.
[...]

No poema, percebe-se que a "Maria de Nazaré" é aquela que cativa as pessoas[100], que faz a fé tornar-se mais forte e evidente. O compositor do poema também se diz "adotado", acolhido, pela Mãe de Deus.

Há uma intensa louvação à Santa, o autor se entrega a ela: "Às vezes eu paro e fico a pensar, e sem perceber me vejo a rezar, e meu coração se põe a cantar, pra Virgem de Nazaré." O momento de oblação parece ser apenas daquele que canta.

Por intermédio desse canto, o autor conseguiu fazer com que o poema circulasse em diversos lares de "veneradores" da Santa e de Deus. Os vocábulos são simples e de fácil entendimento para o devoto, fazendo-os compreender e se aproximar dos cantos com mais facilidade.

Com base nos fragmentos transcritos, observa-se o quanto Maria é salmodiada com excelência pelo autor do hino. A Santa é chamada de "Maria do puro amor", aquela que é única e "igual a você ninguém, Mãe pura do meu Senhor":

[100] Cf. também os dizeres de Forte (1991).

[...]
Maria que eu quero bem,
Maria do puro amor,
igual a você ninguém, Mãe pura do meu Senhor.
Em cada mulher que a terra criou
um traço de Deus Maria deixou,
um sonho de mãe Maria plantou,
pro mundo encontrar a paz.
Maria que fez o Cristo falar,
Maria que fez Jesus caminhar,
Maria que só viveu pra seu Deus,
Maria do povo meu.

Os epítetos direcionados à Maria são de valores muito estimáveis, títulos de nobreza espiritual, os quais denotam que Maria é uma mulher que está "acima de todas as outras mulheres", dos santos e anjos, ficando abaixo apenas de Deus. Cristo é a verdadeira vida, mas também Maria recebe denominações com o mesmo sentido.

O pesquisador Giovanni Miegge (1962, p. 189) afirma que:

> [...] Maria se decora com outros títulos reservados a Cristo no novo testamento: ela é como Cristo cabeça da nossa salvação, **Kefalaion soterias**, (Jorge de Nicomedia, Tiago Monaco), salvadora do mundo (Anselmo, Boaventura, Alberto Magno), propiciatório (**hilasterion**) pelos nossos pecados (ofício da quaresma), libertadora da morte, vencedora da morte (Gregório de Neocesarea), reconciliação de Deus com os homens (João Damaceno, Liturgia), mediadora entre Deus e os homens. Ela tem todo direito a tudo isso porque participa com intimidade materna e espiritual em todas as obras de Cristo, conhece com antecedência o sacrifício que terá de coroá-las e o aceita sofrendo com Êle espiritualmente aos pés da cruz [...]

3.2.11 Ó DOCE NOME

Levando em consideração a veneração à Maria, verificada no canto anterior, neste outro canto[101] ocorre também uma deificação à Santa, já que o autor evidencia as habilidades da Virgem de consolar e salvar as pessoas.

O vocativo *Maria, Maria!* expressa o quanto a Santa é anunciada e proclamada pelo devoto, que diz ser ela a esperança, a alegria; este nome (Maria) estará nos lábios até mesmo

[101] Cântico 13: Maria de Nazaré.

no momento da morte do humano. Mais uma vez, observa-se que o verbo *morrer* relaciona-se à pessoa de Maria, lembrada nos momentos de agonia das pessoas:

Ó doce nome, Maria, Maria!
Nossa esperança, nossa alegria!
Nos lábios sempre até morrer
teu doce nome hei de trazer
[...]

Neste outro trecho do poema, o autor chama Maria de "Mãe", aproximando-se ainda mais da Santa, a fim de obter uma afetividade maior com ela. Pede consolação por meio das chamas espirituais recebidas de Deus. Sendo ela, Maria, a esperança, o amor e a guia que leva os fiéis ao "Senhor",

Vinde Maria, ó Mãe, consolar-nos,
com vossas chamas, vinde abrasar-nos.
Sois a esperança, sois nosso amor,
sois nossa guia para o Senhor.
[...]

Verifica-se neste outro canto[102], "A ti venho ofertar", a mesma intenção de consolo e guia encontrados no poema anterior:

A ti venho ofertar, Senhora, o meu amor,
e assim te consagrar da minha vida a flor.
[...]

O amor é ofertado à Maria; percebe-se uma forma de aproximação com muitos valores sentimentais. O substantivo *flor* também caracteriza a pureza e a feminilidade de Maria.

Nota-se aqui o amor transferido à Maria, o autor anseia viver adorando a Santa, e amando-a, pretende também morrer e descansar nos braços maternos da "mãe de Deus", que é também chamada de "Benigna":

[102] Cântico 15.

Anseio em ti viver, a ti somente amar,
e em teus braços maternos morrer e descansar.

Teu Coração é Virgem, refúgio celestial.
Abri-o, pois, benigna ao mísero mortal.

Tu és dos nossos passos a bússola e a luz,
a estrela fulgurante que ao porto nos
conduz.
[...]

Maria é, portanto, qualificada de "Senhora", uma mulher que exerce poder, dominação e influência na vida dos devotos. É considerada os passos para a bússola e a luz, ou seja, ela determina os caminhos para fazer com que as pessoas cheguem até a luz, abrindo passagens para a aproximação dos homens com o Deus.

Neste último trecho, a virgem é colocada como um real conforto, o alívio das amarguras da vida. O autor se coloca, assim como na estrofe anterior, nos braços da Virgem, querendo estar sempre com ela, até mesmo após a morte:

Nosso conforto sois Vós, Virgem pura,
Nosso alívio em toda amargura.
Vossos na vida queremos ser,
no céu convosco sempre viver.

Diante desses termos relacionados à ideia de que Maria acompanha as pessoas até a morte, e ao examinar os cânticos que tratam desse tema, percebe-se que certas coincidências são responsáveis pela similaridade que os aproxima. Além de apresentarem as mesmas intenções, os vocábulos que indicam a ideia desse acompanhamento de Maria pelos vales da morte estão sempre em evidência.

Nota-se, ainda, a simetria obtida no plano sintático, uma vez que os atributos em pauta antecedem seus respectivos epítetos. Não se pode perder de vista outra apreciável coincidência, agora relativa ao nível semântico, pois não apenas as qualidades, mas também as substâncias pertencem aos mesmos campos significativos. Tal fenômeno reforça a impressão, há pouco mencionada, de que a linguagem poética, entre tantas outras particularidades, caracteriza-se por utilizar combinações binárias, em que determinados atributos acompanham, com ligeiras variações, os mesmos nomes, ensejando, assim, a manutenção de certas alianças.

Assim, levando em consideração os atributos relativos à passagem para a “outra vida”, envolvendo a proteção de Maria, Leonardo Boff (1990) apresenta o seguinte argumento:

> O pecado acompanha-nos como uma sombra negra, cada momento, até a hora da morte. Nesta situação precisamos mais do que nunca da intercessão de Maria. A partir da glória onde esta acompanha maternalmente a cada filho. Seu olhar bondoso mostra-se mais forte que o dinamismo do pecado. Por isso a piedade a venera, com razão, como a co-redentora e a rainha universal. Efetivamente não há obstáculos que se interponham ao seu gesto aconchegador; mas nós sentimos seu veneno destilar por todas as fibras de nossa vida pessoal e social. Daí a importância de rogarmos a Maria para que complete em nós, de geração em geração, a sua vitória, agora, em cada momento e especialmente no supremo momento da vida, da hora da morte. Não precisamos considerar a morte como o *terribilium terrribilissimum*, o terribilíssimo dos terríveis momentos; desde que Jesus morreu na cruz e ressuscitou, desde que Maria participou desta sorte humana e foi assunta em glória ao céu, a morte foi desdramatizada e se transformou em ante-sala da vida. Entretanto, na morte se propicia uma condição única para cada pessoa: ela pode fazer sua última e definitiva síntese da vida; pode englobar tudo num ato de amor que se entrega ao mistério Supremo e definir sua trajetória eterna na direção de Deus. Neste momento estamos sós diante de Deus: descemos aos infernos de nós mesmos; faremos aquela decisão, diremos aquela palavra que nos definirá eternamente. Para esse momento rogamos a presença de Maria e de Jesus. Eles vão conosco, Maria como Mãe e Jesus como Irmão, até os confins de nosso inferno. Então nada precisamos temer. O que temer quando nos sabemos aconchegados nos braços maternos? Quem se sente ameaçado quando amparado pelo Irmão maior? [...] (BOFF, L., 1990, p. 95-96).

Nota-se aqui um dos motivos pelos quais diversos autores de cânticos marianos ornamentam seus cantos com palavras que denotam uma grande apreciação ao ser protetor e acolhedor da Virgem Maria. Por meio dos cantos, é possível valorizar o aspecto maternal que a Santa teve aos pés da cruz, quando acompanhou o filho Jesus sendo crucificado e morto.

Sobre o mesmo tema, Coyle (1999) declarou que em uma cena especial Maria e o discípulo querido, João, são objetos das últimas instruções de Jesus, sendo que ambos são testemunhas do significado da morte de Jesus, o qual antes de morrer disse: “Mulher, eis o teu filho”, e, para o discípulo a quem amava, “Eis a tua mãe”, tendo essas duas frases grande amplitude de significado simbólico.

O milagre de Caná[103] preparou a apresentação de Maria, pelo evangelista, na hora da morte e glorificação de Jesus. O sétimo sinal[104] inicia-se afirmando que a Mãe de Jesus estava realmente de pé perto da cruz, junto com as outras mulheres (JÓ, 19:25).

Ainda em Coyle (1999):

> Maria não foi apenas testemunha da morte de Jesus. Como sua mãe, a morte dele na cruz – e a dor que ela sentiu – ficaram marcadas em sua memória pelo resto da vida. Ela o viu inclinar a cabeça quando "entregou o espírito" (JOÃO 19,30), frase simbólica do dom do Espírito a seus seguidores. Ela testemunhou os efeitos de sua morte que trouxe o Espírito prometido à comunidade, a comunidade do discípulo amado para a qual ela agora será mãe. Como aquela que se lembra da morte de Jesus, ela será portadora de tradição e sua presença na comunidade será sinal contínuo da missão e morte de Jesus [...] (p. 34-35).

Nesse sentido, é bem aceito que os autores de cânticos e poemas em devoção à Virgem façam melodias, colocando em evidência, em muitos casos, uma Maria intermediadora e acompanhante no momento da morte.

3.2.12 MINHA SENHORA

Na música intitulada "Consagração à Nossa Senhora"[105], bastante comum no meio católico por ser um canto de alto grau de aceitação pelo devotos, percebe-se uma intensa noção de posse com relação à Mãe de Deus. O autor utiliza-se de vários pronomes possessivos para atestar que a Santa é realmente a "mãe" dele e "nossa". Os epítetos constatados nos trechos que se seguem são: "minha senhora" e "minha mãe":

---

[103] Referente ao primeiro milagre feito por Jesus, a pedido de Maria. Transformou água em vinho para a continuação das bodas: "Nas bodas de Caná, movida de compaixão, levou Jesus Messias a dar início aos Seus milagres." (JÓ, 2:1-11).

[104] Os sete sinais são: 1) as núpcias de Caná; 2) a cura do filho de um funcionário real; 3) a cura em dia de festa dos judeus em Betesda; 4) a multiplicação dos pães; 5) a cura do cego em dia de sábado; 6) a ressurreição de Lázaro; e 7) a grande hora de Jesus: sua mãe, a cruz, o sangue e a água que saiu do lado de Jesus (GIRARD, 1980 apud GRASSI, 1988, p. 73).

[105] Cântico n. 16.

Ó minha Senhora e também minha Mãe,
eu me ofereço inteiramente todo a Vós .
E em prova da minha devoção,
Eu hoje vos dou meu coração.
[...]

No trecho seguinte, o autor dedica os olhos, os ouvidos e a boca à Virgem, pedindo proteção e consagração. Ele se "entrega" à Mãe de Deus, a fim de conseguir um abrigo: "guardai-me", "defendei-me", como coisa e "propriedade vossa", o autor fica inteiramente sob os cuidados de Maria.

Consagro a vós meus olhos, meus ouvidos, minha boca,
Tudo o que sou desejo que à Vós pertença
Incomparável Mãe, guardai-me defendei-me
Como coisa e propriedade vossa, Amém
Como coisa e propriedade vossa, Amém.
[...]

Intenções semelhantes às ocorrências desse fragmento podem ser vistas também no canto n. 18, "A ti Maria me consagro":

Orienta a minha vida,
meu sorriso e meu olhar!
O que posso e o que sou
tudo quero consagrar!
[...]

O autor busca uma forma de estar mais próximo de Maria; pede a ela orientação da vida, do sorriso e do olhar. A pessoa do autor e a capacidade de ele conseguir algo também são consagradas à Santa:

O que tenho e o que dou,
meu caminho e meu andar.
O que posso e o que sou
tudo quero consagrar!
[...]

Percebe-se uma entrega de todo o ser do devoto, aquilo que ele possui, o que doa, os caminhos percorridos, o andar. Maria apresenta, segundo alguns autores de cânticos, todos os predicados para realizar os pedidos que aqui são evidenciados:

Minha boca e coração,
mãos que querem partilhar.
O que posso e o que sou
tudo quero consagrar!

Consagra-se a boca do devoto, o coração e as "mãos que querem partilhar". A Virgem, na tradição cristã, apresenta valores inimagináveis que fazem com que o religioso chegue mais próximo dela, na busca de variados tipos de auxílios ou de curas espirituais relacionados ao corpo e à saúde.

Vê-se, neste outro hino[106], Maria sendo qualificada de "Mãe querida" e uma igual consagração do amor:

Aqui vimos, Mãe querida,
Consagrar-te o nosso amor.
[...]

Há, também, uma demonstração da mãe, que outrora era amorosa e seguidamente apresenta qualidades de Santa guerreira, toda "bela e imaculada" que esmaga a cabeça envenenada do dragão, o demônio:

Esmagaste ó Virgem Santa,
Toda bela e imaculada,
A cabeça envenenada
Do dragão enganador.
[...]

E, por fim, é intitulada também de "advogada poderosa", que conseguiu a confiança do universo por ser o refúgio e a guia para o justo e, da mesma forma, para o pecador, que precisam dos consentimentos da Santa:

[106] Cântico n. 21: Bendizemos o teu nome.

Advogada poderosa,
O Universo em ti confia,
Porque és tu refúgio e guia
Para o justo e o pecador

Sobre o assunto acima tratado, a pesquisadora Coyle (1999) comenta que atualmente não existe nenhuma teologia coerente de Maria como um todo. Ela continua a ser um símbolo religioso de força duradoura na imaginação cristã, uma mulher que detém grandes poderes, mas que também é um símbolo ambíguo, especialmente para as mulheres, pois as virtudes passivas de submissão, humildade e docilidade foram projetadas nela.

3.2.13 LADAINHA DE NOSSA SENHORA

Encontra-se, neste hino[107], uma série de epítetos que, assim como em outros cantos anteriormente citados, fazem menções à história da passagem de Maria pela Terra e aos fatos que a fizeram "mãe de todos nós", "a protetora e guia" daqueles que a aceitaram como Mãe de Deus e intercessora entre os homens e Deus:

[...]
Virgem do SIM à Palavra,
Rogai por nós!
Virgem do risco do Amor,
Rogai por nós!
Virgem de toda alegria,
Rogai por nós!
[...]

A "Virgem do SIM à palavra" refere-se ao episódio da visita do anjo Gabriel à Maria, tendo esta aceitado a missão de dar à luz a Jesus. Aceitou o pedido de Deus, transmitida pelo anjo, colocando em risco sua própria vida, "Virgem do risco do Amor", segundo as escrituras, ela seguiu os preceitos com muita alegria, "Virgem de toda alegria".

De igual modo, pode-se destacar os seguintes fragmentos que qualificam a Santa como aquela que não negou a vinda de Jesus e disse "sim" ao anjo Gabriel:

[107] Cântico n. 19: Ladainha de Nossa Senhora.

Bem-aventurada, porque acreditaste,
Serva do Senhor, servidora do teu povo,
Dizendo sim a Deus, o Salvador geraste
E a humanidade viu a luz do mundo novo.
[...][108]

Deus Te fez a mais bela,
Deus Te fez predilecta
concebida sem mancha...
Respondeste em amor,
no Teu "Sim salvador",
no Teu "Sim confiança".
[...][109]

Fizeste longa caminhada,
Para servir a Isabel,
Fazendo-te de Deus morada,
Após teu sim a Gabriel.
[...][110]

Sou a mãe do puro amor:
o meu filho Redentor,
Que segui desde Belém até a cruz!
Venham, filhos, até mim,
lhes ensino a dizer "SIM",
e a seguir também os passos de Jesus![111]

O hino "Ladainha de Nossa Senhora" apresenta ainda os seguintes epítetos:

[...]
Virgem das altas montanhas,
Rogai por nós!
Virgem do entusiasmo,
Rogai por nós!
Virgem do irmão caminheiro,
Rogai por nós!
[...]

É possível dizer que Maria recebe o título de "A Virgem das altas montanhas" por ser uma "serva de Deus", podendo estar até mesmo nos mais altos lugares, nas mais altas

[108] Cântico n. 22: Homenagem a Maria.
[109] Cântico n. 23: Vamos ao teu altar.
[110] Cântico n. 46: Maria, mãe dos caminhantes.
[111] Cântico n. 47: O que sente o teu coração.

montanhas. Aquela que estimula seu povo a seguir os preceitos divinos, “Virgem do entusiasmo”, e a caminhar em busca de um lugar para viver, “Virgem do irmão caminheiro”.

Observa-se também, no trecho a seguir, uma Maria que cuida dos desamparados, “Virgem dos desamparados”, e que olha para os filhos, vigiando os lares, “Virgem de todos os lares”, e, dispondo também de observações para o mundo, busca a paz, “Virgem da paz para o mundo”:

Virgem dos desamparados,
Rogai por nós!
Virgem de todos os lares,
Rogai por nós!
Virgem da paz para o mundo,
Rogai por nós!
[...]

Assim, voltamo-nos àquela Maria que olha para as pessoas que fazem caridade, doações, “Virgem das mãos que se doam”. A questão do amor também está evidenciada, “Virgem do amor fecundo” e “Virgem do amor consagrado”, e especifica-se na sua feição maternal:

Virgem das mãos que se doam,
Rogai por nós!
Virgem do amor tão fecundo,
Rogai por nós!
Virgem do amor consagrado,
Rogai por nós!
[...]

3.2.14 TU ÉS A GLÓRIA DE JERUSALÉM (AVE MARIA)

Maria é chamada de “glória de Jerusalém”, “alegria do povo de Deus”, “honra da humanidade”, “ditosa por Deus escolhida” e “refúgio do povo de Deus”. Em um único

canto[112], o autor reuniu um valor significativo de títulos, que, por sua vez, ajudam na aceitação de uma Maria cada vez mais reconhecida por suas qualidades.

Também, a jaculatória "Ave Maria!", inserida no final de cada frase, transmite ainda mais o apego e o respeito que o autor do poema tem pela Santa. Ela é valorizada em todos os sentidos e as qualidades aqui expostas são de suma importância para o devoto que acredita na santidade de Maria. A Santa é vista como aquela "digna de ser adorada":

Tu és a glória de Jerusalém! AVE,
MARIA!
És a alegria do povo de Deus! AVE,
MARIA!
[...]

É considerada a "glória de Jerusalém", o orgulho da cidade sagrada para árabes, judeus e cristãos, Jerusalém, graças ao seu poder simbólico, tem sido historicamente palco de terríveis guerras e massacres entre os seguidores de Deus, de Jeová e de Alá. Maria é, nesse canto, reconhecidamente a "alegria do povo de Deus", do povo de Jerusalém.

Tu és a honra da humanidade! AVE,
MARIA!
És a ditosa por Deus escolhida! AVE,
MARIA!
[...]

Ainda é indicada como a "honra da humanidade". Esse título é bastante generalizante, porém o autor acredita piamente que a Virgem é o esplendor de todo e qualquer ser humano habitante de nosso mundo. É a venturosa que foi escolhida por Deus para cuidar e olhar os homens, livrando-os do mal.

Das tuas mãos nos vieram prodígios! AVE,
MARIA!
És o refúgio do povo de Deus! AVE,
MARIA!
[...]

[112] Cântico n. 24: Tu és a glória de Jerusalém (Ave Maria).

É assim que Maria é apresentada, tanto pelos evangelhos como pela liturgia e pela arte cristã. Nos evangelhos, verifica-se uma Maria reservada da Anunciação, mas também a mulher exaltada do *Magnificat*. Além do mais, a figura da Mulher que aparece no livro de Gênesis e do Apocalipse, na qual a tradição cristã vê a Mãe de Deus, manifesta essa dupla face: uma mulher de extrema vulnerabilidade, mas também dotada de uma força decisivamente vitoriosa:

O que fizeste agradou ao Senhor! AVE,
MARIA
Bendita sejas por Deus poderoso! AVE,
MARIA!
[...]

Maria será sempre louvada por ter falado "sim" ao anjo Gabriel, por ter recebido com muito amor o pedido para que concebesse Jesus. Foi e será lembrada por católicos e seus devotos, os quais aclamarão o seu nome:

Povos da terra, louvai a Maria! AVE
MARIA!
Eternamente aclamai o seu nome! AVE
MARIA!

3.2.15 ANGELICA RAINHA

Aqui[113] também, como em outros textos analisados, nota-se os riquíssimos tratamentos qualificativos utilizados nos trechos como prova da saudosa devoção na Mãe de Deus. O termo *Angelica* torna-se extremamente expressivo porque fortalece a grande beleza e perfeição da Virgem, juntando-se ainda ao substantivo *Rainha*, que se refere a uma mulher soberana de um reino, os dois vocábulos fazem-se prova da grande estima e apreço que a Santa conquistou:

[113] Cântico n. 25: Saudação das crianças a Maria SS.

Salve! Angelica Rainha,
Mãe de belleza immortal,
Luz que as almas encaminha
E afasta e livra do mal.
Eu vos saudo, ó Maria.
Mãe que depois de Jesus
Sois a esperança e a alegria
Que aos peccadores reluz.
[...]

Verifica-se ainda os seguintes epítetos: “Mãe de belleza immortal”, “Luz que as almas encaminha e afasta e livra do mal” e “mãe”. São termos que denotam a relevância de Maria para o autor e, além disso, nomenclaturas que ajudam na propagação do apego à Maria.

Pobres, tristes creaturas
Do ceu banidas – quem é,
Neste valle de amarguras,
Que nos mostra a luz da fé?

Ouvi-nos, Mãe de clemencia,
Nossa alma confia em vós;
E nas luctas da existencia
Compadecei-vos de nós!

Nesses excertos também nota-se a presença de uma Maria próxima dos “pobres” e “tristes creaturas”, aqueles que de alguma forma tiveram poucas oportunidades para ter uma vida mais digna e feliz.

Chamada de “Mãe de Clemência”, Maria é colocada como uma Santa verdadeiramente protetora e cheia de bondades. Assim, verifica-se que o autor transmite, por meio dos cantos, a confiança que as almas de todos aqueles que necessitam, que apresentam lutas em suas existências, têm em Maria.

3.2.16 BENIGNA

No cântico 26, “Guardai-nos no Coração (Olhai benigna)”, como também em outros cânticos analisados neste trabalho, Maria é chamada de “benigna”. Talvez as cenas da visitação do anjo Gabriel e de Caná sejam as fontes inspiradoras para o desenvolvimento de poemas que indicam Maria como sendo uma mulher que se inclui no plano social, da assistência, caridade e promoção humana.

Olhai benigna, Virgem Maria
O vosso povo que em Vós confia
Qual feliz porto de salvação
Guardai-nos sempre em vosso Coração.
[...]

Nesse trecho, é pedido para que Maria olhe pelo povo que nela confia. Há uma indicação de que a Santa é “feliz porto de salvação”, sendo assim ela realmente consegue, levando em consideração o exposto acima, guardar “seus filhos” no coração, ou seja, pode protegê-los com todo o “amor de mãe”.

Verificam-se tais processos da dedicação amorosa e consolo de Maria a “seus filhos” nos trechos abaixo relacionados:

- **AQUELA QUE AMPARA, CONSOLA E GUIA:**

Ó Maria, ó Mãe pia, salvadora do mortal,
Amparai-me e guiai-me para a pátria
celestial.
[...][114]

Uma entre todas foi a escolhida:
foste tu, Maria, serva preferida,
Mãe do meu Senhor,
Mãe do meu Salvador!
Maria, cheia de graça e consolo,
venha caminhar com teu povo.
Nossa mãe e sempre serás!
[...][115]

[114] Cântico n. 27: Salvadora do mortal.
[115] Cântico n. 28: Uma entre todas.

- **AQUELA QUE SALVA NOS MOMENTOS DE DIFICULDADES:**

Doce coração de Maria,
Sêde nossa salvação,

Quando corporal doença
Nos cuasar grave afficção,
Quando de Satan Maldito
Nos vier a tentação,
Quando a duvida maligna
Nos turbar o coração

Quando na medonha morte
Vos pedir-mos protecção,
Ao chegar-mos ao juízo
Temendo a condemnação[116]

- **A MEDIANEIRA QUE APARECE AOS POBRES E PEREGRINOS:**

[...]
Maria, Medianeira de todas as graças,
És nossa Intercessora junto ao Filho teu!
Suplica pela Igreja: que santa ela seja:
Ver e amar nós queremos Jesus!
Mostra-nos a face que do Eterno nasce,
[...]
Maria, Aparecida aos pobres, pequenos,
O ser humilde serva rainha te fez!
Coroa te oferece teu povo, em canto e
prece,
Estrela és da Evangelização!
Tua santidade, nova humanidade,
Faça de nós todos do céu cidadãos![117]

[116] Cântico n. 30: Doce coração de Maria.
[117] Cântico n. 31: Maria Imaculada.

- **AQUELA QUE É SENHORA DOS PEREGRINOS:**

Irmã peregrina de todos os pobres
mulher profetisa dos pobres libertos.
Com todos aqueles que seguem a Cristo,
a ti nós chamamos de mãe.
[...][118]
Santa Maria, ó Virgem da esperança
E mãe dos pobres, Senhora dos peregrinos.
O povo guia na alegria, até encontrarmos
a luz: teu Jesus! Amém.
Ó Virgem da esperança, o continente desperta,
Ao brilho da nova aurora.
[...][119]

Os seguintes epítetos encontrados no último excerto: "Santa Maria", "Virgem da esperança", "mãe dos pobres", "Senhora dos peregrinos" e "Virgem da esperança", nos evidencia uma Maria que, exilada no Egito a fim de salvar seu filho Jesus Cristo, faz a triste experiência dos vários migrantes exilados, que, ao longo dos séculos, fogem da fome e da violência, bem como da perseguição política e religiosa.

Perseguições tais que levaram Maria e José a procurarem um abrigo seguro para o filho, aquele que "foi escolhido" para ser o "Salvador". Jesus Cristo foi gerado num quadro político de dominação colonial, sinalizada pelo nome de Cézar Augusto, e, além disso, no contexto de um recenseamento, instrumento político de exploração econômica: a extração do imposto por cabeça (BOFF, C., 2006).

Seguindo esse exposto, observa-se que nos trechos anteriormente mencionados há diversos títulos e expressões que qualificam Maria como "Mãe dos peregrinos". Assim como ela precisou mudar com muita frequência a fim de proteger o Filho Jesus Cristo, muitas pessoas, no Brasil e em diversos outros lugares do mundo, tiveram que abandonar suas casas em busca de um espaço melhor, em busca de terras e que, principalmente, andaram em peregrinação para lugares considerados sagrados: Aparecida do Norte (Brasil), Belém, Nazaré, Jerusalém, Basílica de São Pedro, Santuários de Fátima, Lourdes, Medjugorje, Basílica de Guadalupe e outros.

Sobre essa questão, o arcebispo Dom Murilo Sebastião Krieger comenta que

[118] Cântico n. 45: Irmã peregrina de todos os pobres.
[119] Cântico n. 32: Mãe da América Latina.

> cresce o número de peregrinos nos grandes e pequenos santuários marianos, nas várias partes do mundo. Peregrino (de 'peragrare': percorrer 'per agros', fora da cidade, no campo) é aquele que vai longe, que faz uma viagem a determinado lugar, para nele permanecer por algum tempo. No século XIX, cresceram consideravelmente as peregrinações aos santuários marianos, especialmente a partir das aparições de Lourdes (1858). O peregrino sente-se atraído por Maria; sabe que ela o conduzirá a Cristo, que, por sua vez, o conduzirá ao Pai. 'Repete-se o caminho da encarnação: assim como o Verbo veio para o meio dos homens pela mediação e pela participação de Maria, também os fiéis se aproximam de Cristo pelo mesmo caminho: a maternidade ativa de Maria. [...] Maria não é indiferente ao caminho da Igreja e dos discípulos de Cristo: tendo percorrido o caminho antes de nós [...], ela não é apenas um exemplo, mas [...] é também guia e auxílio no caminho' (ROSSO, 1955, p. 1032). (KRIEGER, 2005, p. 22).

Os peregrinos são muito notados no meio católico. A cada data comemorativa de algum santo ou padroeiro de determinadas regiões, vê-se uma movimentação diferenciada de romeiros e peregrinos vindos de variadas partes do Brasil. Os peregrinos seguem desde Aparecida do Norte (Nossa Senhora Aparecida) até Juazeiro do Norte, Ceará (Padre Cícero).

Nas romarias, observa-se uma constante adoração à Maria, os romeiros se juntam para cantar em uma só voz as palavras que glorificam o nome da Santa; os momentos da vida da Virgem são lembrados e repetidos ao longo do trajeto feito pelos peregrinos:

Eis aqui, ó Maria, romeiros
Que vêm hoje pr'a junto de vós
Vosso nome entoando, fremente,
Em concertos de uníssona voz.[120]

Na sequência segue um exame do canto "Nossa Senhora (mãe querida)"[121], a fim de apresentar um pouco mais dos elementos relacionados à peregrinação nos cantos mariais:

Nossa Senhora; oh, mãe querida!
Olhai por nós, me dê a sua mão
Nossa Senhora; oh, mãe querida!
Rogai por nós, guarda meu coração

Oh, virgem santa, cubra com seu manto esse peregrino!
Oh, mãe divina, vem secar o pranto e mostrar o caminho!

[120] Cântico n. 48: Na Basílica.
[121] Cântico n. 36.

Eu fui a pé até a santa igreja
Que Deus proteja nossa oração!
Pedindo paz, amor, saúde, enfim...
Escute essa canção
[...]

Nesse item investiga-se, sobretudo, o quanto os peregrinos são lembrados e recorrem à proteção de Maria. “Nossa Senhora” precisa estar junto dos romeiros para que a caminhada possa acontecer com eficácia.

Chamada também no fragmento de “mãe querida”, “virgem santa”, “mãe divina”, Maria é vista como aquela que dá coragem, fé e sabedoria para que o povo possa enfrentar as vicissitudes que acontecem na vida. Maria é a Santa que guarda, olha, ilumina os corações e toma conta do povo, que dobra os joelhos e faz orações:

Me dê coragem, fé, sabedoria
Pra encarar as agruras da vida
Me guardai sempre em ti
Nossa Senhora; oh, mãe querida!

Nossa Senhora, olhai por nós por esse mundo afora
Toma de conta desse povo agora
Que de joelhos faz uma oração
Nossa Senhora; oh, virgem santa, abençoa esse filho!
Com sua luz iluminai o trilho
Por onde anda o nosso coração

3.2.17 SENHORA APARECIDA

Voltando para o elemento inicial da história de Maria no Brasil, identifica-se a Senhora que “apareceu”, a “Senhora Aparecida”, a “guardiã principal” do povo. Esses termos são bastante conhecidos, principalmente no meio católico. Pela tamanha importância dada ao significado da “Senhora Aparecida” para o Brasil, tem-se o dia 12 de outubro como feriado nacional dedicado a ela:

[...]
Ó Senhora de Aparecida!
Nossa guardiã principal,
Proteja sempre nossa vida
Livrando-nos de todo mal
[...][122]

A expressão "mãe de Deus e nossa" apresenta uma Maria que, além de ser a mãe do "Salvador", é também mãe do povo, indicando uma aproximação maior com a Santa, que divide o seu papel maternal não apenas com Jesus, mas também com os devotos:

Viva a mãe de Deus e nossa,
Sem pecado concebida!
Viva a virgem imaculada,
Ó Senhora Aparecida.
[...][123]

O seguinte extrato torna evidente como Maria está associada a cada peregrino, tanto na "paixão" como em suas alegrias. A Santa se revela como uma mulher solidária e presente em cada situação, tendo então total atenção dos devotos:

Aqui estão vossos devotos,
Cheios de fé incendida,
De confôrto e de esperança.
Ò Senhora Aparecida!
Nossos rogos escutai...
Nossa voz seja atendida!
Do imo d'alma vos pedimos,
Ó Senhora Aparecida!

No Calvário junto à Cruz
Com a alma de dor ferida,
Jesus Vos fez nossa Mãe,
Ó Senhora Aparecida!
[...][124]

[122] Cântico n. 43: Negra Senhora Aparecida.
[123] Cântico n. 33: Viva a mãe de Deus e Nossa.
[124] Ibid.

Maria é proclamada e salmodiada; o autor do poema faz uma rica menção à Mãe de Deus, a intitula de “Virgem Santa”, “Virgem bela”, “Mãe amável”, “Mãe querida” e a “Padroeira do Brasil”, aquela que foi escolhida por Deus para ajudar os homens na Terra:

Virgem Santa, Virgem bela,
Mãe amável, Mãe querida,
Amparai-nos, socorrei-nos,
Ó Senhora Aparecida!

Visando altos desígnios
Fostes por Deus escolhida
Padroeira do Brasil,
Ó Senhora Aparecida!
[...]

A maioria dos textos feitos em homenagem à Maria indica que ela cumpriu o papel designado por Deus. Inspirada pelo poder divino, Maria é contemplada e admirada por muitos devotos. É apresentada, em um grande número de versos, como a protetora e patrona da Igreja Católica, que protege a pátria, ampara o Clero, vela pelas famílias, pela infância desvalida e pelo povo brasileiro:

Quem assim vos proclamou
Cumpriu ordem recebida,
Inspirado pelo Céu,
Ó Senhora Aparecida!
Protegei a Santa Igreja,
Mãe terna e compadecida,
Protegei a nossa Pátria,
Ó Senhora aparecida!

Amparai a todo o Clero,
Em sua terrena lida,
Para bem dos pecadores,
Ó Senhora Aparecida!

Velai por nossas famílias,
Pela infância desvalida,
Pelo povo brasileiro
Ó Senhora Aparecida!
[...]

Com esse mesmo sentido verificam-se, no seguinte excerto, passagens que retratam o papel de Maria no Brasil, indicando os muitos propósitos do povo devoto brasileiro:

Santa Mãe Maria, nessa travessia,
Cubra-nos teu manto cor de anil.
Guarda nossa vida, Mãe Aparecida,
Santa padroeira do Brasil.
Ave Maria, Ave Maria.
[...][125]

Observa-se a "Santa Mãe Maria" cumprindo o papel de protetora, que auxilia na "travessia", cobrindo as pessoas com o manto azulado. A "Mãe Aparecida" e "Santa padroeira do Brasil" foi a escolhida para cuidar da vida do povo e dos peregrinos que caminham em busca de um desejo, seja ele o de ter uma casa própria ou o de conseguir chegar ao local da imagem do santo desejado.

3.2.18 A RAINHA DO BRASIL

Maria é considerada "Rainha do Brasil", a escolhida para representar a nobreza celestial em um país que manifesta um apego muito evidente a ela, não é à toa que foi a escolhida para ser a padroeira do Brasil.

A devoção à Maria na América Latina, em particular no Brasil, mostra o fascínio que a figura da Santa exerce no imaginário popular. Nesse sentido, o epíteto "Rainha do Brasil", utilizado pelo autor do poema[126], afirma o quanto a Mãe de Jesus é uma figura eminente no país. No Ocidente, a representação cultural de Maria sofreu uma evolução análoga à do Oriente: de Serva passou à Rainha (SCHREINER, 1996).

No próprio Evangelho há bases para a compreensão régia da Virgem: ela é fundamentalmente a "Mãe do Messias-rei", portanto trata-se aqui de uma realeza que é, sobretudo, espiritual, da qual a ideia de poder político está um pouco mais afastada, se bem que não totalmente excluída:

[125] Cântico n. 34: Santa Mãe Maria.
[126] Cântico n. 35: Rainha do Brasil.

> [...] idéia de Maria Rainha constituiu um tema privilegiado nas representações artísticas dos ambientes de corte. Ama-se aí figurar as cenas em que Maria aparece, majestosa, no trono, como Soberana. Assim, por exemplo, a cena da visita dos Reis Magos: são os reis de toda a terra que prestam homenagem ao Rei do mundo, que se apresenta, porém, sentado no regaço da Rainha-mãe. Outra cena que aparece com freqüência é a da Assunção de Maria na glória e sua coroação no céu. Nota-se claramente que tais representações têm tudo a ver com a visão das aristocracias emergentes, quer a dos reis dos novos povos convertidos, quer a das dinastias imperiais (BOFF, C., 2006, p. 162).

Esse autor ainda segue dizendo que:

> [...] ao nível do povo em geral, a figura da Santa Virgem como Senhora e Rainha irradiava força espiritual, com fortes projeções existenciais. Para os medievais, a Rainha celeste exercia junto a Cristo uma função de misericórdia: era a defensora do fraco e a intercessora do pecador. Ela é a 'Rainha e Mãe de misericórdia', a 'Reconciliadora', a 'Pacificadora'. É invocada como *Dulcissima Domina*, como *Advocatrix, Refugium, Solatium, Precatrix, Mediatrix*. Ela tem 'entranhas de misericórdia' porque nelas carregou o próprio Deus. (BOFF, C., 2006, p. 163).

Essa imagem de Maria representada nos ambientes da corte, sentada no trono, foi, sem sombra de dúvidas, levada em consideração pelo autor do canto, que ao utilizar o termo *Rainha do Brasil* já verifica a autoridade oferecida à Maria. O autor então diz que a Nazarena é uma mulher nobre e elevada da pátria brasileira, uma Santa que foi escolhida entre outros santos para representar este lugar que tanto precisa da "realeza" divina, que é encontrada nela:

Virgem Mãe Aparecida,
És da Pátria Brasileira,
Nobre e excelsa Padroeira,
A Rainha do Brasil
[...]

Da mesma forma, é possível verificar no trecho a seguir que muitas das riquezas do Brasil são expostas como sendo propriedades de Maria, a qual pode ser classificada, nesta situação, como "Pacificadora", como citado por Clodovis Boff (2006). O canto diz que Maria é a "dona" da natureza, dos verdes prados, densas matas, dos vales, das serras, ou seja, ela só poderia mesmo ser considerada a "Rainha do Brasil"; pois só com um título desse alguém poderia ter tamanho domínio sobre o conjunto dos elementos naturais existentes na Terra:

Nossa Pátria te consagra
Tudo quanto nela habita,
Tudo é teu, ó Mãe Bendita,
Nesta terra do Brasil.
Verdes prados, densas matas,
Tudo é teu em nossa Terra,
Teu o vale, tua a serra,
Teu também o céu de anil
[...]

Maria é recebedora também do título de "Rainha do mundo", não visto no conjunto dos cantos analisados neste trabalho, mas é um elemento que manifesta a relevância social que, segundo o Magistério, a figura da Virgem continua a ter no contexto do mundo moderno e de sua complexa problemática.

Para isso foi determinante a proclamação da festa de Maria "Rainha do mundo", por obra de Pio XII, no ano mariano de 1954, por meio da encíclica *Ad coeli reinam* em 11 de novembro do referido ano. Esse título contava com sólidos fundamentos bíblicos, patrísticos e litúrgicos (BOFF, C., 2006).

Verifica-se também, nos hinos a seguir, epítetos bastante correlacionados ao acima exposto, com ênfase na imagem de uma Maria centrada no Brasil e na diáspora, uma Maria morena, com traços africanos e também indígenas.

Brasil de Maria é reino e nação,
Brasil seja o trono do seu Coração.

Cantai, brasileiros, cantai com fervor:
Que reine, Maria, o teu Coração![127]

No canto "Brasil de Maria", o compositor expressa sua preocupação com a integridade da nação brasileira, apresentando Maria como a "chefe de estado" ou "imperatriz do povo brasileiro"; é simbolicamente convidada a reinar no coração do povo.

Já neste outro texto mariano verifica-se a "Rainha do Brasil" sendo chamada de "Santa morena", a qual está bem relacionada ao povo de descendência indígena, que passou por diversos processos de aculturamento e, simultaneamente, sofreu a perda da base material (a terra), necessária para a manutenção do seu modelo de sociedade:

[127] Cântico n. 37: Brasil de Maria.

[...]
Santa morena sou um brasileiro
Índio, primeiro povo deste chão.
Fomos milhares, hoje somos nada,
Na terra vivo por opinião.
Se me permitem uma confissão:
A terra é minha e eu não abro mão![128]

Sobre o exposto, o teólogo Clodovis Boff (2006) diz que os escravos africanos trazidos ao Brasil aprendiam, entre outras devoções, a honrar Maria. A reza do terço era ensinada aos negros escravizados e era permitido que organizassem suas irmandades, como a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos[129]. Como se vê pelos sermões do Padre Vieira[130] sobre o Rosário, pregados aos escravos, era, primariamente, uma função de evangelização e, secundariamente, de consolidação e mesmo resignação em face da sua condição de servo. O pesquisador ainda ressalta que

> a devoção a Nossa Senhora das Mercês, desenvolvia, sobretudo, entre os **escravos pardos**, especialmente nas vilas do ouro: Diamantina, São João del Rei, Mariana, Sabará, onde se encontram várias igrejas a ela dedicadas ganhou um caráter de assistência e proteção social, levando os escravos a comprar a própria liberdade. E é natural pois se tratava da 'libertadora dos cativos', muitas vezes representada tendo justamente nas mãos grilhões arrebentados. Os negros de Diamantina sempre acharam que foi Nossa Senhora das Mercês que inspirou a princesa Isabel a assinar a abolição. (BOFF, C., 2006, p. 230, grifo nosso).

Nessa perspectiva, o epíteto "Santa morena" é muito bem exposto pelo autor do poema, pois apresenta em seu conteúdo as penúrias sofridas pelos negros escravizados, que, para amenizar os sofrimentos, precisavam cultuar uma santa protetora, confessando à "Nossa Senhora Aparecida" seus ídolos (heróis) e desejos de insurreição:

Santa morena sou um brasileiro
NEGRO, escravo da dominação.
Sangue da raça, no mar foi lançado
Zumbi renasce da minha oração.
Se me permite uma confissão:
Novos "Quilombos" logo surgirão!

[128] Cântico n. 38: Aparecida Santuário Brasileiro.
[129] Conhecida por Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, a irmandade continua em pleno exercício nos seguintes Estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Bahia.
[130] Conforme o pesquisador Valério Alberton (1994), entre os 30 sermões do Rosário, feitos pelo Padre Vieira, três são dirigidos aos negros: Sermões XIV, XX e XXVII.

Santa morena sou ESTRANGEIRO
Dito estrangeiro mas porque razão?
Meus pais vieram de outra bandeira.
De norte a sul, fiz crescer a Nação
Se me permite uma confissão:
Somos semente, pó do mesmo chão![131]
[...]

Seguindo o mesmo exposto, verifica-se no canto "Mãe do céu morena" significados bem relacionados à discussão anterior:

Mãe do céu morena
Senhora da América Latina
de olhar e caridade tão divina,
de cor igual à cor de tantas raças,
Virgem tão serena, Senhora desses povos tão sofridos,
Patrona dos pequenos e oprimidos,
derrama sobre nós as tuas graças.
[...][132]

Aqui Maria é qualificada de "Mãe do céu morena", "Senhora da América Latina", "Virgem tão serena", "Senhora desses povos tão sofridos" e "patrona dos pequenos e oprimidos". São termos que indicam uma Santa voltada ao "povo sofredor" que tiveram suas terras tomadas, os oprimidos pelas migrações forçadas e escravizados que de norte a sul produzem a riqueza da nação sem poder usufruir desta.

Nesse sentido, pode-se dizer que a Nossa Senhora de Guadalupe é uma figura que se encaixa perfeitamente na vida desses povos sofridos, uma vez que esta exerceu uma significativa influência de caráter libertador. A devoção a essa Santa foi difundida na época em que o Brasil passou sob o domínio espanhol (1580-1640). É possível observar nos trechos que se seguem os sinais de Maria libertadora:

Povos d'América! Gente sofrida, onde a esperança insiste em germinar!
Povos d'América! Quanta alegria! São tantas raças, vozes a cantar!

Negros e brancos, índios, mestiços, de todos Deus é pai!
Uma só fé, um só Salvador!
O mundo evangelizai!

[131] Cântico n. 38: Aparecida Santuário brasileiro.
[132] Cântico n. 41: Mãe do céu morena.

Vinde, Vede! E Anunciai!
[...]

Ó Mãe d'América! De Guadalupe, de Aparecida e tantos nomes mais!
Virgem Maria, Mãe destes povos, eis vossos filhos, a quem tanto amais![133]

Os epítetos "Mãe d'América", "de Guadalupe", "Aparecida" e "Mãe destes povos" são elementos que relacionam a Maria cultuada no Brasil com as outras "Marias", de atributos diferentes, mas que apresentam o mesmo sentido: de libertação dos pobres, humildes[134] e pessoas consideradas inferiores.[135]

Observa-se neste outro fragmento, a mesma Santa libertadora dos injustiçados, qualificada aqui de "Maria da Libertação" e "mãe querida Latino-Americana"; a figura de Maria recebe, com toda autoridade, o galardão de representante do povo latino:

Companheira com teu povo, Maria da Libertação
Do presépio até a cruz, tua vida marcou nosso chão.
Atende, ó mãe querida Latino-Americana, o grito do
teu povo. Que pede justiça e clama![136]

Segundo os dizeres do pesquisador Clodovis Boff (1995), essa "Maria negra" é uma imagem com a qual, sem dúvida, os escravos se identificavam, assim como os oprimidos em geral. De acordo com o autor, embora tenha sido manipulada em função do *status quo*, sua mensagem originária é essencialmente libertadora.

Seguindo o conceito da Maria que liberta o povo, apresenta-se o texto marial a seguir, voltado para o cântico bíblico *Magnificat*[137], um canto feito por Maria para saudar sua prima Isabel.

O *Magnificat* é uma espécie de "automariologia"[138], sendo o primeiro resultado da meditação da Mãe de Jesus em torno dos elementos que a envolveram intimamente (LUCAS, 2:19). Vê-se que em tais acontecimentos Maria avista a chegada da libertação messiânica.

---

[133] Cântico n. 42: Povos da América – Vinde, vede e anunciai!
[134] A Virgem era humilde e estabelecia um forte contato com aqueles que também eram considerados humildes (AUTRAN, 2001).
[135] Em linguagem bíblica, os pobres, humildes e inferiores são claras referências ao povo de Israel, geralmente em condições de dominação, opressão e aflição (HORSLEY, 1989).
[136] Cântico n. 40: Maria da Libertação.
[137] Lucas (1, 46:56). Ver Anexo 1.
[138] Termo utilizado por Boff, C. (2006).

Assim, tomando por base o Cântico de Maria, o canto em exame "*Maria o Magnificat cantou*", faz uma menção às palavras musicadas deixadas por Maria, mas reforçando a questão da necessidade por alimentos que uma parcela do povo brasileiro tem:

Maria o Magnificat cantou
e com ela também nós vamos cantar.
Pão e vida é o brado de um Brasil
que de norte a sul se uniu
para a fome eliminar.
[...]

Os trechos desse último canto reforçam, de certa forma, o caráter libertador de Maria. Há aqui uma junção entre a Santa negra, índia, voltada aos pobres e aos peregrinos, que foram retratadas ao longo desta pesquisa e que unem em uma só "rede" as propostas de libertação apregoadas à imagem da Virgem e de representações dos devotos que são imbuídos de intervir diretamente no contexto das injustiças sociais:

Aparecida é a mãe do pescador, é a mãe do Salvador,
é a mãe de todos nós.

Maria o magnificat cantou
e com ela também nós vamos cantar,
protegendo e defendendo nosso irmão
que merece peixe e pão
pra sua fome saciar

O elemento principal desse hino, como o do *Magnificat* existente no evangelho, pode ser resumido, do ponto de vista social, nos seguintes elementos: pobreza, dominação, opressão, agitações e, enfim, espera de libertação da parte do povo pertencente à "terra", isto é, das multidões miseráveis, "cansadas e abatidas como ovelhas sem pastor" (MATEUS, 9:36):

[...]
Maria o magnificat cantou
e com ela também nós vamos cantar,
implorando pelo povo sofredor
que por falta de amor
não tem nada para comer.[139]
[...]

[139] Cântico n. 50.

Maria foi a escolhida pelo evangelista Lucas para entoar o hino (Canto da Virgem), que se tornou um paradigma de toda a doutrina religiosa cristã voltada ao caráter libertador. “Aquela que implora pelo povo sofredor, que por falta de amor não tem nada pra comer” é identificada e adorada no conjunto de cantos mariais que aqui nos propusemos a examinar.

Diante de tantos artistas que se inspiraram no *Magnificat* para produzir trabalhos voltados à “magnitude” de Maria, convém destacar o tom de sublime exaltação ao canto da mulher de Nazaré, ornamentado pelo orador São Tomás de Vilanova no texto que se segue:

> Maria não falava senão raramente. Mas foi impelida a cantar com voz sonora, tanto o Espírito de Deus a inebriava com sua inspiração. Ó excessiva efusão da emoção divina! Ó imenso sobressalto do coração! Nunca se ouviu um canto semelhante desde que o mundo é mundo. É com razão que o Magnificat é chamado de Cântico dos cânticos. Como Davi, com seus arpejos, afastava o espírito que atormentava Saul, assim, pelos acordes de Maria, o Demônio é expulso... Ó canto maravilhoso! Jesus Cristo dita de dentro e a Virgem canta fora. O objeto deste cântico é tão alto que linguagem alguma chega a tocar sua sublimidade. Maria não canta a vitória dos conquistadores famosos [...] Ela canta prodígios maiores, celebra mistérios mais altos e reconhece benefícios magníficos. Ela dá graças não apenas por um filho profeta, mas pelo Deus e Senhor dos profetas. Ela canta o Criador que carrega no seu seio o Verbo feito carne, as vísceras misericordiosas da bondade divina, **os grandes rebaixados, os pequenos exaltados, os pobres enriquecidos**, a potência infinita do amor, a reparação do mundo, a derrota do Demônio, a destruição do pecado. Eis os nobres temas que ela canta. De Safo, por acaso, fluíam cantos mais melodiosos?A lira daquela poetisa soltou um dia sons mais suaves? O estilo admirável corresponde à altura do mistério. Uma graça fascinante reina em todo o cântico. Calai, musas de todos os séculos! Fechem-se no silêncio as sibilas furibundas!Esconda-se a poesia. Silencie a doce sereia! E o rouxinol cesse doravante seu gorjeio! Calai, calai, louvores harmoniosos dos homens e dos pássaros!A harpa real ressoa, a Virgem Mãe de Deus canta! Ó mais bela de todas as mulheres, faze-nos ouvir a tua voz, porque tua voz é tão doce e teu rosto, infinitamente formoso! (AUGSBURG, 1957 apud BOFF, C., 2006, p. 335-336, grifo nosso).

Assim fechamos este ciclo. O *Magnificat* Maria cantou, e a extensão deste hino o homem se encarregou de fazer a fim de não calar a voz daquela que se tornou a “grande mãe” de todos os tempos, que circulou nos palácios medievais e penetrou como num ato generoso de inspiração nos caminhos dos diversos compositores marianos da atualidade, que fazem de suas palavras novos cânticos dos cânticos.

3.3 OS EPÍTETOS

Fez-se necessário concentrar nossa pesquisa nos termos que são de elevada importância para o nosso estudo: são os chamados epítetos. Observa-se que há diversos títulos que são frequentemente usados nos textos religiosos; nessa perspectiva, o presente trabalho voltou-se para os poemas que foram feitos em homenagem à Maria.

Esses epítetos representam os elementos essenciais dos cânticos mariais, já que eles se encarregam de ornamentar os hinos, elucidando por meio do formato importantes expressões carregadas de símbolos, dogmas, conceitos teológicos e dogmáticos, expressões relacionadas à nação, à família e elementos bastante populares.

Para que se entenda um pouco mais sobre a questão que envolve este estudo, verifica-se inicialmente no dicionário Houaiss (2001) o significado desta expressão que tanto tratamos: *epíteto* é uma palavra ou expressão que se associa a um nome ou pronome para qualificá-lo; qualificação elogiosa ou injuriosa dada a alguém; alcunha, qualificativo ou até mesmo qualquer adjetivo ou expressão com valor de adjunto atributivo não ligada ao substantivo por um verbo.

Com base nesses fragmentos pode-se esclarecer também que o epíteto se associa ao nome para que este forme uma unidade de significação, na qual cada um dos termos, por assim dizer, pode contaminar o sentido do outro, como se uma influência recíproca estivesse a imantá-los, a ponto de ambos parecerem indissoluvelmente unidos, como se segue: “Maria, mãe de todos nós”, “Maria, mãe dos caminhantes”. Os pares em destaque, bem como os demais em que se fundamenta a exemplificação deste trabalho, constituem o que se poderia chamar de grupos fraseológicos, nos quais tanto o adjetivo quanto o substantivo perdem algo de sua identidade, tornam-se meio flutuantes, em favor do sintagma[140] por eles formado.

Note-se que, por mais redundantes e supérfluos que pareçam, alguns atributos emprestam, aos diversos nomes a que se agregam, um vigor, um realce, uma ênfase, cujo efeito estilístico é engenhosamente manipulado por autores de diferentes épocas e tendências.

[140] Segundo Koch e Silva (1985), *sintagma* consiste num conjunto de elementos que constituem uma unidade significativa dentro da oração e que mantêm entre si relações de dependência e de ordem. Organizam-se em torno de um elemento fundamental, denominado núcleo, que pode, por si só, constituir o sintagma.

Observa-se também na construção dos epítetos a presença da vírgula entre o nome e seus correspondentes títulos, fenômeno que é verificado com muita frequência nos cânticos aqui estudados.

Para abordar essa questão, seguimos as ideias apresentadas nos estudos realizados por Fonseca (1970). O pesquisador apresenta as formas de utilização dos epítetos e qualificativos, mostrando as várias vertentes que auxiliam no trato fidedigno da identificação e classificação dos títulos.

Tomando como exemplo o caso acima, o pesquisador Fonseca (1970) diz que tais elementos acabam por romper, simultaneamente, a estrutura sintática e o ritmo prosódico que os vinculam ao nome anterior. O valor atributivo, que tal reforço pleonástico apresenta em todos os outros contextos, cede lugar à função predicativa, além de a entonação se processar de forma diversa, pois o emprego do mencionado sinal indica que uma breve pausa deve ser instaurada entre o substantivo e os adjetivos seguintes. O autor acrescenta, ainda, que essa pausa é responsável pelo fato de os mesmos adjetivos virem a adquirir relevo próprio, tal como se passassem a funcionar como um acréscimo explicativo.

Nesse sentido, verifica-se que em expressões como: “Virgem do amém, do aleluia”, “Maria, mãe querida” e “Maria, mãe rainha”, há um propósito de reforço do substantivo, elevando-se ainda mais o nome inicial, que sozinho já indicaria um tratamento qualificativo.

Essas peculiaridades semânticas cumulam-se com certas outras particularidades de ordem morfológica e sintática, que permitem configurar um subtipo de adjetivo que se costuma chamar de “relação”, que, dessa maneira, se demarcam com maior ou menor coerência dos adjetivos, que também habitualmente se designam qualificativos.

Restritamente concatenado com o substantivo, por representar propriedades dos objetos que estes denotam, o adjetivo revelará essa íntima conexão, qualquer que seja o esquema combinatório que realize a sua introdução no enunciado. Constituem marcas mínimas dessa particularidade de ligação, a compatibilidade de traços semânticos e a relação formal sintagmática, a qual se estabelece na chamada concordância em gênero e número do adjetivo com o substantivo.

A adoção por parte do adjetivo do gênero e número do substantivo traduz claramente o caráter relacional, e não categorial, que nele revestem tais significações. Em certo esquema combinatório, que adiante será caracterizado como *atribuição*, a explicitação dessa relação íntima de unidade rítmica suporta, no plano fônico, a unidade que é conhecida como sintagma nominal.

Diz-se que são duas as vias pelas quais se realiza a atualização do adjetivo no enunciado: a atribuição e a predicação. Tentou-se levantar as marcas definidoras dessas duas vias e avaliar a possibilidade de termos configurados nela, ou seja, o quadro que se inscreva com naturalidade o matizado comportamento sintático do adjetivo em português.

Ainda conforme os dizeres de Fonseca (1970), na atribuição, o substantivo e o adjetivo constroem-se em justaposição imediata e não imediata. O adjetivo atualizado em atribuição recebe também a designação de *epíteto*. Assim também, o traço definidor fundamental da atribuição é a ausência de nexo verbal na instituição da relação significativa entre adjetivo e substantivo.

Sabendo-se que em um inicial esboço combinatório o epíteto segue ou precede imediatamente o substantivo, trata-se, pois, de justaposição imediata, uma vez que nenhum elemento linguístico (incluindo o zero fônico, marcado por vírgula no texto escrito) intercala-se entre ambos. Não atenta, todavia, contra essa justaposição imediata, a determinação quantitativa do adjetivo, envolvida ou não em construção comparativa ou superlativa.

Assim, o epíteto é claramente, nessa estrutura, um adnominal que realiza com o substantivo uma unidade coesa no plano sintático-semântico, que se prolonga por uma unidade rítmica. Essa unidade não envolve, no entanto, interdependência sintagmática.

A partir do estudo apresentado pelo pesquisador Fonseca, pode-se versar com seguridade a questão dos epítetos direcionados para o tema abordado nesta pesquisa, os textos mariais; sabendo-se que por meio desses variados elementos surgem-se focos de pesquisa para a questão.

Após verificar-se a utilização dos epítetos nos cantos marianos, foi possível encontrar uma quantidade considerável de nomenclaturas utilizadas para denominar Maria (total de 156 termos qualificativos), que muitas vezes já se encontram nos próprios títulos dos cantos. Essas expressões são elementos fundamentais para a realização do presente estudo.

3.4 QUADROS DOS TRATAMENTOS QUALIFICATIVOS E EPÍTETOS

1. RAINHA DA ASSUNÇÃO[141]	**2. VIRGEM DO ROSÁRIO**
Esposa, mãe e filha	Rosa mimosa
Mãe predestinada da nova criação	Saudosa e alegre
Maria da Assunção	Virgem
Maria, mãe querida	Virgem do rosário
Maria, mãe rainha	
3. VIRGEM DOLOROSA	**4. MARIA, MÃE DE TODOS NÓS**
Ave Maria	Mãe de Jesus
Companheira de libertação	Maria de João e José
Mãe Aparecida	Maria de todos os prantos, sonhos, desencantos de tantas dores
Mulher peregrina	Maria do desesperado, dos injustiçados, dos sofredores
Santa Mãe Maria	Maria, mãe de todos nós
Santa Padroeira do Brasil	Rainha da fé
	Rainha de luz
	Santa mãe da esperança do anjo criança nosso salvador
5. VIRGEM MÃE, CORAÇÃO DE MARIA	**6. PRA CONSOLAR MARIA**
Mãe cheia de graça, serva pobre e disponível	Mãe
Virgem Mãe	
7. SE UM DIA UM ANJO DECLAROU	**8. SENHORA GLORIOSA**
Cheia de graça	Senhora gloriosa
Mãe	Virgem Maria
Mãe agraciada	
Mãe bem aventurada	
Nossa rainha	
9. AVE DO MAR ESTRELA	**10. DO NOSSO FILHO, Ó FILHA**
Ave do mar estrela	Mãe
Bendita Mãe de Deus	Nobre
Fecunda e sempre virgem	Sublime e mais humilde que toda criatura
Portal feliz dos céus	Virgem Pura

[141] Os textos em negrito indicam os títulos dos cânticos.

9. AVE DO MAR ESTRELA	10. DO NOSSO FILHO, Ó FILHA
Suave mais que todas	
Virgem sem igual	
11. DA CARIDADE ESTRELA FÚLGIDA	**12. MARIA, Ó MÃE CHEIA DE GRAÇA**
Fonte das águas borbulhantes	Mãe cheia de graça
Misericórdia	
Nobre senhora	
13. MARIA DE NAZARÉ	**14. Ó DOCE NOME**
Mãe de Jesus	Mãe
Mãe pura do meu senhor	Virgem pura
Maria de Nazaré	
Maria do povo meu	
Senhora e mãe do céu	
Virgem de Nazaré	
15. A TI VENHO OFERTAR	**16. CONSAGRAÇÃO À NOSSA SENHORA**
Benigna	Incomparável mãe
Bússola e luz	Mãe
Estrela fulgurante	Senhora
Senhora	
17. VIRGEM DO ROSÁRIO	**18. A TI MARIA ME CONSAGRO**
Odorante rosa	Mãe
Virgem do Rosário	
19. LADAINHA DE NOSSA SENHORA	**20. MIL VEZES ADMIRÁVEL MARIA**
Virgem da paz para o mundo	Estrela do mar
Virgem das altas montanhas	Mãe bela
Virgem das mãos que se doam	Mãe Santa
Virgem de toda alegria	
Virgem de todos os lares	
Virgem do amém, do aleluia	
Virgem do amor consagrado	
Virgem do amor tão fecundo	
Virgem do amor verdadeiro	
Virgem do entusiasmo	
Virgem do irmão caminheiro	
Virgem do risco do amor	
Virgem do sim à palavra	
Virgem dos desamparados	

19. LADAINHA DE NOSSA SENHORA	20. MIL VEZES ADMIRÁVEL MARIA
Virgem Maria	
Virgem rainha da igreja	
21. BENDIZEMOS O TEU NOME	**22. HOMENAGEM A MARIA**
Mãe querida	Bem-aventurada
Mãe bendita	Mãe
Refúgio e guia	Mãe da humanidade
Toda bela e imaculada	Mãe da igreja
Virgem Maria	Mãe de Deus
Virgem Santa	Mãe de uma família
	Senhora da missão
	Serva do Senhor
	Servidora do teu povo
23. VAMOS AO TEU ALTAR	**24. TU ÉS GLÓRIA DE JERUSALÉM (AVE MARIA)**
Manto feito de alvura	Alegria do povo de Deus
Senhora do globo	Ditosa por Deus escolhida
Senhora milagrosa	Glória de Jerusalém
Virgem da Conceição	Honra da humanidade
Virgem Poderosa	Refúgio do povo de Deus
25. SAUDAÇÃO DAS CRIANÇAS A MARIA SS.	**26. GUARDAI-NOS NO CORAÇÃO (OLHAI BENIGNA)**
Angelica Rainha	Benigna
Luz que as almas encaminha	Estrela
Mãe	Virgem Maria
Mãe de belleza immortal	
Mãe de Clemencia	
27. SALVADORA DO MORTAL	**28. UMA ENTRE TODAS**
Mãe pia	Cheia de graça e consolo
Salvadora do mortal	Mãe do meu Salvador
	Mãe do meu Senhor
29. COM MINHA MÃE ESTAREI	**30. DOCE CORAÇÃO DE MARIA**
Mãe	Doce coração de Maria
Virgem Maria	
31. MARIA IMACULADA	**32. MÃE DA AMÉRICA LATINA**
Aparecida aos pobres, pequenos	Mãe
Ave Maria, cheia de graça	Mãe da América Latina

31. MARIA IMACULADA	32. MÃE DA AMÉRICA LATINA
Entre as mulheres bendita	Mãe da humanidade
Escolhida de Deus	Mãe dos pobres
Estrela	Mãe dos pobres e fracos
Mãe da igreja	Santa Maria
Mãe querida	Senhora dos peregrinos
Maria imaculada	Virgem da esperança
Medianeira de todas as graças	
Santa Maria	
Serva rainha	

33. VIVA A MÃE DE DEUS E NOSSA	34. SANTA MÃE MARIA
Mãe	Força feminina
Mãe amável	Mãe Aparecida
Mãe de Deus e nossa	Mulher peregrina
Mãe querida	Santa Mãe Maria
Padroeira do Brasil	Santa Padroeira do Brasil
Santa esposa	
Senhora Aparecida	
Virgem bela	
Virgem Imaculada	
Virgem Santa	

35. RAINHA DO BRASIL	36. NOSSA SENHORA (MÃE QUERIDA)
Mãe Bendita	Mãe divina
Nobre e excelsa Padroeira	Mãe querida
Nossa Senhora	Nossa Senhora
Rainha do Brasil	Virgem Santa
Virgem Mãe Aparecida	

37. BRASIL DE MARIA	38. APARECIDA SANTUÁRIO BRASILEIRO
Mãe de Deus	Mãe companheira
	Nossa Senhora
	Santa morena

39. COM MARIA EM DEUS EXULTEMOS	40. MARIA DA LIBERTAÇÃO
Imagem da nova cidade	Ave Maria de Deus
Maria da fraternidade	Ave Maria do povo
Maria de nossos caminhos	Companheira de luta
	Mãe querida Latino-Americana
	Maria da libertação

39. COM MARIA EM DEUS EXULTEMOS	40. MARIA DA LIBERTAÇÃO
	Maria da união
	Maria de nosso chão
	Maria do povo de Deus
	Maria, sinal da História
41. MÃE DO CÉU MORENA	**42. "POVOS DA AMÉRICA – VINDE, VEDE E ANUNCIA!"**
Mãe do céu morena	Mãe d'América
Senhora da América Latina	Mãe de Aparecida
Senhora destes povos tão sofridos	Mãe de Guadalupe
Virgem tão serena	Mãe destes povos
	Virgem Maria
43. NEGRA SENHORA APARECIDA	**44. EU VÔ ABRI ESTE ROSARO**
Mãe Aparecida	Mãe
Santa Aparecida	Nossa Senhora
Senhora Aparecida	
Senhora de Aparecida	
Virgem Santa	
Virgem Santa Aparecida	
45. IRMÃ PEREGRINA DE TODOS OS POBRES	**46. MARIA, MÃE DOS CAMINHANTES**
Irmã peregrina de todos os pobres	Mãe dos caminhantes
Mãe de Deus	
Mãe de todos os povos	
Mãe do terceiro mundo	
Mulher campesina e trabalhadora	
Mulher profetisa dos pobres libertos	
47. O QUE SENTE O TEU CORAÇÃO	**48. NA BASÍLICA**
Mãe	Rainha dos homens
Mãe da Consolação, ternura e compaixão	Virgem forte e soberba
Mãe do puro amor	
Virgem de Nazaré	
49. VAI COM OS HOMENS	**50. MARIA O MAGNIFICAT CANTOU**
Santa Maria	Aparecida
	Mãe
	Mãe de todos nós
	Mãe do pescador
	Mãe do Salvador

3.4.1 CLASSIFICAÇÃO DOS DIFERENTES TIPOS DE EPÍTETOS

1. TEOLÓGICOS	
Mãe de Deus	Virgem mãe
Mãe de Jesus	Virgem Maria
Mãe divina	Virgem pura
Mãe santa	Virgem Santa
Santa Mãe Maria	
2. DOGMÁTICOS	
Maria da Assunção	Virgem da Conceição
Maria Imaculada	Virgem Imaculada
3. NACIONALISTAS	
Glória de Jerusalém	Padroeira do Brasil
Mãe d'América	Rainha do Brasil
Mãe da América Latina	Santa Padroeira do Brasil
Mãe de Aparecida	Senhora da América Latina
Mãe de Guadalupe	Senhora de Aparecida
Mãe querida Latino-Americana	Senhora do globo
Maria de Nazaré	Virgem de Nazaré
4. POPULARES	
Alegria do povo de Deus	Maria de nossos caminhos
Aparecida aos pobres, pequenos	Maria de todos os prantos, sonhos, desencantos de tantas dores
Ave Maria	Maria do povo de Deus
Ave Maria de Deus	Maria do povo meu
Ave Maria do povo	Maria, sinal da História
Ave Maria, cheia de graça	Medianeira de todas as graças
Bendita mãe de Deus	Mulher campesina e trabalhadora
Benigna	Mulher peregrina
Cheia de Graça	Mulher profetisa dos pobres libertos
Cheia de graça e consolo	Nobre e excelsa Padroeira
Companheira de libertação	Nobre senhora
Companheira de luta	Nossa Senhora

4. POPULARES	
Ditosa por Deus escolhida	Refúgio do povo de Deus
Doce coração de Maria	Refúgio e guia
Entre as mulheres bendita	Salvadora do mortal
Escolhida de Deus	Santa Aparecida
Fecunda e sempre virgem	Santa mãe da esperança do anjo criança nosso salvador
Força feminina	Santa Mãe Maria
Honra da humanidade	Santa Maria
Imagem da nova cidade	Santa morena
Irmã peregrina de todos os pobres	Senhora Aparecida
Mãe agraciada	Senhora da missão
Mãe amável	Senhora destes povos tão sofridos
Mãe Aparecida	Senhora dos peregrinos
Mãe bela	Senhora dos peregrinos
Mãe bem-aventurada	Senhora e mãe do céu
Mãe bendita	Senhora gloriosa
Mãe cheia de graça	Senhora milagrosa
Mãe cheia de graça, serva pobre e disponível	Serva do Senhor
Mãe companheira	Servidora do teu povo
Mãe da humanidade	Suave mais que todas
Mãe da igreja	Toda bela e imaculada
Mãe de belleza immortal	Virgem bela
Mãe de Clemência	Virgem da esperança
Mãe de Deus e nossa	Virgem da paz para o mundo
Mãe de Misericórdia	Virgem das altas montanhas
Mãe de todos nós	Virgem das mãos que se doam
Mãe de todos os povos	Virgem de toda alegria
Mãe destes povos	Virgem de todos os lares
Mãe dos caminhantes	Virgem do amém, do aleluia
Mãe do céu morena	Virgem do amor consagrado
Mãe do meu Salvador	Virgem do amor tão fecundo
Mãe do meu Senhor	Virgem do amor verdadeiro
Mãe do terceiro mundo	Virgem do entusiasmo
Mãe dos pobres	Virgem do irmão caminheiro

4. POPULARES	
Mãe dos pobres e fracos	Virgem do risco do amor
Mãe pia	Virgem do Rosário
Mãe predestinada da nova criação	Virgem do sim à palavra
Mãe pura do meu senhor	Virgem dos desamparados
Mãe querida	Virgem Mãe Aparecida
Maria da fraternidade	Virgem Poderosa
Maria da libertação	Virgem rainha da igreja
Maria da união	Virgem sem igual
Maria de nosso chão	Virgem tão serena
5. SIMBÓLICOS	
Angelica Rainha	Luz que as almas encaminha
Ave do mar estrela	Mãe rainha
Bússola e luz	Manto feito de alvura
Estrela	Odorante rosa
Estrela do mar	Portal feliz dos céus
Estrela fulgurante	Rainha de luz
Fonte das águas borbulhantes	Serva rainha
6. FAMILIARES	
Esposa	Mãe de uma família
Filha	Santa esposa
Incomparável Mãe	Senhora
Mãe	

3.4.2 A CARACTERÍSTICA DOS EPÍTETOS EXISTENTES NOS CÂNTICOS

Nos quadros apresentados anteriormente, têm-se os epítetos separados por temáticas, os temas são: teológicos, dogmáticos, nacionalistas, populares, simbólicos e familiares. Tais divisões são importantes, pois é nesse processo que se consegue verificar os tipos de títulos que mais preenchem os cânticos marianos em análise.

Os títulos inseridos no quadro intitulado “Teológicos” são aqueles utilizados, com muita assiduidade, pelos compositores dos cânticos marianos, que buscam mais unidade com a doutrina religiosa, indicando que esta é uma fonte precisa de dados. Assim, quando se encontra o título “Mãe de Deus” e “Vigem Maria”, consegue-se imediatamente identificar tal tratamento qualificativo em diversas fontes teológicas.

O segundo quadro, referente aos epítetos “Dogmáticos”, busca identificar os títulos que foram nomeados tomando por base os quatro dogmas marianos, que nasceram e se desenvolveram em estreita ligação com a vida concreta da Igreja e da sociedade: Maternidade, Virgindade, Imaculada Conceição e Assunção (BOFF, 2006).

Já os epítetos identificados de “Nacionalistas” fazem uma referência ao nome de Maria voltado para cidades e países, na maioria das vezes há uma proximidade entre a Santa e a localidade em que sua imagem foi encontrada, ou até mesmo por ter recebido o título de Padroeira dessas regiões. Maria tornou-se objeto de imaginação para a criação de poemas de glorificação da pátria eleita ou escolhida por ela. Temos como exemplo: “Nossa Senhora da Conceição Aparecida”, “Padroeira do Brasil”, “Rainha do Brasil”, “Nossa Senhora de Guadalupe” e outros que foram utilizados levando-se em consideração o fato de Maria ser a escolhida para ser a “defensora” de determinadas nações: “Mãe da América Latina”, “Mãe de Guadalupe” e outras referências mais que são expostas nesta pesquisa.

A identificação dos epítetos em “Populares” se dá por meio das centenas de títulos que não são reconhecidos pela Igreja, mas que aparecem com muita propriedade em variados cânticos e textos marianos e em outras manifestações religiosas e populares. Na maioria das vezes, os termos qualificativos se referem aos temas relacionados ao caráter libertador de Maria, à sua aproximação com os pobres e ao fato de ter sido “a escolhida por Deus”, tomamos por base alguns desses epítetos: “mãe do céu morena”, “Mãe dos pobres e fracos”, “Mãe do terceiro mundo” e “Senhoras dos peregrinos”.

Aqueles chamados de “Simbólicos” representam as associações de Maria com algum corpo celeste, “Estrela”, com instrumentos que iluminam, encaminham ou abrem portas, “Bússola e luz”, “Portal feliz dos céus”, “Luz que as almas encaminha”, e com aqueles que elucidam também poder, soberania: “Angelica Rainha”, “Mãe Rainha”.

Por fim, há os epítetos “Familiares”, que estão relacionados a termos que indicam familiaridade e que são, de certa forma, bastante próximos do povo, já que são nomenclaturas muito bem relacionados à vida das pessoas: “Esposa”, “filha”, “Mãe”.

Há ainda uma relação de termos que apresentam uma série de explicações gramaticais e linguísticas que não nos aprofundamos neste estudo, são aqueles modificados pelo adjetivo: “Maria Imaculada”, “Virgem Imaculada”, “Entre as mulheres bendita”, “força feminina”, “Mãe agraciada”, “Mãe amável”, “Mãe bela”, “Mãe bem-aventurada”, “Mãe bendita”, “Mãe companheira”, “Mãe pia”, “Mãe querida”, “Mulher peregrina”, “Nobre senhora”, “Santa Aparecida”, “Santa morena”, “Senhora gloriosa, “Senhora milagrosa”, “Virgem bela”, “Virgem poderosa”, “Angelica Rainha” e outros que estão inseridos no conjunto de epítetos em exposição.

Pode-se destacar também um número considerável de títulos que funcionam como adjunto adnominal, todavia representados por palavras ou locuções de valor adjetivo que acompanham um núcleo substantivo (KURY, 1985): “Mãe de Deus”, “Mãe de Jesus”, “Maria da Assunção”, “Maria da Conceição”, “Cheia de graça”, “Companheira de libertação”, “Escolhida de Deus”, “Honra da humanidade”, “Mãe cheia de graça”, “Mãe de belleza immortal”, “Mãe de misericórdia” e outros. Enfim, são elementos que estão bem evidenciados nos cantos e que, por sua vez, dignificam o nome de Maria.

Os seguintes epítetos: “Mãe de Deus e nossa”, “Mãe de todos nós”, “Maria de nosso chão”, “Maria de nossos caminhos” e “Nossa Senhora”, evidenciam a utilização do pronome possessivo nos títulos, reforçando aquilo que “pertence” ao povo, uma forma de melhor aproximação entre aquele que crê e Maria.

Essa separação dos tratamentos qualificativos apresenta um sentido de amplitude do assunto, deixando-se um espaço em aberto para que pesquisas futuras possam tratar dos elementos linguísticos e gramaticais presentes nas centenas de termos qualificativos presentes nos cânticos mariais abordados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de cantos explorados no *corpus* desta pesquisa apresentou muitas informações sobre a vida terrena de Maria e os cânticos que ela inspirou, buscando evidenciar os epítetos presentes nesses textos.

A falta de mais informações históricas de Maria é compensada pela qualidade e pelos títulos que os textos que são apresentados neste trabalho trazem, e que esta exposição coloca em relevo, pois os cânticos tentaram, de uma forma ou de outra, elucidar o papel libertador dessa mulher, a qual apresenta um sentido especial na vida de muitos cristãos.

Para Leonardo Boff (1990), por exemplo, sem Maria faltaria algo na história de todos os homens, na medida em que estaríamos privados da colaboração e presença da mulher que compõe a "outra metade dos seres humanos". Os relatos que encontramos sobre a Virgem Maria são sempre fecundos, passíveis de serem aproveitados para esclarecer e aptos para serem divulgados.

As centenas de tratamentos qualificativos que tivemos a oportunidade de conhecer, por meio dos textos marianos, são particularidades que se não tivessem sido tornadas públicas e populares por meio dos cânticos marianos não teríamos tido a oportunidade de conhecê-los e estudá-los.

São muitas as probabilidades de se encontrar um cântico em homenagem à Maria, pois ela tem um lugar de destaque na linguagem orante da vida cristã: orações[142], cantos, novenas, poemas e devoções. Dentre as orações podemos citar as seguintes: o Rosário, a Ave Maria, o Anjo do Senhor, a Salve Rainha, a Ladainha de Nossa Senhora, a Litania Lauretana, o pequeno ofício da Madona e a Corôa das Sete Dôres; sem contar ainda: os meses de maio, setembro e outubro que são especialmente consagrados à Maria; um culto semanal ao qual é dedicado o sábado; cânticos e festas em homenagem à Virgem; e há também o culto perpétuo a que se consagram as Associações marianas (Ordens, Confraternidades, Associações de jovens).

O estudo, elaborado essencialmente por meio da história de Maria e dos epítetos encontrados nos cinquenta cânticos, teve como ponto de partida a seleção dos hinos, que, por sua vez, estavam distribuídos em vários exemplares de livros de cânticos; os quais podem ser

[142] Ver Anexo 2.

encontrados nas Igrejas Católicas de norte a sul do Brasil e em outras localidades que têm a função de divulgar os trabalhos sobre o tema mariano.

Em todos os textos marianos pesquisados conseguimos encontrar um tipo de tratamento qualificativo, sendo que os menos visíveis, mas não menos importantes, foram aqueles que apresentaram um "simples título", já vistos em outras situações, como, por exemplo, a utilização dos termos "mãe", "nossa mãe", "Mãe de Deus e nossa" e "Ave Maria". Em alguns poucos casos encontramos a utilização do próprio nome "Maria", que não se encaixa aqui como um qualificativo da Santa, já que é o próprio nome dela.

Fazendo o levantamento dos diversos títulos que foram confiados à Maria, pôde-se averiguar que um grande número deles é voltado para a ideia de uma santa libertadora, que tem por função primordial cuidar dos pobres e libertá-los do pecado e das desesperanças. Assim, chegou-se a conclusão de que os muitos cantos que são divulgados no meio do povo tratam de temas recorrentes, que valorizam Maria. A Santa é uma inspiração na realidade vivida no Brasil, para muita gente que busca a libertação espiritual, conforto, esperança, inspiração e outros tipos de auxílio.

Evidentemente a faculdade inventiva da piedade popular é orientada em direção à Maria, como foram esses cânticos. A piedade mariana é um dos aspectos mais importantes da devoção católica contemporânea – do culto da virgem Maria esperam-se os mais excelsos benefícios –, seja na vida, na morte e após a morte. Os cânticos divulgam então as graças da "Estrela fulgurante" e os epítetos tratam de confirmá-las.

Portanto, o estudo dessas cantigas trouxe uma série de informações que tornaram possível o reconhecimento da importância dessa figura religiosa na cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO (Santo). *A Virgem Maria*: cem textos marianos com comentários. São Paulo: Paulus, 1996.

ALBERTON, Valério. *O Rosário de Vieira.* São Paulo: Loyola, 1994.

AUGRAS, Monique. *Todos os santos são bem-vindos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

AUTRAN, Aleixo Maria. *A humilde Virgem Maria.* São Paulo: Editora FTD, 2001.

AZEVEDO, Manuel Quitério. *O culto a Maria no Brasil*: história e teologi*a*. Aparecida, SP: Editora Santuário/Academia Marial, 2001.

AZZI, Riolando. A espiritualidade popular no Brasil: um enfoque histórico. *Revista Grande Sinal*, Petrópolis, Vozes, ano XLVII, 1994.

BEINERT, Wolfgang (Org.). *O culto a Maria hoje*. São Paulo: Paulinas, 1979.

BERCEO. *Milagros de Nuestra Señora*. 6. ed. Madri: Espasa-Calpe, 1964.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional; Edições Paulinas, 1990. (Edição Pastoral).

BÍBLIA SAGRADA. 87. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1992. (Edição Claretiana).

BOFF, Clodovis Maria. *Maria na cultura brasileira*. Aparecida, Iemanjá, N. S. da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Mariologia social*: o significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Leonardo. *A Ave-Maria*: o feminino e o Espírito Santo. Petrópolis: Vozes, 1990.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CADERNO DE CÂNTICOS populares para o 1° Congresso Nacional da Padroeira do Brasil. São Paulo: [s.n.], 1954.

CANTICOS ESPIRITUAES para Aulas de Catechismo. São Paulo: Escolas Prof. Salesianas, 1913.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência*: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

COYLE, Khatleen. *Maria na tradição cristã*: a partir de uma perspectiva contemporânea. São Paulo: Paulus, 1999.

DICIONÁRIO AURÉLIO. *O minidicionário da Língua Portuguesa*: século XXI. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

DIOCESE DE SOROCABA (Org.). *Perseverai na oração*. 2. ed. Sorocaba, SP: Diocese de Sorocaba, 1988.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1998.

ECKHART, Mestre. *Tratados e sermões*. São Paulo: Edição Paulinas, 2009.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, 1983.

_____. *Imagens e símbolos*: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FONSECA, Joaquim. *Elementos para o estudo da colocação do epíteto em português*. 1970. Dissertação (Mestrado) – Licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1970. (Texto policopiado).

FORTE, Bruno. *Maria a mulher ícone do Mistério*: ensaio de mariologia simbólico-narrativa. São Paulo: Paulinas, 1991.

FRANÇA, Maria Cecília. *Pequenos Centros Paulistas de Função Religiosa*. 1972. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

GABRIELLI, Fátima. *Cifras e partituras*. Disponível em: <http://www.fatimagabrielli.com.br/cifrasepartituras.php>. Acesso em: 10 out. 2008.

GRASSI, Joseph. *Mary, Mother & Disciple*. Wilmington, DE: Michel Glazier, 1988.

HOONAERT, Eduardo. *A história do catolicismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1979.

HORSLEY, Richard. *The liberation of Christmas*: the infancy narratives in Social Context. New York: Crossroad Publishing, 1989.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

JUVENTUDE MARIANA VICENTINA. *Cânticos marianos*. Disponível em: <www.jmvportugal.no.sapo.pt/musicas/canticos_marianos.html>. Acesso em: 05 out. 2008.

KOCH, Ingedore V.; SILVA, M. Cecília P. S. *Lingüística aplicada ao português*: sintaxe. São Paulo: Cortez, 1985.

KOLLING, Miria Therezinha. Desenvolvido por Ir. Miria Therezinha Kolling. Disponível em: <www.irmamiria.com.br>. Acesso em: 05 out. 2008.

KOLLING, Miria Therezinha; BORTOLINI, José. *Nas asas do amor*. São Paulo: Paulus, 2003.

KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras*: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática 1993.

KRIEGER, Murilo. *Maria na piedade popular*. São Paulo: Paulus, 2005.

KURY, Adriano. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1985.

LARRAÑAGA, Inácio. *O silêncio de Maria*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

LE GOFF, Jacques. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. Bauru: IIEDUSC, 2006.

LITURGIA DAS HORAS I. 3. ed. [São Paulo]: Editora Vozes; Edições Paulinas; Editora Salesiana; Dom Bosco, 1985.

LIVRO DE CÂNTICO: caminhando e cantando. 7. ed. Jales, SP: Pastoral litúrgica, 2005.

LIVRO DE CÂNTICO: cantai ao Senhor. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

LIVRO DE CÂNTICO: cantando a libertação. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

LIVRO DE CÂNTICO: cantos de libertação. 2. ed. [Campo Grande]: RGA Gráfica, 1985.

LIVRO DE CÂNTICO: cantos pastorais. Cantai ao Senhor um canto novo. 5. ed. Sorocaba: Ed. Paulus, 2001.

LIVRO DE CÂNTICO da Paróquia S. José Algueirão, Men-Martins, Mercês, 2004-2005.

MACHADO, J. C. *Aparecida na história e na literatura.* São Paulo: [s.n.], 1969.

MARCELO, João Rangel. *Imagens de uma devoção*: as peregrinações aos santuários de Nossa Senhora Aparecida e Nuestra Señora de Caacupé. 2006. Dissertação (Mestrado) – Integração da América Latina, ECA/FD/FE/FEA/FFLCH/FAU, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MARINS, José. *Maria libertadora na caminhada da Igreja.* São Paulo: Editora Ave Maria, 1986.

MASCIARELLI, Michele Giulio. Maria "LA CREDENTE". In: CONVEGNI MARIANI. *Maria nel Catechismo della Chiesa Cattolica*. Roma: Centro de Cultura Mariana, 1993. p. 21-56.

_____. *Invocações da Virgem Maria no Brasil*. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MESSIAS, José Mauro et al. *Negras raízes pantaneiras*: pelo reencantamento do mundo. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005.

MIEGGE, Giovanni**.** *A Virgem Maria*: ensaio de história do dogma. São Paulo: Editora Vozes, 1962.

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS. Desenvolvido pelo Claret. Disponível em: <http://www.claret.org>. Acesso em: 05 out. 2008.

MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NEVES, José Simõis. *Origem da poesia rítmica*: hinos litúrgicos, Santo Ambrósio. [S.I.]: Editora F. França Amado, 1918

OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de. *Religiões Populares*. São Paulo: Paulinas, 1988. (Curso de Verão - ano II).

PAGELS, Elaine. *Adão, Eva e a serpente*. Rio de Janeiro: Roco, 1992.

PAROCHIA DE MOGY DAS CRUZES. *Cânticos para a peregrinação à Basilica de Nª Sª Apparecida: homenagem à Maria Immaculada*. Mogi das Cruzes: TYP. e Papelaria do commercio, 1917. (Approvação e benção do Exmo. e Revd. Snr. Arcebispo Metropolitano).

PASTORAL DO INSTITUTO SANTO INÁCIO. *Livro de cânticos*: canta povo de Deus. Belo Horizonte: Edições Loyola, 1994.

PELIKAN, Jaroslav. *Maria através dos séculos*: seu papel na história da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

POLÓNIA, Amélia. Navegação e astronomia medieval. *Revista da Faculdade de Letras e História*, Porto, série III, v. 6, 2003.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1989.

REIS, Martha do. *O culto à Senhora Aparecida*: síntese entre o catolicismo oficial e o popular no Brasil. 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciência, UNESP, São Paulo, 1999.

ROSSI, Marcelo. *Maria, mãe de todos nós*. Disponível em: <http://mariamaedetodosnos.padremarcelorossi.letrasdemusicas.com.br/>. Acesso em: 05 out. 2008a.

_____. *Nossa Senhora (mãe querida)*. Disponível em: <http://www.nossasenhoramaequerida.padremarcelorossi.letrasdemusicas.com.br/>. Acesso em: 10 out. 2008b.

RUBINI, Ático (Org.). *Livro Magnificat*: manual do cantor. Hinos e cânticos espirituaes. São Paulo: FTD, 1956.

SALES, Francisco. *Filotéia ou introdução à vida devota*. Tradução de João José P. de Castro. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHREINER, Klaus. *De Serva do Senhor a nobre Senhora e Rainha celeste*. In: _____. *Maria: Virgen, Madre, Reina*. Barcelona: Herder, 1996. Cap. VIII.

SILVA, Jairo José Reis da. *A imagem de Maria na cidade de Duque de Caxias*: mulheres católicas e a teologia da libertação. 1994. Tese (Mestrado) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 1994.

SOUSA, Cruz e. *Poesia Completa*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura; Fundação Banco do Brasil, 1993.

SOUZA, Juliana Beatriz. *Mãe negra de um povo mestiço*: história da devoção à Nossa Senhora da Conceição Aparecida e identidade nacional no Brasil (1717 – 1930) . Rio de Janeiro: UFF, 1996.

VATICANO. Desenvolvido pelo Vaticano. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pag>. Acesso em: 10 abr. 2008).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BORBA, Francisco S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

ORDEM DOS SERVOS DE MARIA: Opção pelos pobres. In: _____. *Fazei tudo o que ele vos disser*: reflexões e propostas para a promoção da piedade mariana. São Paulo: Paulinas, 1985.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GALVÃO, Antônio Mesquita.*O rosto de Maria*. São Paulo: Editora Ave Maria, 1992.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara. *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres*: u*m ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987. (Coleção Teologia e Libertação 13).

GONZÁLEZ, Antônio. *De Maria conquistadora a Maria libertadora*: Mariologia popular latino-americana. São Paulo: Loyola, 1992.

JOHNSON, Elizabeth. Mary and the Image of God. In: DONELY, Doris (Ed.). *Woman of Nazareth*: biblical & theological perspectives. New York: Paulist Press, 1989.

LIVRO DE CÂNTICO*: Tomai, Senhor e recebei!*...Cantos e orações. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

MEGALE, Nilza Botelho. *112 invocações da Virgem Maria no Brasil*. Petrópolis: Vozes,1986.

_____. *Maria na religiosidade popular*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2007.

MONTOYA, Jesús. *Alfonso X el Sabio*: Cantigas. Madrid: Letras Hispânicas, 1988.

PAREDES, Jose Cristo Rey Garcia. *Maria a mulher do reino de Deus*. Tradução de Attilio Cancion. São Paulo: Ave Maria, 1984.

PIAGET, Jean. *Psicologia da inteligência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO. nº 3, 2003.

SANTOS, José Trindade. *Antes de Sócrates*: introdução ao estudo da filosofia grega. Lisboa: Gradiva, 1985.

TAVARD, George Henry. *As múltiplas faces da Virgem Maria*. São Paulo: Paulus, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1 – O CÂNTICO DE MARIA, MAGNIFICAT

Então Maria disse:
“Minha alma proclama a grandeza do Senhor,
meu espírito se alegra em Deus, meu salvador,
porque olhou para a humilhação de sua serva.
Doravante todas as gerações me felicitarão,
porque o Todo-Poderoso realizou grandes obras em meu favor:
seu nome é santo,
e sua misericórdia chega aos que temem, de geração
em geração.
Ele realiza proezas com seu braço:
dispersa os soberbos de coração,
derruba do trono os poderosos e
eleva os humildes;
aos famintos enche de bens,
e despede os ricos de mãos vazias.
Socorre Israel, seu servo,
lembrando-se de sua misericórdia,
– conforme prometera aos nossos pais –
em favor de Abraão e de sua descendência,
para sempre.” [143]

[143] Lucas (1:46-55).

ANEXO 2 – ORAÇÕES[144]

ROSÁRIO

Em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo, Amem.
Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém.

Creio em Deus Pai (Credo)
Creio em Deus Pai, todo-poderoso, criador do Céu e da Terra,
e em Jesus cristo seu único filho, Nosso Senhor,
que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria
padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado.
Desceu a mansão dos Mortos, ressuscitou ao terceiro dia
Subiu ao Céu, está sentado ã direita de Deus pai, todo-poderoso;
donde há de vir a julgar os vivos e os mortos.
Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos,
na remissão dos pecados, na ressurreição da carne,
na vida eterna.
Amém.

Ave Maria
Ave maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.
Bendita sois vós entre todas as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus.
Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte.
Amém.

Pai Nosso
Pai nosso que estais no Céu, santificado seja o vosso nome
venha a nós o vosso Reino,seja feita a vossa vontade,
assim na terra como no Céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido
e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

[144] As três orações foram retiradas do livreto *Perseverai na oração* (DIOCESE DE SOROCABA, 1988).

Amém
Antes do Salve Rainha, no terço
Infinitas graças vos damos Soberana Rainha, por todas as graças que
todos os dias recebemos de vossas mãos liberais.
Dignai-vos agora e para sempre sermos dignos de vosso poderoso
amparo e para mais vos saudamos com uma Salve Rainha.

Salve Rainha
Salve Rainha, Mãe de Misericórdia,
vida, doçura e esperança nossa salve.
A vós bradamos os degredados filhos de Eva,
A vós suspiramos gemendo e chorando neste vale de lágrimas
Eia pois advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nos volvei
e depois deste desterro mostrai-nos Jesus, bendito fruto de vosso ventre,
ó clemente, ó piedosa ó doce sempre Virgem Maria.

Rogai por nós Santa Mãe de Deus,
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos
Ó Deus, cujo Filho Unigênito, por sua morte, vida e ressurreição,
nos alcançou os prêmios da vida eterna, concedei, nós vos imploramos,
que honrando estes mistérios pelo sacratíssimo Rosário da Bem-aventurada
Virgem Maria, imitemos o que contêm e obtenhamos o que prometem.
Pelo mesmo Jesus Cristo, Senhor Nosso.
Amém

Glória
Glória ao Pai ao Filho e ao Espírito Santo
Como era no princípio, agora e sempre.
Amém.

Ó Meu Jesus
Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos
do fogo do inferno e socorrei principalmente
os que mais precisarem de vossa misericórdia.

LADAINHA DE NOSSA SENHORA

Senhor, tende piedade de nós.
Jesus Cristo, tende piedade de nós.
Senhor, tende piedade de nós.
Jesus Cristo, ouvi-nos.
Jesus Cristo, atendei-nos.
Deus Pai dos Céu, tende piedade de nós.
Deus Filho, Redentor do mundo, tende piedade de nós.
Deus Espírito Santo, tende piedade de nós
Santíssima Trindade, que sois um só Deus, tende piedade de nós.

Santa Maria, rogai por nós
Santa Mãe de Deus, rogai por nós.
Santa Virgem das virgens, rogai por nós.
Mãe de Jesus Cristo, rogai por nós.
Mãe da divina graça, rogai por nós.
Mãe puríssima, rogai por nós.
Mãe castíssima, rogai por nós.
Mãe imaculada, rogai por nós.
Mãe intacta, rogai por nós.
Mãe amável, rogai por nós.
Mãe admirável, rogai por nós.
Mãe do bom conselho, rogai por nós.
Mãe do Criador, rogai por nós.
Mãe do Salvador, rogai por nós.
Virgem prudentíssima, rogai por nós.
Virgem venerável, rogai por nós.
Virgem louvável, rogai por nós.
Virgem poderosa, rogai por nós.
Virgem benigna, rogai por nós.
Virgem fiel, rogai por nós.
Espelho de justiça, rogai por nós.
Sede de sabedoria, rogai por nós.
Causa de nossa alegria, rogai por nós.

Vaso espiritual, rogai por nós.
Vaso honorífico, rogai por nós.
Vaso insigne de devoção, rogai por nós.
Rosa Mística, rogai por nós.
Torre de Davi, rogai por nós.
Torre de marfim, rogai por nós.
Casa de ouro, rogai por nós.
Arca da Aliança, rogai por nós.
Porta do Céu, rogai por nós.
Estrela da manhã, rogai por nós.
Saúde dos enfermos, rogai por nós.
Refúgio dos pecadores, rogai por nós.
Consoladora dos aflitos, rogai por nós.
Auxílio dos cristãos, rogai por nós.
Rainha dos anjos, rogai por nós.
Rainha dos patriarcas, rogai por nós.
Rainha dos profetas, rogai por nós.
Rainha dos apóstolos, rogai por nós.
Rainha dos mártires, rogai por nós.
Rainha dos confessores, rogai por nós.
Rainha das virgens, rogai por nós.
Rainha de todos os santos, rogai por nós.
Rainha concebida sem pecado original, rogai por nós.
Rainha da Assunção, rogai por nós.
Rainha do Santo Rosário, rogai por nós.
Rainha da paz, rogai por nós.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, perdoai-nos, Senhor,
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, ouvi-nos, Senhor,
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós, Senhor

Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DE APARECIDA

Ó Virgem Maria, abençoada sois vós
pelo Senhor Deus Altíssimo
entre todas as mulheres da terra.
Vós sois a glória de Jerusalém,
vós a alegria de Israel,
vós a honra do nosso povo.
Salve, ó Virgem, honra de nossa terra,
a quem rendemos um culto de piedade e veneração,
a quem chamamos com o belo nome de Aparecida.
Quem poderia contar, ó doce Mãe,
quantas graças, durante tantos anos,
vós dispensastes ao povo brasileiro,
compadecida dos nossos males?
Quisemos cingir vossa cabeça sagrada
com uma coroa de ouro,
que vos é devida por tantos títulos;
continuai a dobrar-vos benignamente às nossas preces.
Quando erguemos aos céus nossas mãos suplicantes,
ouvi, clemente, os nossos rogos, ó Virgem;
conservai nossas almas afastadas da culpa e,
por fim, conduzi-nos ao céu.
Salvação, honra e poder Àquele que, uno e trio,
nos fulgores do seu trono celeste,
governa e rege todo o universo.
Nossa Senhora da Conceição Aparecida,
rogai por nós.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo